

Gabriele Cristine Carvalho

**UM ESTUDO DESCRITIVO DOS PREDICADORES EXPERIENCIAIS
PSICOLÓGICOS, FÍSICOS, EPISTÊMICOS E DE PERCEPÇÃO
DO PORTUGUÊS : ANÁLISE DAS CORRELAÇÕES SINTÁTICO-
SEMÂNTICAS ORIENTADA PELA FREQUÊNCIA
DOS TIPOS DE CONSTRUÇÕES MORFOLÓGICAS**

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2008

Gabriele Cristine Carvalho

**UM ESTUDO DESCRITIVO DOS PREDICADORES EXPERIENCIAIS
PSICOLÓGICOS, FÍSICOS, EPISTÊMICOS E DE PERCEPÇÃO
DO PORTUGUÊS : ANÁLISE DAS CORRELAÇÕES SINTÁTICO-
SEMÂNTICAS ORIENTADA PELA FREQUÊNCIA
DOS TIPOS DE CONSTRUÇÕES MORFOLÓGICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística

Linha de Pesquisa: B - Estudo da Variação e Mudança Lingüística

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2008

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos

Dissertação intitulada “*Um estudo descritivo dos predicadores experienciais psicológicos, físicos, epistêmicos e de percepção do português: análise das correlações sintático-semânticas orientada pela frequência dos tipos de construções morfológicas*”, de autoria da mestranda Gabriele Cristine Carvalho, aprovada pela banca examinadora constituída pelas seguintes professoras:

Jânia Ramos – UFMG

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen – UFMG

Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani - UFMG

Orientadora

Belo Horizonte, 02 de setembro de 2008.

AGRADECIMENTOS

A Evelyne Dogliani, a quem faço meu maior agradecimento, pelo incentivo e “esforço” em me tornar uma pesquisadora desde a graduação, pela dedicação incansável, paciência, apoio, colaboração e conhecimento. Agradeço também pelo exemplo de competência, pela confiança e pela orientação segura o que possibilitou a realização desta pesquisa.

Aos meus professores do curso de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras/UFMG por contribuírem para minha formação. Agradeço, em especial, a Márcia Cançado, a Jânia Ramos, a Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen e a Eunice Nicolau, cujas disciplinas ou sugestões me ajudaram a escrever esta dissertação.

A minha família pela solidariedade e incentivo. Agradeço particularmente a minha mãe por ter me ajudado a selecionar meus informantes e me acompanhar na realização das entrevistas.

A todos os meus amigos por me apoiarem neste período difícil. Agradeço, em especial, Michele, Helen, Andréia, Lívia, Fabiana e Marta pela amizade sincera.

Aos amigos que fiz durante o curso: Ana Paula, Andréia, Luciene, Vander, Larissa e Danívia, pela solidariedade. A Ana Paula, principalmente, pela revisão e pelas sugestões.

A Deus por colocar as pessoas certas no meu caminho e por me dar forças para continuar.

“Os meus escritos, todos eles ficaram por acabar, sempre se interpunham novos pensamentos, extraordinárias, inexpulsáveis associações de idéias cujo termo era o infinito. Não posso evitar o ódio que os meus pensamentos têm a acabar seja o que for; uma coisa simples suscita dez mil pensamentos, e destes dez mil pensamentos brotam dez mil inter-associações, e não tenho força de vontade para os eliminar ou deter, nem para os reunir num só pensamento central em que se percam os pormenores sem importância mas a ele associados”.

(Fernando Pessoa)

RESUMO

A presente pesquisa trata do estudo de um subgrupo de predicadores experienciais. Os predicadores experienciais são aqueles que possuem um argumento experienciador e expressam eventos de cognição, emoção e sensação (física ou psicológica). Os grupos de fatores selecionados para a análise desses predicadores foram: a distribuição sintática do experienciador, a realização morfológica dos predicadores, o item lexical e as construções pronominais. Orientada pelos pressupostos da Teoria da Variação (Labov (1972, 2001), a pesquisa tomou por base dados de uso obtidos através de entrevistas gravadas com moradores de Santa Luzia. Registraram-se todas as ocorrências dos predicadores experienciais, o que propiciou a organização de um *corpus* constituído de 1932 dados. A análise orientou-se pelas hipóteses segundo as quais o contexto de uso do pronome é reduzido devido ao grande volume de construções perifrásticas realizadas pelos predicadores experienciais, e que essa característica pode ser variável, de acordo com os traços semânticos dos predicadores. A verificação dessas hipóteses determinou a consideração de diferentes *corpora*, em que se dividiram as ocorrências globais ao longo da análise. Os resultados da análise quantitativa, em que se utilizou o programa para análise de variáveis múltiplas Goldvarb/Varbrul (2001), permitiram constatar que o contexto do pronome é bastante reduzido, que os índices de uso do pronome são praticamente nulos e que a relação entre os traços sintáticos e morfológicos dos predicadores submete-se, de forma geral, aos seus traços semânticos. Em todas as etapas da análise, identificaram-se comportamentos idiossincráticos que permitiram apontar a atuação do fator item lexical.

ABSTRACT

The present research addresses the study of experiential predicators. Experiential predicators bear an experience argument and express events of cognition, emotion and sensation (physical or psychological). The following variables were selected for this analysis: the variation of pronoun constructions, the properties related to the experiencer's distribution in accordance with its syntactic function, the morphological structure of the predicators and the lexical item. Guided by the Theory of Variation and according to Labov (1972, 2001), this research was based on usage data obtained from taped interviews with residents of Santa Luzia city. All experiential predicators occurrences were registered, allowing the organization of a corpus constituted by 1932 data. The research analysis was guided by the assumptions that the context of the pronoun is reduced because of the great amount of periphrastic constructions made by experiential predicators, and that such a characteristic may be variable according to the semantic features of the predicators. Verification of these hypotheses determined the consideration of different corpora, in which global occurrences were divided across the analysis. The outcomes of the quantitative analysis (where the analysis program of multiple variables of Goldvarb/Varbrul 2001 was used) showed that the context of pronoun is rather reduced, the indexes of pronoun use are practically null, and the relations between syntactic and morphological features of predicators are usually subject to their semantic features. Idiosyncratic behaviors were identified in all stages of the analysis, which allowed the indication of an interference of the lexical item factor.

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1– Relação da distribuição sintática do experienciador e da realização morfológica dos predicadores.....	90
Tabela 2 – Relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores de percepção no <i>corpus</i> de Santa Luzia.....	92
Tabela 3 – Relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores de percepção no <i>corpus</i> de Santa Luzia.....	95
Tabela 4 – Relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores físico no <i>corpus</i> de Santa Luzia.....	98
Tabela 5 – Relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores psicológicos no <i>corpus</i> de Santa Luzia.....	110
Tabela 6 – Distribuição dos casos de presença em função do tipo de pronome.....	138
Tabela 7 – Classes semânticas por contexto esperado de cada pronome (<i>corpus</i> 1 – 168 dados).	140
Tabela 8– Comparação entre os dados de entrevistas sociolinguísticas de Ouro Preto, Manhuaçu, Rio de Janeiro, São Paulo, Português Europeu, Santa Luzia, Serro e Belo Horizonte.	143

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência da variante zero, dos reflexivos se e me, no corpus de Ouro Preto.	41
Gráfico 2– Frequência da distribuição sintática do experienciador dos dados do <i>corpus</i> Santa Luzia	88
Gráfico 3 – Realização morfológica dos dados do corpus de Santa Luzia.....	89
Gráfico 4 – Distribuição sintática do experienciador dos predicadores de percepção no corpus de Santa Luzia (144 dados).....	91
Gráfico 5 – Realização morfológica dos predicadores de percepção no corpus de Santa Luzia (144 dados).....	92
Gráfico 6 – Distribuição sintática do experienciador dos predicadores epistêmicos no <i>corpus</i> de Santa Luzia (695 dados).	93

Gráfico 7 - Realização morfológica dos predicadores epistêmicos no.....	94
<i>corpus</i> de Santa Luzia (695 dados).....	94
Gráfico 8 – Distribuição sintática do experienciador dos predicadores físicos no.....	97
<i>corpus</i> de Santa Luzia (509 dados).....	97
Gráfico 9 – Realização morfológica dos predicadores físicos no <i>corpus</i> de	98
Santa Luzia (509 dados).	98
Gráfico 10 – Distribuição sintática dos predicadores psicológicos do <i>corpus</i> de	109
Santa Luzia (584 ocorrências).	109
Gráfico 11 – Realização morfológica dos predicadores psicológicos no <i>corpus</i> de Santa Luzia	109
.....	109
Gráfico 12 – Divisão dos dados do <i>corpus</i> de Santa Luzia de acordo com o contexto.....	136
de ocorrência dos pronomes	136
Gráfico 13 – Distribuição dos casos de presença/ausência do pronome nos dados	137
do <i>corpus</i> de Santa Luzia(168 dados)	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição dos informantes.....	83
Quadro 2 – Propriedades sintáticas apresentadas pelos predicadores experienciais.	127
Quadro 3 – Propriedades apresentadas pelos predicadores de percepção, epistêmicos, físicos e psicológicos.	132
Quadro 4 – Predicadores experienciais divididos por classe semântica e tipo de pronome a que apresentaram contextos relevantes.	139

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	12
0.1- <i>Introdução</i>	12
0.2- <i>Hipóteses</i>	13
0.3- <i>Objetivos</i>	15
0.4- <i>Organização da dissertação</i>	15
CAPÍTULO 1 – OBJETO DE ESTUDO	17
PRIMEIRA PARTE	18
1.1 - <i>Introdução</i>	18
1.2 – <i>Os predicadores experienciais</i>	18
1.3- <i>Termos relacionados à análise dos predicadores experienciais</i>	19
1.3.1- <i>O experienciador</i>	22
1.3.2- <i>Definição das classes semânticas analisadas</i>	26
SEGUNDA PARTE	27
1.1- <i>Introdução</i>	27
1.2- <i>Os predicadores psicológicos: uma explicação semântica</i>	27
1.3- <i>Os predicadores psicológicos sob uma perspectiva variacionista</i>	28
1.3.1- <i>As construções analíticas</i>	32
TERCEIRA PARTE	33
1.1- <i>Introdução</i>	33
1.2- <i>Um estudo sociolingüístico na micro-região Sanfranciscana de Januária</i>	34
1.3 – <i>Um estudo sincrônico e diacrônico: união do modelo formal ao variacionista</i>	36
1.4- <i>Um estudo sociolingüístico na cidade de Ouro Preto e no Português Europeu</i>	39
1.5- <i>Sobre a classificação dos pronomes</i>	44
1.5.1- <i>Os pronomes na Gramática Normativa</i>	45

1.5.2- A classificação de Whitaker-Franchi (1989).....	47
1.5.3- A classificação de Nunes (1990).....	49
1.5.4- A classificação de Rocha (1999).....	50
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	53
PRIMEIRA PARTE – METODOLOGIA DA CLASSIFICAÇÃO E DA ANÁLISE DOS DADOS	53
2.1- <i>Os Corpora utilizados</i>	53
2.2- <i>Os grupos de fatores selecionados para a análise dos predicadores experienciais</i>	56
2.2.1- Classificação do experienciador.....	57
2.2.2- Estrutura morfológica realizada pelo predicador	58
2.2.3- Item lexical	61
2.2.3.1- As construções causativo-ergativas.....	63
2.2.4- As construções pronominais	64
2.2.4.1- Tipo de pronome	66
2.2.4.1.1- Alguns casos específicos – problemas de classificação	67
2.2.4.2- Classes semânticas	71
2.2.4.3- Item lexical.....	72
2.3 - <i>Algumas considerações sobre o viés semântico da análise</i>	72
SEGUNDA PARTE – METODOLOGIA DA COLETA.....	74
2.1- <i>Introdução</i>	74
2.2- <i>Pressupostos teórico-metodológicos do modelo variacionista</i>	74
2.2.3- Fatores não-lingüísticos que orientaram a metodologia da coleta	76
2.3- <i>A coleta dos dados</i>	81
2.4- <i>A amostra</i>	82
2.4.1- Descrição do quadro de informantes.....	83
2.5- <i>Transcrição</i>	83
2.6 – <i>A codificação</i>	83
2.7 – <i>Conhecendo um pouco da história de Santa Luzia</i>	85

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE	88
PRIMEIRA PARTE	88
3.1- <i>Introdução</i>	88
3.2 – <i>Análise dos predicadores de percepção</i>	91
3.2.1- <i>Análise do fator item lexical dos predicadores de percepção</i>	93
3.3 – <i>Análise dos predicadores epistêmicos</i>	93
3.3.1- <i>Análise do fator item lexical dos predicadores epistêmicos</i>	95
3.4 – <i>Análise dos predicadores físicos</i>	97
3.4.1- <i>Análise do fator item lexical dos predicadores físicos</i>	99
3.4.1.1 – <i>Distribuição sintática do experienciador e o fator item lexical</i>	99
3.4.1.2 – <i>Realização morfológica e o fator item lexical</i>	103
3.5 – <i>Análise dos predicadores psicológicos</i>	108
3.5.1- <i>Análise do fator item lexical dos predicadores psicológicos</i>	110
3.5.1.1 – <i>Distribuição sintática do experienciador e o fator item lexical</i>	111
3.5.1.2 – <i>Realização morfológica e o fator item lexical</i>	115
3.6 – <i>Diálogo com trabalhos anteriores</i>	127
3.6.1- <i>Interface sintaxe-semântica-morfologia</i>	127
3.6.2- <i>Tendência à especialização forma-sentido</i>	129
3.7 – <i>Reflexões sobre o comportamento dos itens lexicais</i>	130
3.8- <i>Resumo das classes semânticas analisadas</i>	132
3.9- <i>Conclusão</i>	133
SEGUNDA PARTE	134
3.1- <i>Introdução</i>	134
3.2- <i>Análise das variáveis lingüísticas ausência e presença do pronome</i>	137
3.3- <i>Considerações sobre as variáveis não-lingüísticas</i>	141
3.4 – <i>A análise do pronome em Santa Luzia comparada a de outros trabalhos</i>	142
3.5- <i>Difusão lexical : o fator frequência e o apagamento do pronome</i>	146
3.6- <i>O apagamento do clítico: indícios de gramaticalização?</i>	147

<i>4.5- Conclusão.....</i>	<i>148</i>
TERCEIRA PARTE	149
<i>3.1 - Introdução</i>	<i>149</i>
<i>3.2- Conclusão.....</i>	<i>156</i>
CONCLUSÃO.....	158
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164

APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

0.1- Introdução

A presente pesquisa trata do estudo de um subgrupo de predicadores experienciais, quais sejam, os que se referem a fenômenos psicológicos, cognitivos, físicos e de percepção, levando-se em conta a frequência de correlações sintático-semântico-morfológicas e lexicais. Para estudá-los, elegeram-se os seguintes grupos de fatores de análise: as construções pronominais, a distribuição sintática do experienciador, a realização morfológica dos predicadores e o item lexical.

As construções pronominais serão observadas em relação ao uso dos pronomes reflexivos, recíprocos e pseudo-reflexivos. A distribuição sintática considerará as funções de sujeito e de objeto que exerce o experienciador, que funciona como argumento dos predicadores experienciais. O fator realização morfológica determina que se incluam na análise tanto os verbos experienciais como *preocupar*, *enfartar*, como construções perifrásticas que expressem algum tipo de experiênciação como, por exemplo, *ter preocupação*, *sofrer um infarto*.

A seleção desses fatores de análise orienta-se pela hipótese central que guia esta pesquisa, qual seja: as construções perifrásticas dos predicadores experienciais podem ser apontadas como um fator de favorecimento no apagamento dos pronomes pseudo-reflexivos. Isto é, na medida em que as construções perifrásticas (como, por exemplo, *eu tenho preocupação*) são usadas com o mesmo valor de verdade que as formas verbais propriamente ditas (como, por exemplo, *eu me preocupo*), o contexto de uso das formas pronominais se vê reduzido. Essa hipótese extrai-se de Madureira (2000) que relaciona à baixa frequência de estruturas pronominais ergativas à alta frequência de construções perifrásticas. Tendo-se em conta que a hipótese de Madureira aplica-se somente aos predicadores psicológicos, julga-se pertinente verificar o alcance dessa hipótese para outros predicadores experienciais.

A verificação dessa hipótese, bem como de outras que lhe são relacionadas, e que serão apresentadas adiante, orienta-se pela análise de dados de uso, coletados em entrevistas sociolinguísticas realizadas em Santa Luzia, em 2007. A classificação desses dados reais

orienta-se por análise intuitiva, que leva em conta tanto o conhecimento lingüístico do pesquisador, quanto informações advindas de pesquisas anteriores e de dicionários da língua portuguesa.

0.2- Hipóteses

A hipótese central que guia a pesquisa é: as construções perifrásticas dos predicadores experienciais podem ser apontadas como um fator de favorecimento no apagamento dos pronomes pseudo-reflexivos. Isto é, na medida em que as construções perifrásticas (como, por exemplo, *eu tenho preocupação*) são usadas com o mesmo valor de verdade que as formas verbais propriamente ditas (como, por exemplo, *eu me preocupo*), o contexto de uso das formas pronominais se vê reduzido. Essa hipótese extrai-se de Madureira (2000) que relaciona a baixa freqüência de estruturas pronominais ergativas na classe dos predicadores psicológicos à alta freqüência de construções perifrásticas. Pretende-se verificar se essa hipótese pode ser mantida para os demais predicadores experienciais analisados.

A hipótese central explicita-se da seguinte maneira:

- 1- Os predicadores experienciais privilegiam as construções em que o experienciador se estrutura na função sintática de sujeito (doravante ExpS);
- 2- Nas estruturas ExpS, as construções perifrásticas são favorecidas;
- 3- Nas estruturas em que o experienciador exerce a função de sintática de objeto (doravante ExpO), as construções sintéticas são favorecidas;
- 4- Todos os pronomes sob análise tendem a ser apagados independentemente da classe semântica do predicador;
- 5- Os itens lexicais apresentarão um comportamento idiossincrático tanto na análise das construções pronominais quanto na análise da distribuição sintática do experienciador e da realização morfológica dos predicadores.

Dogliani (2004, 2007) observa que, os predicadores psicológicos estruturam-se preferencialmente com o experienciador na posição de sujeito. Além disso, a autora observa que há uma tendência à especialização forma-sentido nessa classe semântica, pois, quando o

experienciador se realiza na posição de objeto, o predicador freqüentemente apresenta-se na forma sintética e apresenta-se na forma analítica, quando o experienciador se estrutura na posição de sujeito. Observe-se que as três primeiras hipóteses advêm dos trabalhos de Dogliani.

Os trabalhos sobre a variável *se* mostram-nos que, independentemente da classe semântica analisada e, até mesmo, independentemente dos tipos de pronomes analisados, há uma tendência ao apagamento dos clíticos. Madureira (2002) destaca que os predicadores psicológicos, que realizam a propriedade de ergativização, muitas vezes utilizam o pronome *se*, quando realizam estruturas ergativas. Contudo, a autora observou que alguns predicadores, no dialeto mineiro, admitem construções com ou sem o pronome e em outros casos o uso do pronome é que causa estranheza. Além disso, Veado (1980) mostra que o apagamento do pronome é praticamente categórico em sua pesquisa. O trabalho de Rocha (1999), sobre os verdadeiros e os falsos reflexivos, também apresenta altos índices de apagamento do pronome. A partir das análises anteriores e com base em observações não-sistemáticas, acreditamos o apagamento do pronome atingirá todas as classes semânticas analisadas.

Em relação à quinta hipótese, destaque-se que a pesquisa de Veado (1980) mostrou que a presença do pronome na micro-região Sanfranciscana de Januária restringiu-se a um item lexical, qual seja, o predicador *virar*. Os testes de produção de Rocha (1999) mostraram que alguns predicadores sempre se apresentaram acompanhados dos pronomes e com outros predicadores o pronome nunca era usado. Madureira (2000) também observa a atuação dos itens lexicais no processo de variação e mudança lingüística dos predicadores psicológicos. Baseando-se em uma análise sincrônica e diacrônica, a autora postula a existência de três subclasses dentro da classe dos predicadores psicológicos: a) predicadores que apresentam exclusivamente o experienciador na posição de sujeito, b) predicadores que podem apresentar o experienciador na posição de sujeito e de objeto e c) predicadores que apresentam exclusivamente o experienciador na posição de objeto. Madureira destaca que muitos predicadores dos grupos a e c migraram o grupo b. Portanto, acreditamos que os itens lexicais apresentarão comportamentos idiossincráticos em todas as etapas da análise.

0.3- Objetivos

Tendo-se em conta as hipóteses supracitadas, configura-se, como objetivo geral da pesquisa: observar todas as ocorrências (formas verbais e construções perifrásticas) dos predicadores experienciais psicológicos, físicos, epistêmicos e cognitivos que ocorreram nas dezesseis entrevistas realizadas.

Os objetivos específicos são:

1- Classificar, em cada classe semântica, o experienciador, de acordo com as funções sintáticas de sujeito e de objeto, que o mesmo exerça;

1.1- Verificar o papel do item lexical na estruturação do experienciador na função sintática de sujeito ou de objeto;

2- Classificar e quantificar, em cada classe semântica, o tipo de realização morfológica dos predicadores em: a) sintética, b) analítica ou c) pronominal;

3- Analisar a relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores;

4- Analisar o volume de estruturas pronominais referentes aos clíticos reflexivos, pseudo-reflexivos e recíprocos dos predicadores experienciais, na fala dos informantes de Santa Luzia;

4.1- Verificar o papel do item lexical na variação das construções pronominais;

5- Verificar, em cada classe semântica, se as construções perifrásticas presentes no *corpus* a) ocorreram e, em caso afirmativo; b) em que volume e c) se podem restringir o contexto de ocorrência do pronome pseudo-reflexivo;

5.1- Verificar o papel do item lexical na restrição do contexto de ocorrência do pronome pseudo-reflexivo.

0.4- Organização da dissertação

No primeiro capítulo, será apresentado o objeto de estudo da presente pesquisa. Esse capítulo divide-se em três partes. Na primeira parte, apresentaremos a definição dos

predicadores experienciais, dos predicadores que compõem as classes semânticas analisadas e de termos relacionados à análise desses predicadores. Na segunda parte, será feita uma revisão da literatura sobre os predicadores psicológicos. E, na terceira parte, serão apresentados estudos que tratam sobre variável *se* e sobre a classificação dos pronomes. Nesta parte, também serão apresentados os critérios adotados para a classificação dos clíticos pela Gramática Normativa e pelos autores em que se baseia esta pesquisa.

O segundo capítulo se divide em duas partes. Apresenta-se, na primeira parte, a metodologia usada para a análise dos dados, ou seja, são apresentados os grupos de fatores distribuição sintática do experienciador, a realização morfológica dos predicadores, o item lexical e as construções pronominais. Na segunda parte, apresenta-se a metodologia usada na coleta dos dados. Serão apresentadas considerações sobre os pressupostos teórico-metodológicos do modelo variacionista laboviano, sobre a amostra, a coleta dos dados, a transcrição, sobre o quadro de informantes e sobre a codificação.

O terceiro capítulo está reservado para a análise. O capítulo da análise se divide em três partes. Na primeira parte, analisam-se os fatores distribuição sintática do experienciador, a realização morfológica dos predicadores e o item lexical no conjunto dos dados do *corpus* de Santa Luzia. Na segunda parte da análise, serão analisadas as construções pronominais nos dados que exibem o contexto de uso do pronome. Nessa parte, serão analisados os fatores lingüísticos e não-lingüísticos adotados na metodologia para a análise dessas construções. Na terceira parte da análise, será verificada a hipótese de que as formas analíticas restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo.

Na conclusão apresentam-se algumas considerações sobre os objetivos propostos e os resultados alcançados.

CAPÍTULO 1 – OBJETO DE ESTUDO

Como se viu na introdução da dissertação, os predicadores experienciais serão analisados de acordo com os grupos de fatores: distribuição sintática do experienciador, a realização morfológica dos predicadores, o item lexical e as construções pronominais. Neste capítulo, serão apresentados conceitos relacionados à definição dos predicadores experienciais, resenhas de estudos sobre os predicadores psicológicos e pesquisas que analisaram a variável *se*. Algumas resenhas tratam exclusivamente dos predicadores psicológicos, pois estudos anteriores sobre esses predicadores determinaram as hipóteses norteadoras desta pesquisa e apontam a relevância de se adotarem os grupos de fatores selecionados acima para a análise dos predicadores experienciais. Também serão apresentadas resenhas sobre variável *se*, pois as construções pronominais são, ao mesmo tempo, um grupo de fatores selecionados para a análise dos predicadores experienciais e tornam-se, momentaneamente, objeto de estudo em uma determinada parte da análise. Este capítulo divide-se, portanto, em três partes.

Na primeira parte, serão apresentados os conceitos de predicadores experienciais, o conceito de cada classe semântica analisada e conceitos relacionados à análise dos predicadores experienciais, quais sejam, ergativização, causativização, predicadores causativo-ergativos e diátese. Na segunda parte do capítulo, será apresentada a pesquisa que Cançado (1996), baseando-se em dados intuitivos, realizou sobre os predicadores psicológicos; o trabalho de Madureira (2002), em que foram utilizados dados de uso, sobre as construções pronominais dos predicadores psicológicos e a pesquisa de Dogliani (2004) sobre algumas propriedades realizadas por esses predicadores. Na terceira parte do capítulo, serão resenhados trabalhos que trataram exclusivamente da variável *se*. Na seção 1.2, serão feitas considerações sobre o estudo que Veado (1980) realizou na micro-região Sanfranciscana de Januária/MG. Em seguida, será apresentado o trabalho de Nunes (1990) sobre as construções com o *se* passivador e o *se* indeterminador. Na seção 1.4, encontra-se um estudo sociolinguístico do pronome reflexivo na cidade de Ouro Preto e no Português Europeu realizado por Rocha (1999). Apresentamos, na seção 1.5, a classificação que os pronomes recebem na Gramática Tradicional e nos trabalhos de Whitaker-Franchi (1989), Nunes (1990)

e Rocha (1999). Também são apresentados os critérios adotados por cada autor para a classificação do pronome.

PRIMEIRA PARTE

1.1 - Introdução

Nesta primeira parte, serão apresentados os conceitos de predicadores experienciais, o conceito de cada classe semântica analisada e conceitos relacionados à análise dos predicadores experienciais, quais sejam, ergativização, causativização, predicadores causativo-ergativos e diátese.

1.2 – Os predicadores experienciais

Os predicadores experienciais possuem um argumento experienciador e expressam eventos de cognição, emoção e sensação. A presente pesquisa trata do estudo de um subgrupo de predicadores experienciais, quais sejam, os que se referem a fenômenos psicológicos, cognitivos, físicos e de percepção.

Adotamos o termo *predicador* e não *verbo*, porque não serão analisados apenas os verbos psicológicos, físicos, cognitivos e de percepção, mas também construções analíticas semanticamente correspondentes às formas verbais dicionarizadas dos predicadores experienciais analisados e também construções perifrásticas experienciais que não possuem uma forma verbal dicionarizada semanticamente correspondente (cf. seção 2.2.2 referente à primeira parte do capítulo 2). Dessa forma, também serão considerados predicadores experienciais construções como: *ter sarampo*, *ficar preocupado*, *ter medo*, *fazer cirurgia*, *passar vergonha*, etc.

Estudos anteriores – Cançado (1995, 1996), Whitaker-Franchi (1989), Madureira (2002) e Dogliani (2004) – mostraram que os predicadores psicológicos apresentam interessantes propriedades, como se verá adiante. Dentre essas, destaca-se a propriedade de ergativização que exhibe variação no dialeto mineiro. Por exemplo, partindo-se de (1a), ilustra-se em (1b) a ergativização com o pronome e em (1c) a ergativização sem o pronome.

- a) a) João preocupa Maria.
- b) Maria se preocupa com João.
- c) Maria preocupa com João.

Esse processo parece se estender a numerosos outros predicadores como *assustar*, *animar*, *divertir*, etc. Sabendo-se que o pronome reflexivo também sofre apagamento, será interessante relacionar a extensão dos dois processos, o apagamento do *se* reflexivo e do *se* ergativo.

1.3- Termos relacionados à análise dos predicadores experienciais

Alguns termos utilizados no decorrer da dissertação serão apresentados nesta seção, quais sejam, ergativização, causativização, predicadores causativo-ergativos e diátese.

Há duas hipóteses para a origem do termo *ergativo*. Essa denominação pode ter se originado do sistema de casos ergativo-absolutivos (cf. Souza, 1999 *apud* Ciríaco, 2007) ou das línguas ergativas. As línguas de caso ergativo-absolutivo são aquelas em que o sujeito pode receber diferentes tipos de caso, dependendo da transitividade dos verbos. O sujeito recebe o caso ergativo, quando o verbo é transitivo e, quando o verbo é intransitivo, o sujeito recebe o caso do objeto direto de um verbo transitivo. Dessa forma, os verbos, na forma intransitiva, que apresentam como sujeito o objeto da forma transitiva passaram a ser denominados ergativos. O termo também poderia ter se originado das línguas ergativas, que são aquelas que apresentam as sentenças geralmente na perspectiva do afetado, diferentemente das línguas modernas, que apresentam normalmente o agente na posição de sujeito.

Dessa forma, ergativização é um processo sintático-semântico em que o argumento interno de um verbo transitivo é alçado para a posição do argumento externo. Por exemplo, em *Maria preocupa João*, o verbo *preocupar* apresenta-se na forma transitiva; *Maria* é o argumento externo e *João* é o argumento interno. A partir dessa sentença, podemos encontrar uma construção como *João (se) preocupa*, em que o argumento interno da primeira sentença foi alçado para a posição do argumento externo. Destaque-se que houve uma mudança da diátese verbal, pois a primeira sentença apresenta-se na perspectiva do agente e a segunda apresenta-se na perspectiva do afetado. Causativização também é um processo sintático-semântico, porém ocorre com verbos intransitivos. Nesse caso, uma sentença que se apresentava na perspectiva do afetado, passa a apresentar a perspectiva do agente. Por exemplo, em *O nenê acordou*, o verbo *acordar*, que exibe um argumento com o papel temático de afetado na posição de sujeito, ao se causativizar, como podemos encontrar, por exemplo, na frase *O barulho acordou o nenê*, passa a apresentar um agente como argumento externo¹. (cf. Ciríaco, 2007). Não se pretende, com essas sentenças, destacar a precedência histórica de uma construção sobre a outra.

Faz-se necessário destacar que as construções ergativas não são as únicas que apresentam o alçamento do argumento interno para a posição do argumento externo, o mesmo processo se verifica nas construções passivas e mediais. Segundo Whitaker-Franchi (1989: 28), as passivas diferem-se das ergativas, pois as primeiras mantêm um agente implícito. Daí, observam-se não somente conseqüências para a interpretação, mas para a atribuição do traço de controle. Vejamos os seguintes exemplos apresentados pela autora:

- (2) a) Pedro abriu a porta para [e] fazer passar o piano.
 b) A porta foi aberta para [e] fazer passar o piano.
 c) Abriu-se a porta para [e] fazer passar o piano.
 d) *A porta abriu para [e] fazer passar o piano.

As orações presentes em (2), exibem orações infinitivas finais sem sujeito explícito e como destacaram Chomsky (1981), Manzini (1980) e Roeper (1983) *apud* Whitaker-Franchi (1989), essas orações pressupõem intencionalidade e um sintagma nominal agentivo na oração principal. Dessa forma, a categoria vazia da posição de sujeito da oração infinitiva da sentença (2a) é controlada pelo sujeito da oração principal, por isso é possível a interpretação

¹ Esses dois exemplos foram extraídos de Ciríaco (2007:58).

correferente da categoria vazia e Pedro. As orações (2b) e (2c) são gramaticais, pois como as orações passivas apresentam um agente implícito; esse elemento, mesmo sendo indeterminado, controla a categoria vazia da oração infinitiva. Por isso, temos a interpretação de que alguém abriu a porta para fazer passar o piano. Já a oração (2d) é agramatical, pois houve a detematização do agente, não é possível estabelecer a correferência da categoria vazia.

No que concerne à voz medial, Whitaker-Franchi (1989) destaca que essas construções aproximam-se das ergativas, mas geralmente as construções mediais apresentam significação genérica, descritiva e muitas vezes são modalizadas por um advérbio ou uma negação, como por exemplo, *Esses livros estão vendendo muito*. Círiaco (2007) também declara que as construções mediais, assim como as ergativas, apresentam uma alternância de diátese, mas as primeiras têm uma significação genérica em que o tempo verbal geralmente é o presente. Círiaco acrescenta também que, nas construções ergativas, descreve-se o mesmo evento, mas sob a perspectiva do afetado, ademais, as construções ergativas mostram uma mudança de estado e nas construções mediais não há a descrição de um evento (não há ação ou processo), há simplesmente a descrição de um estado.

Após fazer algumas considerações sobre o termo ergativização, pode-se explicar o que são predicadores causativo-ergativos. Segundo Círiaco (2007: 9), “a alternância causativo-ergativa consiste no fato de um mesmo verbo aparecer em uma sentença causativo-transitiva e numa sentença ergativo-intransitiva”. O predicador *preocupar*, exposto anteriormente, é um predicador que apresenta a alternância causativo-ergativa, pois pode ocorrer em uma sentença causativo-transitiva, como em *Maria preocupa João*, em que o desencadeador da preocupação de João é Maria e João recebe o papel temático de afetado. Esse mesmo predicador pode ocorrer em uma sentença ergativo-intransitiva, como em *João (se) preocupa*. Observe-se que João continua recebendo o papel temático de afetado, pois a atribuição de papel temático não pode se alterar nos predicadores que apresentam essa alternância.

No que concerne ao conceito de diátese, Franchi e Cançado (1997) *apud* Círiaco (2007: 12) declaram que “‘diátese’ de um verbo é um esquema relacional complexo em que se encontra especificado o número de argumentos tomados pelo predicador, a qualidade dos papéis temáticos associados a cada argumento e a orientação da relação estabelecida por esses papéis”. Em outras palavras, um predicador pode se diferenciar de outro pela quantidade de argumentos, por exemplo, o predicador *andar* seleciona um argumento e o predicador *quebrar* seleciona dois argumentos; em relação à qualidade dos papéis temáticos envolvidos, o predicador *andar* seleciona um desencadeador e o predicador *quebrar* seleciona um

desencadeador e um afetado e quanto à orientação da relação, pode-se citar os predicadores *comprar* e *vender*, pois os dois tratam de uma relação comercial, mas a perspectiva em relação ao evento é distinta. As construções ergativas são um exemplo de mudança de diátese, pois um evento que antes era apresentado sob a perspectiva do desencadeador, como em *Paulo quebrou o vaso*, passa a ser apresentado sob a perspectiva do objeto afetado, como em *O vaso (se) quebrou*. Observe-se que alguns recursos morfo-sintáticos são usados para marcar a mudança de diátese do predicador. No caso das construções ergativas, Whitaker-Franchi (1989) e Ciríaco (2007) declaram que o pronome *se* é um marcador morfológico da mudança de diátese do predicador.

Na próxima seção, será apresentada uma definição mais exata de cada classe semântica analisada a partir do conceito *experienciador*, que representa um termo central para os predicadores definidos como experienciais.

1.3.1- O experienciador

Como se viu 1.2, todos os predicadores experienciais possuem como papel temático um experienciador. É necessário, pois, definir o termo experienciador neste trabalho.

Antes, observemos como a literatura que trata dos papéis temáticos define experienciador. Segundo Fillmore (1971) e Cook (1972) *apud* Whitaker Franchi (1989: 64), “experienciador é o papel desempenhado pelo ente animado como sujeito de experiência em um processo psicológico ou estado mental”. Outras relações semânticas também podem ser expressas pelo experienciador, como as relações relacionadas à sensação, emoção e cognição, que também são apresentadas por esse papel, de acordo com Chafe (1970). Em Bogacki (1988), além dessas relações, estariam as de vontade e percepção (*apud* Whitaker Franchi, 1989).

Como se pode ver, a literatura pertinente define experienciador como o sujeito de experiência de um processo psicológico/emocional, mental/cognitivo, de sensação, de percepção e de vontade. Os predicadores experienciais analisados apresentam as relações que a literatura relaciona ao papel de experienciador: os predicadores psicológicos estão relacionados à emoção; os predicadores físicos apresentam fenômenos relacionados à sensação; os predicadores epistêmicos representam um processo mental/cognitivo e os

predicadores de percepção, como o próprio nome mostra, relacionam-se ao campo semântico da percepção.

Contudo, como esse papel semântico recebe diferentes definições na literatura pertinente, será utilizada a proposta de papéis temáticos desenvolvida por Cançado (2002, 2005).

Cançado (2002, 2005) define papel temático como sendo um grupo de propriedades acarretadas pelo predicador a seus argumentos. Quatro propriedades semânticas são apontadas como relevantes gramaticalmente para a análise da rede temática dos verbos: *controle*, *desencadeador*, *afetado* e *estativo*. Dessa forma, o papel temático é a propriedade ou o grupo de propriedades semânticas acarretadas pelo predicador a um argumento, sendo que o *controle* nunca representará sozinho o papel temático de um argumento; ele sempre acompanhará as outras propriedades. A definição dessas propriedades encontra-se abaixo:

- desencadeador (...) é a propriedade acarretada pelo predicador a um de seus argumentos quando este tem algum papel no desenrolar do começo do processo;
- afetado (...) é a propriedade acarretada pelo predicador a um de seus argumentos quando este muda de um estado A para um estado B;
- estado (...) é a propriedade acarretada pelo predicador a um de seus argumentos quando este não é nem o desencadeador do processo, nem é afetado pelo processo (...);
- controle (...) é a propriedade acarretada pelo predicador a um de seus argumentos quando este tem a capacidade de começar o processo, interromper o processo, ou interromper o estado. (Cançado, 2002:10)

A literatura tradicional sobre papéis temáticos diria que em (3) o predicador *temer* atribui papel temático de experienciador a *José* e de tema para *o cachorro* e em (4) o predicador *preocupar* atribui papel temático de causa para *a arrogância de Rosa* e de experienciador para *a mãe*. Observe-se que esses papéis temáticos foram substituídos por um conjunto de propriedades em Cançado (2002, 2005). Dessa forma, para a autora, o predicador *temer*, em (3), atribui papel temático de estado/psicológico para *José* e de estado/objeto de referência para *o cachorro* e o predicador *preocupar*, em (4), atribui papel temático de desencadeador para *a arrogância de Rosa* e de afetado/psicológico com controle para *a mãe*. A propriedade controle pode ser observada, uma vez que *a mãe* pode deixar de se preocupar com *a arrogância de Rosa*. Observem-se os exemplos:

(3) $\left(\begin{array}{c} \text{José} \\ \text{est/psi} \end{array} \right)$ teme $\left(\begin{array}{c} \text{o cachorro} \\ \text{est/obj} \end{array} \right)$

(4) $\left(\begin{array}{c} \text{A arrogância de Rosa} \\ \text{desencadeador} \end{array} \right)$ preocupa $\left(\begin{array}{c} \text{a mãe.} \\ \text{afet/psi,cont.} \end{array} \right)$

Como se vê, o experienciador, na teoria de Cançado (2002, 2005) corresponde às propriedades afetado/psicológico e estado/psicológico para os predicadores psicológicos. Além disso, pode-se notar que, nesses exemplos, as quatro propriedades apontadas por Cançado podem ser subdivididas – estado/psicológico em (3), estado/objeto de referência em (3) e afetado/psicológico em (4) – com o objetivo de se fazer uma descrição mais refinada da rede temática. A autora declara, todavia, que essa subdivisão parece não ser relevante gramaticalmente.

É importante destacar que a propriedade afetado é considerada de forma mais ampla, ou seja, pode se tratar de uma mudança de estado psicológico, como se viu em (4), mudança de posse, mudança de lugar, etc. Em relação à propriedade *estado* ou *estativo*, Cançado (2005) acrescenta à definição anterior que, quando um predicador acarreta essa propriedade a um de seus argumentos, as propriedades desses não se alteram durante um intervalo de tempo, ou seja, o estado $t^1 = \text{estado } t^2 = \text{estado } t^3$. Por exemplo, se é verdade que *João teme o cachorro*, é verdade que o *João* permaneceu com as mesmas propriedades em $t_1, t_2, t_3 \dots t_f$. Essas duas propriedades, afetado e estado, corresponderão ao conceito de experienciador apresentado nesta pesquisa, pois, como se viu em (3) e (4), o termo experienciador foi substituído por essas propriedades em Cançado (2002, 2005).

Nesta pesquisa, como se verá nesse e em outros capítulos, o termo de experienciador será mantido para fins de comparação com outros estudos, porque as pesquisas de Madureira (2002), Dogliani (2004) e Cançado (1996), em que se baseia esta dissertação, utilizam esse termo. Entretanto, o experienciador corresponderá às propriedades *estativo* e *afetado* destacadas por Cançado. Deve ser lembrado, ainda, que, como se está tratando dos predicadores que indicam fenômenos físicos, psicológicos, epistêmicos e de percepção, nem todas as classes apresentarão essas duas propriedades. Vejamos as ocorrências abaixo:

- (5) $\left(\begin{array}{c} \text{Ela} \\ \text{est/cog.} \end{array} \right)$ sabe cantar.
- (6) $\left(\begin{array}{c} \text{A gente} \\ \text{afet/fis.} \end{array} \right)$ apanhava quando era pequeno.
- (7) $\left(\begin{array}{c} \text{Eu} \\ \text{est/perc.} \end{array} \right)$ não ouço nada do que você fala.
- (8) $\left(\begin{array}{c} \text{Maria} \\ \text{est/psic.} \end{array} \right)$ gostava de sair dia de domingo.
- (9) $\left(\begin{array}{c} \text{Ela} \\ \text{afet/psic.} \end{array} \right)$ se assustou muito.

Pode-se ver que na classe dos epistêmicos, representada pelo o predicador *saber* em (5), o predicador atribui papel temático de estado/cognitivo ao argumento *ela*. Em (6), o predicador *apanhar*, que indica um fenômeno físico, atribui o papel temático de afetado/físico ao seu argumento externo. Na ocorrência (7), o predicador de percepção *ouvir* atribui papel temático de estado/percepção ao argumento *eu*. Em (8), o predicador psicológico *gostar* atribui papel de estado/psicológico para *Maria*. E em (9), o predicador psicológico *assustar* atribui papel temático de afetado/psicológico para *ela*. Dessa forma, o experienciador, para os predicadores experienciais analisados nesta pesquisa, corresponderá ao papel temático de²:

- 4 estado/cognitivo, nos predicadores epistêmicos;
- 5 afetado/físico, nos predicadores que indicam fenômenos físicos;
- 6 estado/percepção, nos predicadores de percepção;
- 7 estado/psicológico ou afetado/psicológico, nos predicadores psicológicos.

² A propriedade controle não foi acrescentada aos papéis temáticos, porque para defini-la seria necessário um estudo mais exaustivo da rede temática de cada classe verbal, o que não é o objetivo da atual pesquisa.

É importante ressaltar que Cançado (2002,2005) não utiliza as subdivisões estado/cognitivo, afetado/físico e estado/percepção. A autora utiliza somente as subdivisões estado/psicológico e afetado/psicológico, pois estudou somente a rede temática dos predicadores psicológicos. As outras subdivisões foram propostas pela autora desta pesquisa.

A partir dessa definição de experienciador, na próxima seção, serão apresentados os conceitos de cada classe semântica analisada nesta pesquisa.

1.3.2- Definição das classes semânticas analisadas

Como se viu 1.2, serão analisados os predicadores experienciais que expressam eventos de cognição, emoção e sensação (física ou psicológica). É necessário, pois, definir os predicadores pertencentes a essa classe. Essas definições encontram-se abaixo:

Físicos são predicadores que indicam fenômenos físicos experimentados pelo corpo humano e possuem como uma das propriedades que compõem o seu papel temático, a propriedade de afetado/físico.

Psicológicos são predicadores que denotam um estado emocional e têm um argumento que possui como uma das propriedades que compõem o seu papel temático, a propriedade de afetado/psicológico ou estado/psicológico.

Percepção são predicadores que se relacionam às funções desempenhadas pelos órgãos dos sentidos do corpo humano e possuem como uma das propriedades que compõem o seu papel temático, a propriedade de estado/percepção.

Epistêmicos são predicadores que se relacionam às funções desempenhadas pelos órgãos relacionados à cognição do corpo humano e possuem como uma das propriedades que compõem o seu papel temático, a propriedade de estado/cognitivo.

Observe-se que os papéis temáticos apresentados como afetado/físico, estado/psicológico, afetado/psicológico, estado/percepção, estado/cognitivo serão

apresentados, no decorrer da dissertação, como experienciadores para que se possa comparar os resultados dessa pesquisa com os resultados de outros estudos que utilizaram essa nomenclatura. Destaque-se também que os experienciadores dos predicadores experienciais selecionados ilustram sempre o traço [+humano].

SEGUNDA PARTE

1.1- Introdução

Na segunda parte deste capítulo, serão apresentados os trabalhos que trataram exclusivamente dos predicadores psicológicos. Apesar de se restringirem a esses predicadores, essas resenhas são importantes, pois mostram como os grupos de fatores selecionados são relevantes para a análise desse subgrupo de predicadores e podem ser importantes para os demais predicadores experienciais analisados.

1.2- Os predicadores psicológicos: uma explicação semântica

Cançado (1996: 90) define os verbos psicológicos como aqueles “que denotam um estado emocional e têm obrigatoriamente um argumento experienciador”. A literatura pertinente divide os verbos psicológicos em duas classes, de acordo com a propriedade de ergativização: há um subgrupo em que experienciador só se realiza na posição de sujeito e há outro subgrupo em que o experienciador pode aparecer tanto na posição de sujeito quanto na de objeto direto. Os verbos do primeiro subgrupo são rotulados como pertencentes à classe de *temer*. Podemos verificar, pelos exemplos abaixo, que essa classe de verbos não admite a ergativização:

(10) João teme Maria.

Exp.

(11) *Maria (se) teme.

Já o segundo subgrupo realiza a propriedade de ergativização e é representado pelo verbo *preocupar* na literatura relevante. Podemos observar a propriedade de ergativização, presente nesses verbos, nos seguintes exemplos:

(12) João preocupa Maria.

Exp.

(13) Maria (se) preocupa com João.

Exp.

Como se pode ver em (12), *Maria*, que se encontra na posição de objeto, é o experienciador e em (13), no qual aparece o mesmo verbo, *Maria* continua sendo o experienciador, mas se encontra na posição de sujeito do verbo.

Cançado (1996), trabalhando com dados intuitivos, analisou algumas propriedades sintáticas e semânticas realizadas por esses verbos. Identificando que o comportamento sintático do segundo subgrupo não é uniforme, Cançado propôs a subdivisão desse subgrupo em três: os verbos do tipo de *preocupar* formaram a classe 2, os verbos do tipo de *acalmar* formaram a classe 3 e os verbos do tipo de *animar* constituíram a classe 4.

Dentre as várias propriedades identificadas por Cançado, uma se destaca em análises de cunho variacionista, como se verá em 1.3, a de ergativização.

1.3- Os predicadores psicológicos sob uma perspectiva variacionista

Utilizando dados de uso, Madureira (2002:126) observa que apenas algumas das propriedades apontadas por Cançado se realizam. Além disso, de acordo com uma análise diacrônica, a autora propõe três grupos de verbos:

- i) Verbos que só admitem o experienciador na posição de sujeito (ex: temer, amar, desejar, etc).
- ii) Verbos que admitem o experienciador na posição de sujeito ou na de objeto sintático da oração (...).
- iii) Verbos que só admitem o experienciador na posição de objeto.

Nesse artigo, Madureira relata as conclusões de uma pesquisa diacrônica que observa o comportamento desses verbos, em um *corpus* organizado com textos dos séculos XIV ao século XX. A autora busca entender por que, na língua contemporânea, alguns verbos só admitem a construção ergativa com o pronome *se*, outros não a admitem com o pronome e em outros predicadores, o uso do pronome é opcional. Observe-se o comportamento desses três grupos de verbos, através dos exemplos abaixo³:

- (14) a) Pedro assusta João com seu gênio violento
 b) João se assusta com o gênio violento de Pedro.
 c) João assusta com o gênio violento de Pedro.

- (15) a) João aborrece o amigo com suas lamúrias.
 b) O amigo se aborrece com as lamúrias de João.
 (?) c) O amigo aborrece com as lamúrias de João.

- (16) a) João pasma os amigos com seus relatos.
 (*) b) Os amigos se pasmam com os relatos de João.
 c) Os amigos pasmam com os relatos de João.

Observa-se em (14) que o verbo *assustar* admite a ergativização com o pronome, conforme se vê em (14b), ou sem o pronome (14c). A variação é determinada por contexto de uso. Em (15), percebemos que a construção sem o pronome parece não ser aceitável. E em (16), é exatamente o uso do pronome que põe em questão a aceitabilidade da sentença.

Madureira (2002:113) formula algumas hipóteses para explicar a aceitação/não aceitação do pronome nessas construções. Propõe que, por um lado, a análise dos exemplos

³Exemplos extraídos de Madureira (2002: 110).

(14b) e (15b) permite concluir que, se a forma pronominal aparece largamente em textos escritos e na fala formal, então essa forma é mais antiga, mas observa que, por outro lado, a não aceitação do pronome pelo verbo *pasmar* motiva a consideração de outras hipóteses: “a) o processo de mudança desses verbos é muito antigo, de forma que a realização com o pronome já não é aceitável; b) esses verbos nunca tiveram uma realização pronominal”.

Buscando a origem desses verbos, Madureira os divide em dois grupos: os que eram originalmente inacusativos e os que eram acusativos não causativos. A pesquisadora faz essa divisão, porque acredita que o comportamento atual desses verbos “no que concerne às realizações ergativas relaciona-se às distintas origens” (Madureira, 2002: 113).

A partir da análise diacrônica, Madureira observou que os verbos do tipo acusativo não causativo sofrem, desde o período arcaico e, principalmente, no século XIX, um processo de causativização, o que determinou a emergência de estruturas ambíguas na língua. E propõe que essa ambigüidade se resolve com a introdução da preposição e com o uso da forma pronominal. Por exemplo, o verbo *aborrecer*, originalmente acusativo não causativo, significava “ter horror” entre os séculos XVIII e XIX, causativiza-se e, a partir daí, seu sentido muda para “causar ódio, horror”. No exemplo (17), observa-se o uso do verbo *aborrecer* significando “ter horror” e no exemplo (18), pode-se verificar a nova diátese do verbo, que passou a significar “causar horror”, conforme estão em Madureira (2002: 114)⁴:

(17) séc. 14 Eu, todos estes pecados e maldades (...) agora avorreço...p. 125 SP

(18) séc. 19 Sei quanto devia aborrecê-lo a queda da Sininbu. p. 137 JN

Com a mudança da diátese verbal, instalou-se um período de ambigüidade na língua que se resolveu com a introdução da preposição e com o uso da forma pronominal. Além disso, quando se causativizam, os predicadores tendem a especializar a forma sintética para as estruturas que apresentam o experienciador na função de objeto (doravante ExpO) e a forma preposicionada analítica para as estruturas que exibem o experienciador na função de sujeito (doravante ExpS). Pode-se observar essa tendência à especialização de forma-sentido nos exemplos (19) e (20).

(19) Maria preocupa sua mãe.

(20) A mãe fica preocupada com Maria.

⁴ Os exemplos (17) e (18) correspondem, respectivamente, aos exemplos (8) e (13) de Madureira (2000).

No exemplo (19), o verbo *preocupar* realiza-se na forma sintética e, como se pode ver, o experienciador encontra-se na posição de objeto. Já no exemplo (20), observa-se uma forma analítica correspondente à esse predicador e o experienciador é o sujeito.

Esse processo de causativização parece estar ocorrendo ainda hoje. Madureira (2002: 120) nota que o verbo *admirar*, por exemplo, exibe uma ambigüidade no português contemporâneo. Na frase *João admira Pedro*, não sabemos se João “sente admiração” por Pedro ou se “causa admiração” a Pedro. Salienta-se, de toda forma, que a leitura preferencial é a primeira.

Dogliani (2004) continua observando o comportamento desses verbos na fala dos habitantes do Serro. Em uma análise parcial, os resultados de suas pesquisas anteriores se confirmam, ou seja, há uma especialização da forma para cada sentido: quando há uma ênfase na causa, o verbo aparece preferencialmente na forma sintética e na forma analítica, quando há uma ênfase no experienciador.

As análises de Madureira (2002) e Dogliani (2004) suscitam algumas questões, tais como: i) a ausência do pronome *se* observa-se somente nos predicadores psicológicos? Trata-se de um fenômeno que atinge outras classes de predicadores?, ii) é possível que outros predicadores atualmente estejam na fase ambígua, ou seja, estejam causativizando-se? e iii) somente o *se* ergativo está caindo em desuso na modalidade oral de Minas Gerais? O apagamento do pronome não atingiu o *se* reflexivo?

Para responder a essas perguntas, faz-se necessário estudar uma classe de predicadores mais ampla. O presente estudo tentará esclarecer essas questões através da análise de um subgrupo dos predicadores experienciais. Pretende-se, além disso, observar a frequência da distribuição sintática do experienciador nos predicadores pertinentes, bem como de suas estruturas morfológicas, na fala dos habitantes de Santa Luzia. Como se vê, a presente análise orienta-se por estudos anteriores que contemplaram uma classe de predicadores – os psicológicos, mas elege como objeto de estudo, um grupo mais amplo, predicadores experienciais que indicam fenômenos físicos, psicológicos, cognitivos e de percepção.

Como a presente pesquisa utiliza a definição de construções analíticas apresentadas por Madureira (2000), apresentam-se, na seção seguinte, informações sobre essas construções.

1.3.1- As construções analíticas

Com o objetivo de observar se as mudanças de traços semânticos poderiam se tornar gradativamente visíveis com as mudanças das formas dos verbos, Madureira (2000) analisa não somente as formas verbais propriamente ditas dos predicadores psicológicos, mas também todas as construções perifrásticas que corresponderiam semanticamente a essas formas verbais. Dessa forma, a autora considera as seguintes realizações morfológicas:

- a) Forma simples
- b) Pronominal
- c) Analítica

As formas simples são as formas verbais propriamente ditas (formas dicionarizadas), as construções pronominais são as formas verbais acompanhadas dos pronomes pseudo-reflexivos e as construções analíticas são aquelas constituídas por verbo+adjetivo, verbo+substantivo e verbo+particípio. Os seguintes tipos de construções analíticas são considerados pela autora:

Estar+particípio passado
 Ficar+particípio passado
 Ser+ particípio passado
 Ter+substantivo correspondente ao predicador
 Achar+adjetivo
 Deixar+adjetivo
 Tomar+substantivo
 Dar+substantivo
 Estar com+substantivo
 Fazer/meter+substantivo
 Ficar em+substantivo
 Ficar com+substantivo
 Morrer de+substantivo
 Passar+substantivo
 Pedir (desculpas)

Perder+substantivo

Impor/manter (o respeito)

Sentir+substantivo

Sentir-se+adjetivo

Ser (uma decepção)

Ressalte-se que alguns tipos de construções analíticas apresentadas acima recebem um tratamento diferenciado na literatura, sendo consideradas propriedades e as outras construções não são nomeadas. É o caso das construções analíticas formadas por ser+particípio e ficar+particípio. Essas construções são tratadas como propriedades, por exemplo, por Cançado (1996), sendo que primeiras são designadas passivas sintáticas e as segundas são denominadas passivas adjetivas. Essas construções analíticas são consideradas propriedades, porque constituem um critério para dividir os predicadores psicológicos em classes.

Madureira (2000) observa que, entre os predicadores psicológicos, é comum o uso dessas construções perifrásticas e destaca que na medida em que as construções perifrásticas (como, por exemplo, *eu tenho preocupação*) são usadas com o mesmo valor de verdade que as formas verbais propriamente ditas (como, por exemplo, *eu preocupo/eu me preocupo*), o contexto de uso das formas pronominais se vê reduzido.

A presente pesquisa também observa as construções analíticas que os predicadores experienciais apresentam, mas essas construções não são tratadas como propriedades.

TERCEIRA PARTE

1.1- Introdução

A terceira parte do capítulo apresenta resenhas de estudos que tratam especificamente da variável *se*. Serão apresentadas resenhas sobre os trabalhos de: Veado (1980), Nunes (1990) e Rocha (1999). Em seguida, será apresentada a classificação do *se* na Gramática

Normativa, os critérios para a classificação do pronome apresentados pelos autores que analisaram o pronome.

1.2- Um estudo sociolingüístico na micro-região Sanfranciscana de Januária

Veado (1980), com o objetivo de retratar a realidade lingüística das áreas rurais, para assim fornecer subsídios a uma proposta de alfabetização de adultos, realiza uma pesquisa na micro-região Sanfranciscana de Januária/MG. Nesse estudo, autora faz uma descrição e análise parcial da gramática dos falantes não-escolarizados da região. Dentre os fenômenos analisados destacam-se as considerações sobre o *se* reflexivo.

As variáveis estabelecidas para a seleção dos informantes foram: idade, escolaridade, sexo e naturalidade. Dessa forma, foram selecionados informantes de três faixas etárias (faixa etária 1: 15 a 19 anos, faixa etária 2: 20 a 50 anos e faixa etária 3: 51 anos em diante), informantes de ambos os sexos, nativos da região e preferencialmente não-escolarizados.

No que concerne ao uso do pronome reflexivo, Veado observou somente um caso de presença do pronome e destacou que, provavelmente, trata-se de uma expressão muito popular que esse informante deve ter assimilado através do contato com um centro urbano. Destaque-se, portanto, que essa análise dá indícios de alta frequência do apagamento do clítico, já que só foi encontrado um caso de presença. Essa ocorrência pode ser visualizada abaixo⁵:

(21) Informante 40/62/53 – A gente tem que se virá⁶

Veado também realiza testes de percepção para saber se há problemas em relação à compreensão do *se*. A autora comprova que os falantes têm dificuldade em compreender as expressões com o *se* reflexivo. Um exemplo da autora encontra-se abaixo:

Entrevistador: A senhora conheceu alguém que se matou?

⁵ Exemplos retirados da dissertação de Veado (1980).

⁶ Cumpre destacar que essa expressão é muito freqüente e, inclusive, pode-se pensar que é uma forma cristalizada.

(22) Informante 34/54/34 – Conheço. Já vi falano que morreu um mucado de gente matado lá im Maria da Cruz. Morreu cinco matado /.../ Um sozinho matô cinco. É, mais esse correu. Acho que num pegaram ele também não!

Observe-se que o informante não entendeu a expressão *se matou* como *matou a si mesmo*, mas a compreendeu como *x matou y*. Ainda sobre a compreensão do *se* reflexivo, Veado declara que, apenas quando o *se* acompanha o verbo *banhar*, não há dúvidas de compreensão da noção de reflexivização presente na sentença. Um exemplo do teste realizado com esse verbo encontra-se destacado abaixo:

Entrevistador: Você se banha todos os dias?

(23) Informante 47 – Eu banho sim; lá no tanque.

Pode-se ver que em (23) o informante compreendeu corretamente a sentença na qual o pronome estava inserido. Veado destaca que a compreensão da noção de reflexivização pelos informantes, nesse caso, deve-se a alta frequência do uso desse verbo como intransitivo, significando *tomar banho*, de forma que o *se* não apresenta qualquer valor significativo. Assumimos, entretanto, que a compreensão da expressão *se* + verbo, nesse caso e no exemplo (21), parece não se dever à compreensão da noção de reflexivização, mas sim ao conhecimento de determinados itens lexicais – no caso *banhar* e *virar* – que parecem reter estruturas pretéritas da língua (cf. seção 2.2.3 da primeira parte do capítulo 2).

A partir da análise dos dados, Veado (1980: 48) conclui que a noção de reflexivização através do uso do clítico *se* não faz parte do sistema lingüístico do dialeto da região estudada e declara que a noção de reflexivização se realiza de duas formas nesse dialeto: “a) ou através do emprego de ‘ele(a) mesmo(a)’; b) ou através do uso intransitivo de verbos transitivos”.

No que diz respeito ao estudo apresentado, fazem-se necessárias algumas considerações: i) a autora não apresenta um estudo quantitativo dos dados; trata-se de um estudo descritivo e ii) observa-se que diferentes tipos de pronomes recebem um mesmo rótulo. Ressalte-se, em relação à primeira consideração, que os dados da autora mostram que o apagamento do pronome, em uma região rural, já era praticamente categórico na década de 80, apesar de a autora não submeter seus dados a uma análise quantitativa. A segunda consideração nos faz refletir sobre a importância de se buscarem critérios para a classificação dos pronomes. Quando analisa as construções com *se* indeterminado, Veado trata como

indeterminado não somente o pronome *se* presente nas construções com verbos intransitivos como em *Trabalha-se muito aqui na roça?*, mas também o pronome presente nas construções com verbos transitivos diretos, como em *Compra-se mantimento na venda dona M?*, que são denominados nas gramáticas normativas *se* apassivador. A autora não justifica por que utiliza o mesmo rótulo para designar dois pronomes que a Gramática Tradicional distingue, não faz qualquer consideração sobre a dificuldade de classificação dos pronomes e não utiliza critérios para a classificação dos clíticos.

Na próxima seção, será apresentado o estudo que Nunes (1990) realizou sobre o *se* apassivador e o *se* indeterminador. Como se pode notar, o objeto de estudo do autor difere do objeto da presente pesquisa, mas, como se trata de uma pesquisa sincrônica e diacrônica, poderemos saber quando o clítico pesquisado pelo autor começou a apresentar variação. Além disso, poderemos observar que há uma tendência de apagamento do clítico em geral e não somente dos reflexivos ou pseudo-reflexivos.

1.3 – Um estudo sincrônico e diacrônico: união do modelo formal ao variacionista

Nunes (1990), utilizando os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e da teoria de Princípios e Parâmetros, realiza um estudo sincrônico e diacrônico das construções com o *se* apassivador e o *se* indeterminador. Essas construções encontram-se, respectivamente, ilustradas abaixo⁷:

(24) Alugam-se casas.

(25) Aluga-se casas.

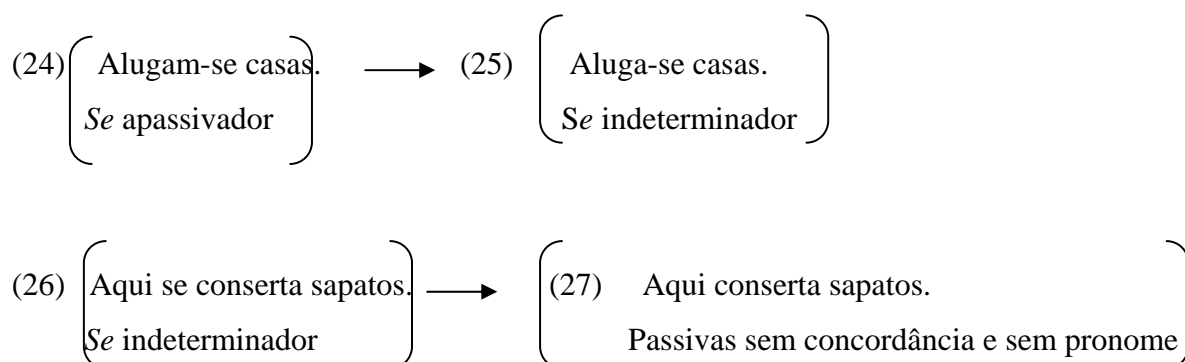
Destaque-se que a construção (25) não é permitida pela Gramática Tradicional, pois, quando uma sentença apresenta um verbo transitivo direto, acompanhado do pronome *se*, a Gramática Tradicional postula que essa oração representa uma passiva sintética, portanto, o argumento *casas* é o sujeito paciente da voz passiva e o verbo deve concordar com esse sujeito. Nunes, entretanto, observando a diminuição da concordância verbal nesse tipo de estruturas, interpreta o pronome *se* como um indeterminador e não como um apassivador.

⁷ Exemplos extraídos de Nunes (1990: 2).

Para o autor, há uma categoria vazia na posição do sujeito e o clítico estaria indeterminando essa categoria.

Para realizar seu estudo, Nunes utilizou quatro *corpora*, totalizando 1374 dados, a saber: um *corpus* diacrônico formado por cartas, diários e documentos, que se aproximavam do vernáculo, que compreenderam o período entre 1555 e 1989; um *corpus* composto por 13 entrevistas provenientes do Banco de Dados da PUC/SP; um *corpus* constituído por 24 entrevistas do português europeu, para que se pudessem comparar os dados do PB ao PE e um *corpus* formado por reportagens da revista *Veja*, que compreenderam o período de maio de 1988 a maio de 1989, que serviria apenas para verificar a avaliação das construções com *se* apassivador e *se* indeterminador.

Nunes analisa duas variáveis dependentes: a mudança de construções com o *se* apassivador para *se* indeterminador e a mudança de construções com o *se* indeterminador para construções em que há apagamento do pronome. Essas duas variáveis estão apresentadas abaixo:



Para ambas as variáveis foram considerados os seguintes fatores condicionadores:

- 1- Posição do argumento interno: anteposto ao verbo, posposto ao verbo e não se aplica;
- 2- Realização do argumento interno: sentença, pronome indefinido ou pronome demonstrativo neutro, sintagma QU (pronome relativo), sintagma QU (palavra QU +...N...), clítico, outro tipo de SN lexical e argumento não realizado foneticamente;
- 3- Sintagma agentivo em construções com verbos transitivos diretos: presença, ausência e não se aplica;
- 4- Tipo de construção: simples, em locução verbal e coordenada (simples ou em locução);

- 5- Tipo de verbo: transitivo direto, transitivo indireto, intransitivo, ergativo e copulativo;
- 6- Flexão do verbo: tempo finito, infinitivo e gerúndio;
- 7- Escolaridade: para as entrevistas.

Ressalte-se que serão feitas considerações somente sobre os fatores condicionadores relevantes para esta pesquisa.

Analisando diacronicamente as passivas pronominais (*se* apassivador e o *se* indeterminador), Nunes observou que, no século XIX, as passivas pronominais sem concordância (construções com *se* indeterminador, ilustradas em (25)) ultrapassam as passivas pronominais com concordância (construções com *se* apassivador, ilustradas em (24)), o que resulta, no século XX, com a sobrevivência da última variante somente na modalidade escrita padrão.

Em relação ao primeiro fator condicionador, o autor destaca que, nas sentenças em que o argumento interno está posposto ao verbo, há duas vezes mais discordância do que quando o argumento interno está anteposto ao verbo. Nunes (1990: 83) declara que na mudança lingüística observada há uma relação entre discordância e posposição: “a discordância motiva a ‘posposição’, que motiva a discordância”. É interessante observar que as construções sem concordância alcançaram 100% nas entrevistas sociolingüísticas (e esse fenômeno não se mostrou relacionado à escolaridade), ao passo que no Português Europeu as construções com concordância alcançaram um índice de 72%. Deve ser salientado que os dados de Nunes confirmam as observações não-sistemáticas de Câmara Jr. (1979), pois o autor destaca que, no padrão espontâneo, é freqüente o uso de construções passivas sintéticas sem a concordância, como por exemplo, *Já se escreveu muitas cartas*.

No que concerne às construções passivas pronominais sem concordância e sem pronome, Nunes mostra que no século XVI não há nenhum registro dessas construções, contudo, no século XX, elas alcançaram um índice de 50%.

Nunes propõe, então, que há uma relação entre as passivas pronominais sem concordância e a passiva pronominal sem concordância e sem pronome. Os dados permitem mostrar que quando a passiva pronominal sem concordância supera a passiva pronominal com concordância, começa a enfrentar uma competição com a passiva pronominal sem concordância e sem pronome. O autor destaca que o fenômeno do apagamento do *se* nas passivas pronominais, apesar de ter surgido há pouco mais de um século, já alcança um índice de 79% na entrevistas sociolingüísticas.

Nunes mostra que, ao contrário do que ocorria com as passivas pronominais sem concordância, as passivas sem concordância e sem pronome são sensíveis ao fator escolaridade. O autor declara que entre os informantes com primeiro e segundo graus o índice dessas construções alcança 100% e entre os informantes com terceiro grau o índice está próximo a 50%.

Comparando os dados do PB ao PE, Nunes mostra como os dois dialetos se diferenciam em relação às construções passivas sem concordância e sem pronome. No PB, o índice dessas construções é de 79%, ao passo que no PE há somente 2%.

Como se viu, há uma preferência por construções passivas sem concordância e sem pronome no PB no século XX. Destaque-se que essa preferência se observa em construções finitas, pois nas construções infinitivas se pode notar o inverso, ou seja, no século XIX, observa-se a inserção do pronome nessas construções.

Nunes destaca uma grande mudança no século XIX, a saber: as passivas sem concordância estabelecem-se no sistema como forma preferida, as passivas sem concordância e sem pronome começam a surgir nas sentenças finitas e há um aumento da inserção do pronome nas sentenças infinitas.

Para avaliar as formas inovadoras, como foi declarado, foi usado um *corpus* formado por reportagens publicadas na revista *Veja*. Esse *corpus* permitiu verificar que as construções formadas por *se*+infinitivo gozam de prestígio dentro da modalidade escrita padrão, ainda que não sejam permitidas pela norma culta, ao passo que as construções passivas sem concordância e sem o pronome são totalmente desprestigiadas.

Na próxima seção, será apresentado um estudo sociolinguístico sobre os clíticos reflexivos na cidade de Ouro Preto/MG e no Português Europeu.

1.4- Um estudo sociolinguístico na cidade de Ouro Preto e no Português Europeu

Rocha (1999) realiza um estudo quantitativo da variável *se* – ausência e presença do *se* reflexivo e falso reflexivo e o pronome pleno *ele* – nas modalidades oral e escrita na cidade de Ouro Preto/MG e no Português Europeu.

Em relação aos dados do Português Brasileiro (doravante PB), os dados da modalidade oral se dividem em: entrevistas sociolinguísticas e entrevistas de televisão. No que concerne

às entrevistas sociolingüísticas, foram realizadas 27 entrevistas informais com moradores da cidade, que foram divididos em quatro faixas etárias (jovens: 15 a 22 anos; medianos 1: 23 a 29 anos; medianos 2: 30 a 49 anos e velhos: 50 anos em diante) e três graus de escolaridade (1º, 2º e 3º graus). O *corpus* que compõe as entrevistas de televisão foi obtido com a gravação de 4 horas e 36 minutos de um programa de um canal da cidade, o Programa Ao Vivo da Top Cultura. Os informantes selecionados nesse programa também se distribuíram de acordo com a escolaridade e a faixa etária das entrevistas sociolingüísticas. Os dados da modalidade escrita foram obtidos de cinco jornais escritos, coordenados e divulgados por moradores da cidade e de textos escritos por padres.

O *corpus* da modalidade oral do Português Europeu é formado por entrevistas realizadas com 23 informantes divididos em três faixas etárias (jovens, medianos e velhos) e em três escolaridades (1º, 2º e 3º graus). Para montar o *corpus* de língua escrita foram coletados dados da Revista de Cultura Científica intitulada *Colóquio/Ciências*, de 1997 e da Coleção do Reader's Digest: *Tesouros Artísticos de Portugal*, de 1976.

As variáveis independentes selecionadas por Rocha foram: a presença ou ausência lexical do sujeito na oração analisada, os tipos de verbos (ação, processo e estado) e os tipos de pronome (verdadeiros reflexivos e falsos reflexivos). Faz-se necessário destacar que a autora lança mão de critérios para classificar os pronomes em verdadeiros e falsos reflexivos (cf. seção 1.5.4, a seguir).

Observando-se a frequência global das variantes zero e dos pronomes reflexivos *se* e *me*, verdadeiros e falsos reflexivos, a autora obteve, para o PB, os seguintes resultados: 71% de apagamento do pronome nas entrevistas sociolingüísticas, 39% de apagamento nas entrevistas de televisão e 6,5% de apagamento na modalidade escrita. Como se pode observar, os menores índices de apagamento encontram-se na modalidade escrita e os maiores índices na modalidade oral, principalmente no estilo de fala mais informal. Observe-se também que em nenhum dado o pronome pleno *ele* apresentou características de reflexivo, essa variante não apareceu, portanto, na análise.

Antes de excluir as ocorrências do pronome reflexivo de primeira pessoa, Rocha observa que o pronome de 1ª pessoa nos dados do PB apresenta menores índices de apagamento do que o pronome de 3ª pessoa. Observe o gráfico 1, cujos dados foram extraídos da tabela de Rocha (1999: 73).

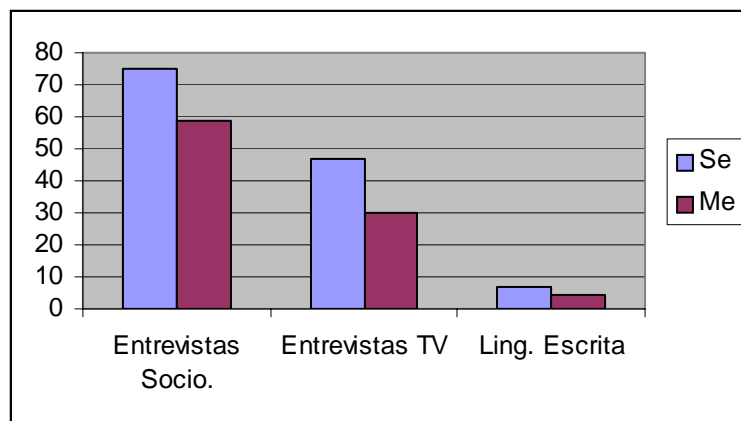


Gráfico 1 – Frequência da variante zero, dos reflexivos *se* e *me*, no corpus de Ouro Preto.

Os dados do gráfico 1 nos permitem ver que o pronome *me* apresenta um índice menor de apagamento em todos os *corpora* estudados, pois nas entrevistas sociolingüísticas o índice de apagamento do *se* foi de 75% e do *me* foi de 59%; nas entrevistas de televisão, obteve-se um percentual de 47% de apagamento do *se* e 30% de apagamento do *me*; na linguagem escrita, foram computados somente 7% de supressão do *se* e 4,5% do *me*.

Posteriormente, Rocha exclui dos dados as ocorrências do pronome de 1ª pessoa, pois pretende comparar seus resultados com os resultados de outras pesquisas que não estudaram esse pronome. Assim, para o PB obtêm-se os seguintes índices de ausência e presença: 56% de presença do pronome e 44% da variante zero.

Analisando as variáveis não-lingüísticas, em relação à faixa etária, a autora destaca que se trata de uma variação estável, pois não há uma correlação entre a faixa etária e o uso da variante inovadora. No que concerne à escolaridade, observa que esse fator condiciona a supressão dos clíticos nas entrevistas sociolingüísticas, pois os informantes com 3º grau apresentam uma probabilidade de (0.25) de supressão, os informantes com 2º grau apresentam uma probabilidade de (0.39) e os informantes com 1º grau apresentam o maior índice de supressão do pronome (0.78).

Em relação às variáveis lingüísticas, Rocha analisa inicialmente o uso dos reflexivos nas diferentes modalidades, para saber se os pronomes só ocorrem na modalidade escrita. Rocha destaca que os dados referentes às entrevistas de televisão têm que ser retirados, uma vez que caracterizam o estilo de fala [+formal]. Obtém um percentual de 75% de apagamento do pronome nos dados da modalidade oral e de apenas 7% de apagamento nos dados da modalidade escrita.

A segunda variável lingüística considerada foi a presença/ausência do sujeito lexicalizado. Esse fator foi considerado, pois a autora acreditava que sujeitos nulos desfavoreceriam o uso do pronome. Contudo, alguns trabalhos haviam mostrado que quanto maior o preenchimento do sujeito, menor deve ser o preenchimento do objeto. Os dados de Rocha confirmam a primeira hipótese, porque se obteve um índice de 0.49 para os sujeitos lexicalizados e de 0.62 para os sujeitos nulos, ou seja, constatou-se que os sujeitos nulos favorecem a ausência do pronome reflexivo.

Em relação ao tipo de verbo, os resultados obtidos foram: os verbos de processo favorecem a ausência do pronome (0.70) e os verbos de ação e de estado desfavorecem a supressão do clítico (respectivamente, 0.26 e 0.28).

Quanto à variável tipo de pronome, os resultados mostraram que os verdadeiros reflexivos são menos suprimidos do que os falsos reflexivos.

No que concerne aos resultados globais do *corpus* do Português Europeu, verifica-se novamente que o pronome reflexivo de 1ª pessoa é menos suprimido do que o pronome reflexivo de 3ª pessoa. Nas entrevistas sociolingüísticas, obtiveram-se 14% de apagamento do *se* e 7% de apagamento do *me* e na modalidade escrita, foram computados 4% de apagamento do *se* e 0% de apagamento do *me*.

Excluindo-se as ocorrências do pronome reflexivo de 1ª pessoa, obteve-se um resultado global de 92% de presença do pronome e somente 8% de variante zero.

Analisando as variáveis não-lingüísticas, verificou-se uma correlação entre o fator faixa etária e apagamento do pronome, pois os informantes jovens apresentaram um índice maior da variante zero (0.75) do que os informantes medianos (0.57) e esses apresentaram uma probabilidade maior de ausência do que os informantes velhos (0.42). O fator escolaridade também se mostrou significativo, porque os informantes que têm o 3º grau apresentaram mais preenchimento do pronome do que os informantes que têm 2º grau, que, por sua vez, apresentaram mais preenchimento do que os informantes que têm o 1º grau.

Em relação às variáveis lingüísticas, Rocha observa que, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita, o pronome é conservado. O fator realização lexical do sujeito, nos dados do PE, confirmaram os dados do PB, pois os sujeitos nulos favorecem a variante zero (0.79) e os sujeitos lexicais a desfavorecem ligeiramente (0.49). Os resultados do PE também foram os mesmos do PB para as variáveis tipo de verbo e tipo de pronome. No que diz respeito ao tipo de verbo, os verbos de processo também obtêm os maiores índices de apagamento do pronome no PE (0.59), os verbos de estado obtêm um índice de 0.46 e os verbos de ação de 0.31. Segundo a autora, os verbos de processo apresentam maiores índices

de apagamento dos reflexivos, porque esses verbos geralmente apresentam contextos para os falsos reflexivos e esses pronomes foram os mais suprimidos nos dados do PE e PB. Em relação ao tipo de pronome, observou-se que os falsos reflexivos favorecem a ausência do clítico (0.57), ao passo que os verdadeiros reflexivos favorecem a presença do pronome (0.24).

Rocha, além de analisar dados do PE e PB, também realizou testes de percepção e produção com os informantes brasileiros. O teste de percepção consistia na classificação de sentenças com ausência e presença do pronome como ‘corretas’ ou ‘incorretas’. Além disso, Rocha pedia que os informantes reformulassem as sentenças classificadas como ‘incorretas’. Os resultados do teste mostraram que os informantes mais escolarizados são mais sensíveis à presença ou à ausência do pronome, pois os informantes de 3º grau reformularam 66% das sentenças, os informantes de 2º grau reformularam 47% e os informantes de 1º grau só reformularam 23% das sentenças. Ressalte-se que os informantes de 1º grau classificaram como corretas mais sentenças em que o *se* se encontrava do que os informantes de 2º grau, pois, segundo a autora, cinco informantes de 2º grau corrigiram outros aspectos gramaticais da sentença.

Em relação aos testes de produção, Rocha pediu aos informantes, primeiramente, que formulassem frases com verbos previamente selecionados. A autora observou que os informantes velhos e jovens apagaram mais o pronome do que os informantes medianos. A autora destaca que o apagamento ou a presença do pronome, nas frases elaboradas, está relacionado a determinados itens lexicais, por exemplo, o pronome foi suprimido com os verbos *aposentar*, *rebaixar*, *casar*, *deitar* e *sacrificar* e houve presença do pronome com os verbos *vestir*, *queixar*, *chatear*, *abrir* e *lembrar*. O segundo teste de produção tinha o objetivo de verificar como os informantes interpretariam sentenças em que o pronome reflexivo estava apagado. Esse teste mostrou que alguns itens lexicais foram interpretados por todos os informantes como reflexivos, embora o pronome não estivesse presente, por exemplo, os verbos *machucar* e *abrir* e outros verbos foram interpretados por poucos informantes como reflexivos, como por exemplo, os verbos *fechar* e *apresentar*. Observe-se como, novamente, o item lexical tem um papel importante na variação; como vimos no primeiro teste de produção, alguns verbos favorecem o uso da variante zero e outros favorecem o preenchimento do pronome. No segundo teste de produção, observamos que, mesmo quando o pronome não está presente, alguns verbos sempre são interpretados como reflexivos, ao passo que outros verbos só são interpretados como reflexivos por alguns informantes.

A resenha de Rocha (1999) nos permitiu observar, principalmente, como é importante definir critérios para a classificação do pronome *se*. Além disso, pode-se notar como os fatores item lexical e o indivíduo, apesar de não terem sido classificados como variáveis nessa pesquisa, tiveram seu papel salientado na análise, o que permite ponderar que essas variáveis deveriam ser controladas na análise das construções pronominais.

Antes de passarmos para a próxima seção, cumpre destacar que todos os trabalhos que analisaram a variável *se*, independentemente do tipo de pronome analisado, apontam para a mesma tendência: observa-se que o índice de apagamento do pronome é muito alto. Como se viu, na análise de Veado (1980), o apagamento do pronome é praticamente categórico. Os dados da autora só ilustram uma ocorrência de presença do clítico. Nunes (1990) observa que as passivas sem concordância e sem pronome alcançam um índice de 100% nas entrevistas sociolinguísticas dos informantes menos escolarizados. Rocha (1999) observa que a variável *se* é condicionada pela escolaridade, mas vimos que o índice de apagamento do pronome é muito alto entre os informantes menos escolarizados. Deve-se esperar, portanto, que os dados de Santa Luzia apresentem um alto índice de apagamento do pronome.

Na próxima seção, serão apresentadas as classificações dos pronomes e os critérios adotados para as classificações da Gramática Normativa e dos autores em que se baseia esta pesquisa.

1.5- Sobre a classificação dos pronomes

Como se viu, alguns autores apresentam critérios para a classificação dos pronomes em seus trabalhos, ao passo que outros não o fazem. Além disso, sabemos que a Gramática Tradicional apresenta rótulos diferentes para os pronomes estudados. É preciso, então, destacar os critérios de classificação dos pronomes apresentados por cada autor e pela Gramática Normativa. Nesta seção, serão apresentadas as classificações dos pronomes de acordo com a Gramática Normativa e as classificações e critérios apresentados pelos seguintes autores: Rocha (1999), Nunes (1990) e Whitaker-Franchi (1989). É importante mostrar as diferentes classificações dos autores e os seus critérios, pois, por exemplo, Rocha (1999), classifica como reflexivo o pronome que acompanha o predicador *lembrar*, que, no presente estudo é classificado como pseudo-reflexivo. Não se pretende, nesta seção, criticar os

estudos que analisaram a variável *se*, mas pretende-se mostrar que a classificação dos pronomes não é uniforme, entre os autores considerados, e não se faz sem polêmica.

1.5.1- Os pronomes na Gramática Normativa

Segundo a *Gramática da Língua Portuguesa* de Mesquita (1996), a palavra *se* apresenta algumas funções sintáticas e morfológicas.

Suas funções sintáticas são:

1- Sujeito de infinitivo: ocorre com verbos no infinitivo que formam orações reduzidas.

Exemplo:

(28) O jovem professor sentiu-se fraquejar.

2- Objeto direto: acompanha verbo transitivo direto. Nesse caso, o sujeito da sentença é animado. Exemplo:

(29) Ergueu-se, passou a toalha no rosto.

3- Objeto indireto: acompanha verbos transitivos direto e indireto. Exemplo:

(30) Ele impôs-se uma disciplina rigorosa.

Apesar de não estar dito, observe-se que o pronome que desempenha a função sintática de objeto direto e objeto indireto, como se vê nas ocorrências (29) e (30), é o pronome reflexivo, conforme os critérios que serão apresentados na seção 2.2.4.1 da primeira parte do capítulo 2.

4- Índice de indeterminação do sujeito: acompanha verbos intransitivos ou transitivos indiretos que se encontram na 3ª pessoa do singular. São chamados de pronome apassivador impessoal, pronome impessoalizador ou símbolo de indeterminação do sujeito. Exemplo:

(31) Fuma-se muito aqui.

Observe-se que, de acordo com Mesquita, o pronome *se*, definido tradicionalmente pelos gramáticos como índice de indeterminação do sujeito nesses casos, é denominado pronome apassivador impessoal. Cumpre destacar que essa nomenclatura não é usada entre outros gramáticos, por exemplo, Cegalla (1994) postula que o pronome apassivador é aquele que forma a voz passiva e o pronome que acompanha verbos intransitivos ou transitivos indiretos é denominado índice de indeterminação do sujeito.

Segundo Mesquita (1996), a palavra *se* apresenta as seguintes funções morfológicas: conjunção coordenativa, conjunção subordinativa, partícula integrante do verbo, partícula expletiva ou de realce, partícula apassivadora ou pronome apassivador e pronome reflexivo. Abaixo, serão feitas considerações apenas sobre os pronomes:

1- Partícula integrante do verbo: quando está ligado a verbos essencialmente pronominais, que são aqueles que só são usados na forma pronominal e que geralmente se referem a verbos de sentimento ou mudança de estado, como: *queixar-se*, *arrepender-se*, etc. Exemplo:

(32) Os alunos se queixaram das carteiras da escola.

2- Partícula expletiva ou de realce: quando estão ligados a verbos intransitivos e não desempenham nenhuma função sintática, são usados para realçar o sujeito. Exemplo:

(33) Acabou-se a confiança no próximo.

3- Partícula apassivadora ou pronome apassivador: ocorre para formar a voz passiva sintética. Dessa forma, só pode ocorrer com verbo transitivo direto ou transitivo indireto e indireto. Exemplo:

(34) Naquela casa preferia-se a música ao esporte.

4- Pronome reflexivo: acompanha o verbo na voz reflexiva. Nesse caso, o pronome *se* equivale a *a si mesmo*. Exemplo:

(35) Localize-se no mapa.

Observe-se que os pronomes que marcam o alçamento do argumento interno para a posição do argumento externo, o pronome denominado ergativo por Whitaker-Franchi (1989) e por Nunes (1990) (cf. seção 1.5.2 e 1.5.3) e designados pseudo-reflexivos nesta dissertação (cf. seção 2.2.4.1 da primeira parte do capítulo 2), não são ilustrados por Mesquita (1996).

1.5.2- A classificação de Whitaker-Franchi (1989)

Whitaker-Franchi (1989: 173) destaca seis tipos de pronome *se*⁸:

1- *se* reflexivo ou recíproco, objeto direto ou indireto. Ex:

(36)- a) Pedro se feriu.

b) Os colegas se encontraram na praça.

2- *se* apassivador. Ex:

(37)- a) Venderam-se todos os livros da edição.

b) Vendeu-se todos os livros da edição.

3- *se* indeterminador do sujeito. Ex:

(38)- Corre-se muito bem aqui.

4- *se* índice de espontaneidade na ação. Ex:

(39)- O mensageiro já se foi.

5- *se* pseudo-reflexivo inerente. Ex:

(40)- A gente se arrependeu de ter vindo.

6- *se* pseudo-reflexivo expletivo ou *se* ergativo. Ex:

(41)- A porta (se) abriu.

⁸ Todos os exemplos foram extraídos de Whitaker-Franchi (1989).

Observe-se que a autora trata da mesma forma os pronomes reflexivo e recíproco (cf. exemplos (36a) e (36b)). Outro ponto interessante é que o pronome presente na passiva pronominal sem concordância (37b) é denominado da mesma forma que o pronome presente na passiva pronominal com concordância (37a), são designados *se* apassivador. Deve ser lembrado que Nunes (1990) denomina apassivador o clítico presente na passiva pronominal com concordância e indeterminador o pronome presente na passiva pronominal sem concordância. Apesar de agrupar esses dois pronomes, a autora separa o *se* pseudo-reflexivo inerente do *se* pseudo-reflexivo expletivo.

Segundo Whitaker-Franchi (1989: 181), “a partir de uma função reflexiva (em que o ‘se’ é realmente um ‘pronome clítico’), houve (historicamente?) uma contínua perda do valor pronominal referencial: o ‘se’ se comporta como um verdadeiro afixo verbal entrando nas várias construções exemplificadas” de (36) a (41). A autora destaca ainda que o clítico, como um recurso morfológico, serve para marcar a alteração da diátese verbal, principalmente quando há a supressão de um dos argumentos. Isso ocorre, por exemplo, nas construções que apresentam o *se* ergativo e o *se* apassivador. O *se*, então, absorveria um papel temático da diátese verbal. Observe-se, por exemplo, a frase abaixo:

(42) Recebeu-se a carta aberta.

Em (42), o argumento que receberia o papel temático de beneficiário foi suprimido e, então, esse papel temático é absorvido pelo clítico.

Cumprido destacar o que declara Whitaker-Franchi (1989) sobre o apagamento do clítico pseudo-reflexivo. Segundo a autora, as construções com o *se* ergativo parecem estar submetidas a variações dialetais. Na região do nordeste, por exemplo, seu uso é frequente. Já no sul do Brasil, o apagamento do pronome é normal, quando os sujeitos são inanimados, contudo, quando os sujeitos são animados, o emprego do clítico parece ser obrigatório.

Analisando-se a relação entre as diferentes classes semânticas de predicadores e a propriedade de ergativização, Whitaker-Franchi (1989) observa que os predicadores experienciais, cujos experienciadores aparecem somente na posição de sujeito, não estabelecem a relação ergativo-causativa, de forma que, nesses predicadores não deverá aparecer o *se* ergativo. A autora destaca também que os predicadores experienciais que correspondem a um processo epistêmico ou a uma percepção não admitem a forma ergativa. Dessa forma, pretende-se verificar nos dados de Santa Luzia se a afirmação da autora sobre os predicadores epistêmicos e de percepção é verdadeira, ou seja, se esses predicadores

realmente não são causativo-ergativos e, se a afirmação anterior for verdadeira, o que será avaliado nesses predicadores é o contexto de uso do pronome reflexivo nas construções pertinentes.

1.5.3- A classificação de Nunes (1990)

Nunes (1990) analisa as construções com *se* apassivador e com o *se* indeterminador. Essas construções referem-se, respectivamente, aos exemplos (23) e (24) que são reapresentados abaixo, com uma nova numeração:

(43) Alugam-se casas.

(44) Aluga-se casas.

No que concerne a esses dois pronomes, Nunes (1990: 74) destaca que em (43) o pronome apassivador absorve o papel temático do argumento externo e recebe caso acusativo, ao passo que o SN *casas* recebe o papel temático do argumento interno e caso nominativo. Já em (44), haveria um pronome nulo referencial na posição de sujeito, que receberia o papel temático do argumento externo e o caso nominativo e o pronome *se* estaria indeterminando esse pronome, o SN *casas* continuaria recebendo o papel do argumento interno, mas receberia o caso acusativo.

Nunes (1990: 164-165) faz algumas considerações sobre os outros *se*'s. Destaca que a diferença básica entre os pronomes relaciona-se à absorção de papel temático e à posição em que o clítico é gerado. Para ele, além do *se* apassivador e indeterminador, haveria mais outros cinco tipos de pronomes. Observem-se os exemplos dados pelo autor:

(45) João se machucou. (ergativo)

(46) João se arrependeu de seu crime. (inerente)

(47) João ainda não se foi. (enfático)

(48) Esta calça se lava bem. (médio)

(49) João se viu no espelho. (reflexivo)

Segundo Nunes, os pronomes ergativo, inerente, enfático e médio seriam gerados numa posição de adjunção ao verbo, não receberiam papel temático e, portanto, também não receberiam caso. O *se* reflexivo receberia papel temático reservado ao argumento interno e caso. Pode-se observar a absorção de papel temático do *se* reflexivo na frase abaixo:

(50) João matou-se

Segundo Nunes (1990: 33), “o reflexivo torna visível a estrutura temática do predicado”. Observe-se que a rede temática do verbo é *x matar y*, em que *x* e *y* simbolizam os dois papéis temáticos atribuídos pelo verbo. Pode-se ver claramente que o clítico recebe papel temático. Em (46), em que está presente o *se* inerente, o pronome não torna visível nenhum papel temático, pois as duas funções temáticas atribuídas pelo verbo estão ‘saturadas’ pelos SN’s *João* e *do crime*. Não há, portanto, papel temático ‘disponível’ para o pronome.

1.5.4- A classificação de Rocha (1999)

Rocha (1999), como se viu na seção 1.4 referente à terceira parte deste capítulo, analisou o verdadeiro reflexivo e o falso reflexivo. Para tanto, a autora adotou alguns critérios para a classificação do pronome, baseando-se nos seguintes testes:

- 1) substituição por um NP não reflexivo;
- 2) inversão entre o sujeito e o verbo;
- 3) uso do advérbio *intencionalmente*;
- 4) acréscimo de *a si mesmo*;
- 5) papel temático do sujeito da sentença.

O primeiro teste, que consiste em observar se a sentença admite que o pronome seja substituído por um SN não reflexivo, mostra que os verdadeiros reflexivos permitem essa substituição, ao passo que os falsos reflexivos não a admitem. Vejamos os exemplos extraídos de Rocha (1999: 53):

(51) a) Muitos vestem-se de pobres e humildes. (JL)

b) Muitos vestem os filhos de pobres e humildes. [verdadeiro reflexivo]

(52) a) Você não tem motivos para se arrepender. (JL)

b)*Você não tem motivos para arrepender alguém. [falso reflexivo]

Observe-se que em (51b) há substituição do pronome por um SN sem que a sentença se torne agramatical, já em (52b) o mesmo não se verifica. Logo, em (51a) temos um verdadeiro reflexivo e em (52a) um falso reflexivo.

Passemos ao segundo teste, a inversão de [SN Se V] para [V Se SN]. Quando a inversão entre o sujeito e o verbo não altera o sentido de reflexivização do *se*, trata-se de um falso reflexivo. Analisando-se as inversões dos mesmos exemplos temos:

(53) a) Muitos vestem-se de pobres e humildes. (JL)

b) Vestem-se muitos de pobres e humildes. [verdadeiro reflexivo]

(54) a) Você não tem motivos para se arrepender. (JL)

b) Para arrepender-se você não tem motivos. [falso reflexivo]

Segundo a autora, a inversão presente em (53b) faz com que a sentença perca o traço de reflexividade e adquira um traço de [+indeterminada]. Além disso, para a autora, o SN sujeito pode ser interpretado como objeto nessa sentença, o que mostra que estão envolvidos dois papéis temáticos (o pronome *se* reflexivo recebe papel temático).

Em relação ao terceiro teste, se a sentença admite o uso de *intencionalmente*, observa-se que, quando o uso da expressão é permitido, temos um verdadeiro reflexivo. Analisando-se, então, os exemplos acima, pode-se ver que na sentença (53a) temos um verdadeiro reflexivo, já que o uso da expressão é permitido (*Muitos vestem-se de pobres e humildes intencionalmente*), mas em (54a) verifica-se a presença de um falso reflexivo, pois o uso da expressão não é permitido (*Você não tem motivos para se arrepender intencionalmente*).

Quanto ao quarto teste, se a sentença permite o acréscimo de *a si mesmo*, observa-se que os verdadeiros reflexivos permitem o acréscimo dessa expressão. Vejamos os exemplos apresentados anteriormente:

(55) Muitos vestem-se de pobres e humildes *a si mesmos*. [verdadeiro reflexivo]

(56) Você não tem motivos para arrepender *a si mesmo*. [falso reflexivo]

Na sentença (55), o acréscimo da expressão mostra mais claramente que o sujeito pratica e recebe a ação simultaneamente, pode-se confirmar que se trata de um verdadeiro reflexivo. No exemplo (56), o acréscimo da expressão *a si mesmo* faz com que a sentença pareça estranha, de acordo com a autora, pois o arrependimento não parece ter sido provocado pelo sujeito.

No que diz respeito ao quinto teste, a classificação do papel temático do sujeito da sentença, Rocha declara que nas orações em que o *se* é classificado como verdadeiro reflexivo, o sujeito recebe o papel temático de [+ agente] e nas orações em que o *se* é classificado como falso reflexivo, o sujeito recebe o papel temático de experienciador. Observemos os exemplos apresentados pela autora:

(57) Muitos vestem-se de pobres e humildes → Sujeito [+agente] [verdadeiro reflexivo]

(58) Você não tem motivos para se arrepender → Sujeito[experienciador][falso reflexivo]

Concluindo:

Os verdadeiros reflexivos: admitem um SN objeto diferente do *se*, não admitem inversão de [SN Se V] para [V Se SN], admitem o uso de *intencionalmente*, admitem acréscimo de *a si mesmo* e o sujeito da oração recebe papel temático de [+agente].

Os falsos reflexivos: não admitem um SN objeto diferente do *se*, admitem inversão de [SN Se V] para [V Se SN], não admitem o uso de *intencionalmente*, não admitem acréscimo de *a si mesmo* e o sujeito da oração recebe papel temático de [+experienciador].

Na última parte deste capítulo, foram apresentadas as classificações do pronome apresentadas pela Gramática Tradicional e também foram apresentadas as classificações e os critérios adotados para essa classificação de Whitaker-Franchi (1989), Nunes (1990) e Rocha (1989). Os pronomes estudados nesta dissertação e os critérios adotados para a classificação serão apresentados na seção 2.2.4.1 da primeira parte do capítulo 2.

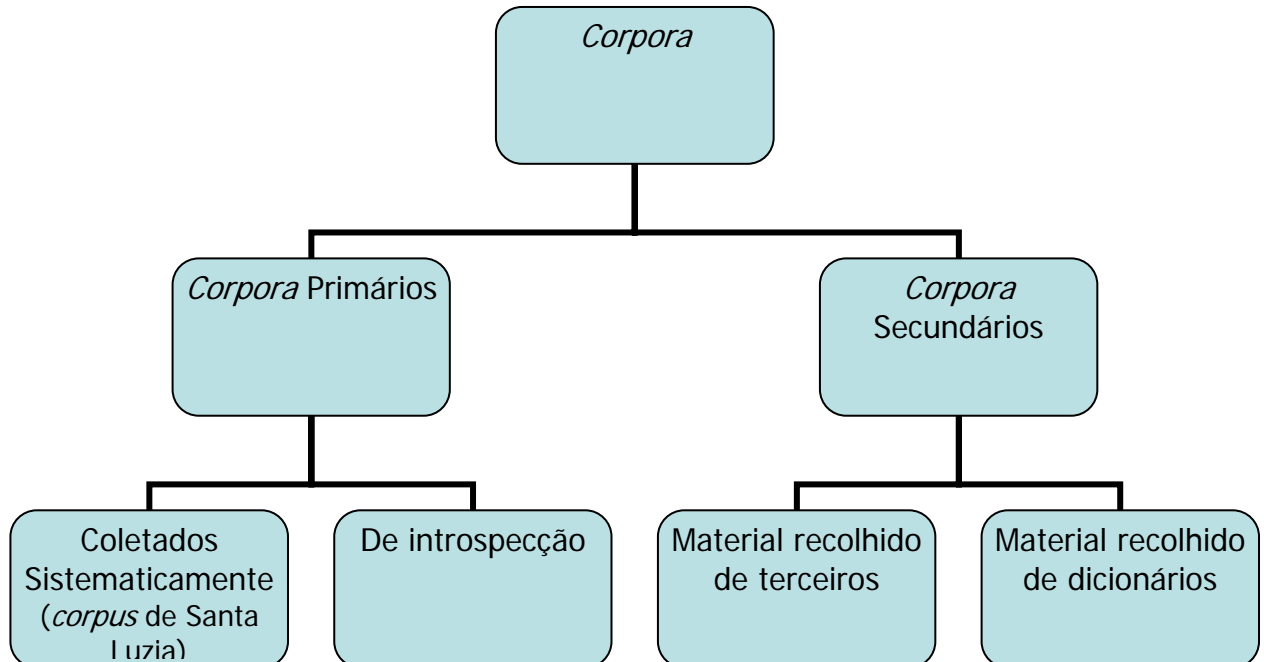
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentam-se a metodologia referente à classificação e análise dos dados e a metodologia relacionada à coleta. O capítulo divide-se, portanto, em duas partes. Na primeira parte são apresentadas informações sobre os *corpora* utilizados e sobre os grupos de fatores selecionados para a análise dos predicadores experienciais, quais sejam, a distribuição sintática do experienciador, a realização morfológica dos predicadores, o item lexical e as construções pronominais. Apresentam-se também os critérios para a seleção dos dados. Na segunda parte, encontram-se informações sobre os pressupostos teórico-metodológicos usados na coleta dos dados e informações sobre a amostra, a transcrição, a codificação dos dados e sobre a cidade onde os dados foram coletados.

PRIMEIRA PARTE – METODOLOGIA DA CLASSIFICAÇÃO E DA ANÁLISE DOS DADOS

2.1- Os *Corpora* utilizados

Como se declarou na introdução da dissertação, a verificação das hipóteses que guiam o presente estudo orienta-se pela análise dos dados do *corpus* de Santa Luzia. A classificação desses dados reais orienta-se por uma análise intuitiva, que leva em conta tanto o conhecimento lingüístico do pesquisador, quanto informações advindas de pesquisas anteriores e de dicionários da língua portuguesa. É, portanto, a seguinte a organização dos *corpora* utilizados:



Quanto à natureza, os *corpora* se dividem em: *corpora* primários e *corpora* secundários. Os *corpora* primários são os dados obtidos pelo próprio pesquisador e os *corpora* secundários são os dados recolhidos de outras fontes, secundárias. Os *corpora* primários dividem-se em: dados coletados sistematicamente e dados de introspecção. Os dados coletados sistematicamente referem-se às entrevistas realizadas com moradores da cidade de Santa Luzia (doravante *corpus* de Santa Luzia). O *corpus* de Santa Luzia recebeu uma análise quantitativa e qualitativa. Realizou-se uma análise intuitiva na classificação dos predicadores em físicos, psicológicos, cognitivos e de percepção; em causativo-ergativos e em não-ergativos. Essa análise também foi utilizada para a classificação das ocorrências que apresentam o contexto de uso do pronome (cf. seção 2.2.4 da primeira parte deste capítulo). Os *corpora* secundários dividem-se em: material recolhido de terceiros e material recolhido de dicionários. Como se viu no capítulo 1 e como se verá na seção 3.4 da segunda parte do capítulo 3, os dados de Nunes (1990), Madureira (2000, 2002), Dogliani (2002, 2004), Rocha (1999), Veado (1980), Cançado (2002, 2005) também foram usados ao longo da dissertação, seja para apresentar os resultados desses autores, seja para comparar seus resultados com os resultados obtidos na presente pesquisa. Os dicionários foram usados para verificar o estatuto

pronominal dos predicadores que apresentam contexto para o pronome pseudo-reflexivo (cf. seção 2.2.4.1.1) e também para verificar a transitividade de alguns predicadores, isto é, em caso de dúvida, optou-se por usar o dicionário para verificar se este o apresentava como causativo-ergativo ou como não-ergativo (cf. seção 2.2.3.1).

No que concerne à utilização total ou parcial do *corpus* de Santa Luzia, destaque-se que os grupos de fatores distribuição sintática do experienciador, realização morfológica dos predicadores e o item lexical foram aplicados a todas as ocorrências do *corpus*, mas nem todos os predicadores experienciais analisados exibiram o contexto dos pronomes reflexivos, pseudo-reflexivos e recíprocos. Vejamos os dados abaixo:

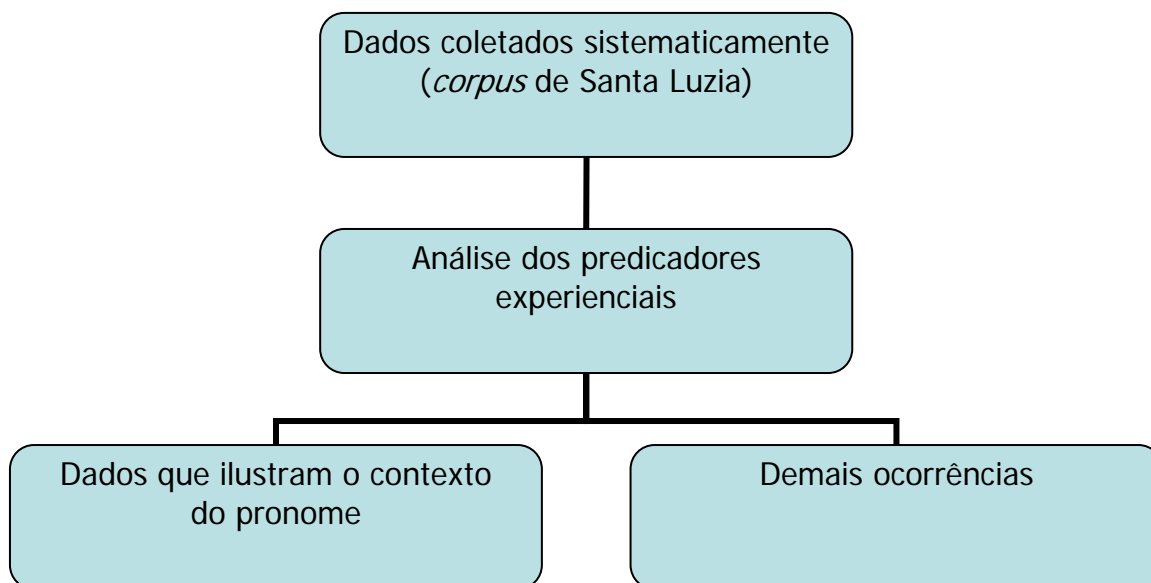
(59) (0C1F1C3SI aÍ que nós ficamo cunhecendo...)

(60) (2O1F2A3SI porque graças a Deus todo mundo aprendeu a trabalhá...)

(61) (2O1F2A2SA e muitas festa eu tenho saudade das festa)

Observe-se que (59) apresenta o contexto para o pronome recíproco, apesar de este não estar presente, se este estivesse presente teríamos a seguinte sentença: *AÍ nós ficamos nos conhecendo*. Entretanto, os predicadores presentes nas sentenças (60) e (61), não apresentam contexto de ocorrência para nenhum dos pronomes sob análise, já que não podemos encontrar sentenças como: **porque graças a Deus todo mundo se aprendeu a trabalhar* ou **e muitas festas, eu se tenho saudade das festas*.

Portanto, os dados coletados sistematicamente (o *corpus* de Santa Luzia) organizam-se da seguinte forma:



Os dados do *corpus* de Santa Luzia dividem-se em: dados que ilustram o contexto do pronome e dados que não exibem o contexto do pronome (demais ocorrências). Como se pode ver no organograma apresentado acima, todos os dados do *corpus* de Santa Luzia foram analisados quanto à distribuição sintática do experienciador, à realização morfológica dos predicadores e o item lexical. No entanto, a análise das construções pronominais é pertinente somente para os dados que exibiram o contexto dos pronomes estudados.

Passemos à apresentação dos grupos de fatores selecionados para a análise dos predicadores experienciais.

2.2- Os grupos de fatores selecionados para a análise dos predicadores experienciais

O objeto de estudo desta pesquisa são os predicadores experienciais que indicam fenômenos físicos, psicológicos, cognitivos e de percepção, conforme se definiu em 1.3.2 da primeira parte do capítulo 1. Esses predicadores foram codificados da seguinte forma:

Físicos – 1

Psicológicos – 2

Epistêmicos – 3

Percepção – 4

Os trabalhos de Madureira (2000, 2002) e Dogliani (2004, 2007) destacam a importância de dois fatores para a análise das propriedades dos predicadores psicológicos, quais sejam, a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica do predicador. Pretende-se verificar a importância desses grupos de fatores para os demais predicadores experienciais. Outro fator que será considerado para a análise dos predicadores analisados é o item lexical. Destaque-se que esses três grupos de fatores serão aplicados a todos os predicadores experienciais sob análise, encontrados no *corpus* de Santa Luzia. No que concerne às construções pronominais, serão analisados somente os predicadores que apresentarem o contexto dos pronomes pseudo-reflexivos, reflexivos e recíprocos. Deve ser lembrado que a análise das construções pronominais demanda uma sub-análise dentro da análise dos predicadores experienciais, pois, como o pronome é normalmente analisado como uma variável sociolingüística, consideram-se fatores lingüísticos e não-lingüísticos na análise do clítico.

2.2.1- Classificação do experienciador

Os trabalhos de Cançado (1995, 1996), Madureira (2002), Dogliani (2004, 2007), mostram-nos que o estudo da distribuição sintática do experienciador é muito interessante. Um dos critérios que Cançado (1995, 1996) utiliza para dividir os predicadores psicológicos em classes é a função sintática exercida pelo experienciador: na classe 1, o experienciador se apresenta na posição de sujeito exclusivamente, e nas demais classes, o experienciador pode aparecer na posição de sujeito ou na posição de objeto do predicador. Dogliani (2004, 2007) observa que há uma tendência à especialização de forma-sentido: quando há uma ênfase na causa, o predicador aparece, preferencialmente, na forma sintética e quando há uma ênfase no experienciador, o predicador apresenta uma forma analítica, conforme se ilustra em (62) e (63), respectivamente:

(62) (202M1C2OI nós chateava ele)

(63) (202M2A2SA cê se vira...e ele ficô bravo)

Em (62), o experienciador exerce a função de objeto e o predicador se encontra na forma sintética, ao passo que na sentença (63), o experienciador é o sujeito e o predicador apresenta uma forma analítica semanticamente correspondente.

No que concerne à distribuição sintática do experienciador, os códigos criados foram:

Experienciador na posição de sujeito – S

Experienciador na posição de objeto – O

2.2.2- Estrutura morfológica realizada pelo predicador

Em relação à estrutura morfológica realizada pelo predicador, observa-se que, na modalidade oral, o uso de formas perifrásticas é muito grande, conforme observou Madureira (2000). Além disso, como se viu na seção 1.3.1 da segunda parte do capítulo 1, as formas analíticas parecem restringir o contexto de ocorrência das ergativas pronominais e não-pronominais, o que limita o contexto de ocorrência dos clíticos. Dessa forma, verificou-se a distribuição morfológica de todos os predicadores experienciais, com o objetivo de: i) saber quais classes apresentam construções perifrásticas, ii) em que volume e iii) se essas construções restringem o contexto de ocorrência do pronome pseudo-reflexivo.

No que concerne às realizações morfológicas, os predicadores podem apresentar: formas sintéticas, formas analíticas ou construções pronominais.

Será denominada sintética a forma em que a ocorrência registra a própria forma verbal e não uma realização pronominal ou uma perífrase verbal, conforme se ilustra em (64), (65), (66):

(64) (202M1C2SI eu gostava dela mais tinha um punhado de namorada)

(65) (208F1C3SI não sei o nome do lugar que a gente foi pra procurá um mecânico)

(66) (201F2A2SI eu falo cê tem que respeitá seu avô mais ele não me respeita)

Neste trabalho, adota-se a definição de construções analíticas apresentada em Madureira (2000) (cf. seção 1.3.1 da segunda parte do capítulo 1). Serão consideradas analíticas as perífrases formadas por verbo+substantivo, verbo+adjetivo ou verbo+particípio, que podem ser substituídas por uma forma verbal dicionarizada semanticamente

correspondente e expressões que remetem ao conteúdo semântico dos predicadores estudados, mas que não possuem uma forma verbal dicionarizada correspondente. Estão ilustrados abaixo exemplos de construções analíticas.

a) Expressões que podem ser substituídas por uma forma verbal dicionarizada semanticamente correspondente:

Estar+ adjetivo:

(67) a) (203F2C2SA não senão ele vai falá que eu tô com medo...)

b) Não senão ele vai falar que eu me amedronto/amedronto.

Ter+ substantivo:

(68) a) (203F2C2SA eu já tinha vergonha de tudo e ele ainda fazia isso...)

b) Eu já me envergonhava/envergonhava de tudo e ele ainda fazia isso...

Ficar + adjetivo:

(69) a) (207M1A2SA na estrada...ela ficô em tempo de ficá doida lá...)

b) Na estrada...ela ficou em tempo de endoidar lá...

Fazer + substantivo:

(70) a) (202M2A2OA larga pra lá porque...vai me fazê raiva de novo)

b) Larga para lá porque...vai me enraivecer de novo

Ser + adjetivo:

(71) a) (202M1C2SA {mentira ela era doida comigo})

b) Mentira ela endoidava comigo.

Como se vê, as perífrases destacadas em a podem ser substituídas por uma forma dicionarizada correspondente, como se pode observar nas ocorrências b, em que se ilustram, com dados intuitivos, as correspondências das construções analíticas apresentadas pelos dados do *corpus* em a. Por exemplo, na ocorrência (68a), a expressão *tinha vergonha* pode ser substituída por *me envergonhava* ou *envergonhava*, conforme se vê em (68b), e na ocorrência (67a), a expressão *estar com medo* pode ser substituída por *me amedronto* ou *amedronto*, como se ilustra em (67b).

Portanto, o critério adotado para selecionar as construções perifrásticas foi, em primeiro lugar, avaliar seu conteúdo semântico em relação ao campo de experiência pertinente (físico, psicológico, perceptual e cognitivo) e, em segundo lugar, observar se havia possibilidade de substituição dessa construção por uma forma verbal dicionarizada da língua portuguesa. Vejamos a ocorrência abaixo:

(72) (2O3M2A1SA que a filha dela ficô grávida de um minino)

Na ocorrência (72), a construção *ficou grávida* remete ao campo semântico dos predicadores físicos e pode-se substituir a construção perifrástica por uma forma verbal dicionarizada correspondente, pois podemos dizer *que a filha dela engravidou de um menino*. Portanto, essa ocorrência foi classificada como uma construção analítica no *corpus* sob análise. Quando houve dúvidas quanto à perfeita correspondência entre a forma analítica e a forma verbal dicionarizada, o dado foi excluído.

Como se apresentou acima, construções que não apresentaram uma forma verbal dicionarizada correspondente também foram computadas, nesse caso, o critério adotado acima não é pertinente.

b) Construções que não apresentam uma forma verbal dicionarizada correspondente:

(73) (208F1C1SA e depois que ele teve o sarampo...)

(74) (2O3M2A1SA trazia pra cá pra fazê cirurgia aqui...)

Observa-se que as expressões *ter sarampo* e *fazer cirurgia*, em (73) e (74), respectivamente, remetem ao campo semântico dos predicadores físicos, mas não possuem uma forma verbal dicionarizada correspondente. Essas formas foram integradas à análise e classificadas como construções sem correspondentes verbais.

Como se apresentou na seção 1.3.1 da segunda parte do capítulo1, algumas dessas construções analíticas constituem propriedades sintáticas constantes na literatura pertinente e outras não. Ignorou-se, contudo, essa distinção para evitar recortes adicionais à análise.

A forma pronominal, que foi definida em 1.3.1 da segunda parte do capítulo1, é a construção em que o predicador se apresenta com o pronome reflexivo, pseudo-reflexivo ou recíproco (em todas as variações de pessoa), conforme se ilustra, com dados de introspecção, em (75), (76), (77), respectivamente:

(75) Eu me machuquei ontem.

(76) Eu me lembro de tudo o que aconteceu.

(77) Eles se abraçaram.

De acordo com a realização morfológica, os predicadores receberam as seguintes codificações:

Formas sintéticas – I

Formas pronominais – P

Formas analíticas – A

2.2.3- Item lexical

A consideração desse fator justifica-se, pois pesquisas que tiveram como variável de análise o item lexical mostraram que os itens lexicais podem ser apontados como os responsáveis pela variação e implementação da mudança lingüística.

Oliveira (1992), analisando o alçamento das vogais médias pretônicas no português, declara que o contexto fonético não explica as diferenças entre itens como *pumada* vs *pomar*, *porção* vs *purção*, *tumate* vs *tomada*. Apesar de exibir os mesmos contextos fonéticos, esses itens distinguem-se: o alçamento ocorre em um, mas não em outro. Observa, contudo, que Viegas (1987) encontrou um número significativo de vogais médias que alçaram, quando seguidas por uma vogal alta na sílaba seguinte e que isso não poderia ser tratado como uma simples coincidência. O autor propõe, então, que: i) todo segmento, em princípio, é instável, ii) o que permite a alteração de um segmento é o item, ou seja, o que muda é a palavra e não o segmento; logo, um segmento pode ser considerado vulnerável, quando a palavra que o contém é vulnerável e iii) quando um segmento é alterado, ele pode se relacionar de forma harmônica ou desarmônica com os segmentos vizinhos. E declara, então, que o contexto fonético atua *a posteriori* nos casos de relações harmônicas e não *a priori*, como querem os neogramáticos. Um exemplo de relação harmônica seria o processo de assimilação e um exemplo de relação desarmônica, o de dissimilação. Oliveira (1992) destaca também que os itens atingidos em primeiro lugar pela mudança lingüística conteriam certos traços, quais

sejam, [+Comum], [+Estilo Informal], [+Contexto Fonético Natural para Inovação]. Propõe, em seguida, que o traço [+Estilo Informal] pode ser substituído por [-Elaborado]. Analisando a monotongação dos ditongos [ow] para [o], constatou que palavras marcadas com o traço [-Comum] são mais resistentes às mudanças lingüísticas.

Diversos autores observam que a freqüência dos itens lexicais interfere na mudança lingüística. Phillips (1984) *apud* Madureira (2000) observa que, quando as mudanças são fisiologicamente motivadas, as primeiras palavras atingidas são as mais freqüentes e quando as mudanças não são fisiologicamente motivadas, os primeiros itens atingidos são os menos freqüentes. Leslau (1969) *apud* Madureira (2000), observando o comportamento das línguas da Etiópia, declara que os itens mais freqüentes são os primeiros a incorporar uma mudança. Viegas (1995), a respeito do alçamento da média pretônica no português, declara que se deve conjugar freqüência com a variável ambiente fonético favorecedor. Dessa forma, itens como *cebola* e *cenoura*, não são alçados, apesar de serem freqüentes, porque não apresentam um ambiente fonético favorecedor, como, por exemplo, uma vogal alta na sílaba seguinte. A autora também declara que é necessário analisar a história da palavra, pois alguns itens já foram introduzidos na língua portuguesa com a pronúncia alçada. Viegas observa que algumas palavras apresentaram a vogal média sempre alçada na região de Belo Horizonte, apesar de não apresentar ambiente favorecedor, mas, quando a autora analisou a história da palavra, constatou que elas conservavam a pronúncia original.

Ainda tratando sobre a freqüência, Bybee (2001) destaca dois tipos de freqüência que são importantes para a análise lingüística: a freqüência de *tokens* e a freqüência de *types*. A freqüência de *tokens* refere-se à freqüência de uma palavra, é a ocorrência de uma unidade no decorrer do texto. A freqüência de *types* refere-se à freqüência de um determinado padrão. Por exemplo, o passado em inglês (*Past Tense*) pode ser expresso por diversos *types*, mas o mais freqüente é o sufixo -ed, como em *damaged*. Bybee (2001) observa que, em relação à freqüência de *tokens*, os itens mais freqüentes podem seguir dois caminhos em uma mudança lingüística. Isto é, podem ser mais afetados pelo processo ou, de forma oposta, os itens mais freqüentes se tornam mais resistentes às mudanças. No que diz respeito à freqüência de *type*, a autora declara que essa freqüência determina a produtividade, sendo que produtividade é a extensão de um padrão a novas formas. Bybee destaca também que recentes estudos mostram que padrões mais freqüentes são julgados pelos falantes como mais aceitáveis do que padrões menos freqüentes.

O monitoramento do item lexical é uma ferramenta importante para a análise qualitativa dos dados, uma vez que permite observar se o comportamento de itens específicos

está determinando os resultados da análise quantitativa. Cumpre observar que o programa Goldvarb/Varbrul (2001), utilizado na análise quantitativa, não permite o monitoramento dos itens, por essa razão, a análise lexical foi realizada manualmente e os itens não receberam codificação.

A partir da análise dos itens lexicais, pôde-se conhecer os itens que apresentaram exclusivamente o experienciador na posição de sujeito, os itens que apresentaram exclusivamente o experienciador na posição de objeto e os itens em que o experienciador se apresentou na posição de sujeito ou de objeto. A análise desse fator permitiu que se identificasse também o volume de construções ergativas e quais itens as apresentaram, pôde-se relacionar o volume dessas construções ao fenômeno de apagamento do pronome pseudo-reflexivo.

2.2.3.1- As construções causativo-ergativas

Como se disse anteriormente, a partir da análise do fator item lexical, pôde-se conhecer o volume de construções ergativas no *corpus* de Santa Luzia. A classificação de um predicador em causativo-ergativo ou em não-ergativo ocorreu de acordo com uma análise intuitiva e, quanto houve dúvidas, recorremos aos dicionários.

Um predicador foi classificado como causativo-ergativo, quando podia aparecer em uma sentença causativo-transitiva, em que o experienciador se encontra na posição de objeto e quando podia ocorrer em uma sentença ergativo-intransitiva, em que o experienciador é alçado à posição de sujeito. Observem-se as ocorrências abaixo:

(78) (201F2A1OI aí eu lembro que ele $\left[\begin{array}{c} \text{me} \\ \text{ExpO} \end{array} \right]$ levantava assim)

(79) (201FP1AS $\left[\begin{array}{c} \text{eu} \\ \text{ExpS} \end{array} \right]$ num podia nem levantá da cama era assim)

Nas ocorrências acima, temos que o predicador *levantar*, que representa a classe dos físicos, apresenta, na ocorrência (78), a forma causativo-transitiva e na ocorrência (79) a forma ergativo-intransitiva. Esse predicador foi classificado, portanto, como causativo-ergativo.

Quando houve dúvida sobre a transitividade do predicador recorremos ao dicionário. Vejamos o verbete do predicador *resfriar*, que será apresentado na seção 2.2.4.1.1 a seguir. O dicionário Michaelis (1998) apresenta uma construção causativo-transitiva desse predicador, *O vento e a umidade griparam-no* e apresenta uma construção ergativa, *Apanhou chuva e gripou-se*. O predicador *gripar* também foi considerado causativo-ergativo, com base nos dicionários.

2.2.4- As construções pronominais

As construções pronominais podem ser analisadas como variáveis sociolingüísticas, pois, como se viu nas seções 1.2, 1.3 e 1.4 da terceira parte do capítulo 1, em várias cidades de Minas Gerais e em outras cidades do Brasil, o uso do pronome é variável, processo que se submete à atuação de fatores não-lingüísticos. Observem-se as ocorrências abaixo do *corpus* de Santa Luzia:

(80) (1P8F1C3SP assim...num me lembro a idade dela...)

(81) (0P8F1C3SI mais eu num lembro assim muito de coisa ruim não...)

As ocorrências (80) e (81) ilustram, respectivamente a presença e a ausência do pronome pseudo-reflexivo. Dessa forma, a partir das ocorrências acima e da variação já atestada em outras regiões, tratamos do fenômeno de apagamento dos pronomes sob análise como um caso de variação. Analisaram-se, portanto, os casos de presença e ausência desses clíticos.

Apesar de se analisar uma variável sociolingüística e de se adotar o modelo da Teoria da Variação para a coleta e o estudo quantitativo dos dados, uma análise intuitiva também foi realizada para se analisar os contextos de uso do pronome. Vejamos novamente a ocorrência (81) e as ocorrências (59), (60) e (61) rerepresentadas com uma nova numeração:

(81) (0P8F1C3SI mais eu num lembro assim muito de coisa ruim não...)

(82) (0C1F1C3SI ai que nós ficamos cunhecendo...)

(83) (2O1F2A3SI porque graças a Deus todo mundo aprendeu a trabalhá...)

(84) (2O1F2A2SA e muitas festa eu tenho saudade das festa)

A observação dessas ocorrências mostra que (81) e (82) exibem o contexto dos pronomes pseudo-reflexivos e recíprocos, respectivamente, já que podemos encontrar sentenças como *mais eu num me lembro assim muito de coisa ruim não* e *Aí que nós ficamos nos conhecendo*. As ocorrências (83) e (84) não ilustram o contexto dos pronomes estudados, pois não podemos ter, no caso de (83), **porque graças a Deus todo mundo se aprendeu a trabalhar*, nem em (84), um uso do pronome, como em **e muitas festas eu se tenho saudade*. Como se vê, nem todos os dados ilustraram o contexto de ocorrência dos pronomes reflexivos, recíprocos e pseudo-reflexivos e, portanto, só foram analisados os dados que exibiram o contexto do pronome para a análise das construções pronominais.

Além de se controlar os casos de presença e ausência do clítico, foram controlados também os contextos de ocorrência por classe de pronome e por classe semântica do predicador, já que os fatores frequência de tipo de estrutura e frequência de item são considerados nesta análise da seguinte maneira: observou-se se a frequência de *types* (tipo de pronome e classe semântica do predicador) ou de *tokens* (item lexical) favoreceria ou não o uso do pronome.

Os fatores não-lingüísticos também foram considerados para a análise das construções pronominais, mas as variáveis não-lingüísticas não se mostraram muito relevantes para a análise dos dados, devido ao apagamento quase categórico do pronome, conforme se verá em 2.2.3 da segunda parte deste capítulo.

Observe-se que, como se viu em 2.2 apresentada anteriormente, as construções pronominais demandam uma sub-análise dentro da análise dos predicadores experienciais, pois, como o pronome é normalmente analisado como uma variável sociolingüística, consideraram-se fatores lingüísticos e não-lingüísticos na análise do clítico. Os fatores lingüísticos considerados para a análise das construções pronominais são:

- i) tipo de pronome;
- ii) classe semântica do predicador;
- iii) item lexical.

2.2.4.1- Tipo de pronome

A variável tipo de pronome foi considerada, porque Madureira (2000) mostra que, no dialeto mineiro, o pronome pseudo-reflexivo sofre variação nos predicadores psicológicos, conforme se viu em 1.3 da segunda parte do capítulo 1, e Rocha (1999) verifica que o tipo de pronome condiciona a variável *se*, pois seus resultados indicam que o pronome reflexivo favorece a presença do pronome, ao passo que o pronome pseudo-reflexivo favorece o apagamento do clítico, como se viu em 1.4 da terceira parte do capítulo 1. A presente pesquisa observou se o fator tipo de pronome favoreceu/desfavoreceu o uso do clítico e também se a frequência dos contextos de uso de cada pronome considerado favoreceriam o uso do pronome.

Observou-se, portanto, o comportamento do *se* ergativo, do *se* reflexivo, do *se* inerente e do *se* recíproco. Como vimos nas seções 1.5.1, 1.5.2, 1.5.3 e 1.5.4 da terceira parte do capítulo 1, a distinção entre esses pronomes não se realiza sem dificuldade, por isso, explicitam-se, a seguir, os critérios utilizados para a classificação dos clíticos.

Foram considerados reflexivos os pronomes que puderam ser substituídos por *a si mesmo* (em todas as suas variações de pessoa, por exemplo, *a mim mesmo*). Observem-se os exemplos abaixo:

(85) a) Ele se cortou.

b) Ele cortou a si mesmo.

Pode-se ver que em (85), quando substituímos o pronome pela expressão *a si mesmo*, obtém-se um sentido reflexivo, ou seja, o sujeito *Ele* simultaneamente pratica e recebe a ação.

Os recíprocos, que de acordo com Whitaker-Franchi (1989), deveriam ser classificados como os reflexivos, foram distinguidos desses. Foram considerados recíprocos os pronomes que puderam ser substituídos por *um ao outro*. Por exemplo, em *Eles se abraçaram*, pode-se substituir o pronome por *um ao outro*; o sentido de reciprocidade se mantém, como vemos em *Eles abraçaram um ao outro*.

Já os pronomes *se* ergativo e *se* inerente foram agrupados sob um único rótulo; foram denominados *se* pseudo-reflexivo, devido às dificuldades de se fazer uma separação sistemática entre essas classes. Os pronomes dessa classe, então, podem marcar o alçamento do argumento interno para a posição de argumento externo, como por exemplo, *Maria*

preocupou João = *João se preocupou* e também podem acompanhar os verbos chamados de pronominais (ocasionalmente pronominais ou essencialmente pronominais) na Gramática Normativa, como por exemplo, *Paulo se queixou*. Destaque-se que a classificação dos clíticos que acompanham os predicadores *preocupar* e *queixar*, apresentados acima, não gera dúvidas. No primeiro caso o pronome é ergativo e no segundo é inerente. Contudo, essa classificação nem sempre é facilmente estabelecida. Na seção seguinte, apresentaremos alguns problemas de classificação do pronome pseudo-reflexivo.

Antes, vejamos, abaixo, as codificações que esses pronomes receberam:

Reflexivo – R

Pseudo-reflexivo – P

Recíproco – C

2.2.4.1.1- Alguns casos específicos – problemas de classificação

A classificação que se relaciona à transitividade e ao estatuto pronominal dos predicadores que admitem o pronome pseudo-reflexivo foi realizada com o auxílio dos dicionários: *Grande dicionário da língua portuguesa* de Moraes Silva, *Dicionário de verbos e regimes* de Francisco Fernandes, *Moderno dicionário da língua portuguesa* de Michaelis e *Novo dicionário da língua portuguesa* de Aurélio.

A utilização de dicionários mostrou-se necessária sempre que houve dúvida quanto à classificação dos predicadores que admitem o pronome pseudo-reflexivo, em relação à transitividade ou a seu estatuto pronominal. Em alguns casos era difícil saber se um determinado predicador apresentava contexto de uso do pronome. Dessa forma, optou-se por tornar padrão a classificação apresentada nos dicionários. Isto é, se em dois ou mais dicionários um determinado predicador foi classificado como pronominal, então, ele recebeu a codificação 0 (ausência), quando o pronome não foi realizado ou 1 (presença), quando o pronome foi realizado. Quando os dicionários apresentaram o predicador como não-pronominal, ele foi classificado como 2 (construção que não exhibe o contexto do pronome). Contudo, essa classificação não se mostrou uniforme nos dicionários consultados. Observem-

se as definições e classificações para o predicador *desanimar* nos dicionários Michaelis (1998) e Fernandes (1971?), respectivamente:

Desanimar (des+ânimo) vtd 1. Tirar o ânimo de, desacovoçar, desalentar, desencorajar. *Desanimava-o o retardamento daquela providência.* vti e vint. 2. desalentar-se, perder o ânimo: *Desanima com qualquer obstáculo.* “Até que as maiorias oficiais desanimavam de o excluir” (Rui Barbosa). “Nuvens tão escuras cobriram o céu, que os marinheiros começaram a desanimar” (Mário Barreto). vpr. 3. perder o ânimo, a coragem, o valor ou alento: *Avante, não se desanimem! Desanimavam-se com a derrota dos recursos.*

Desanimar transitivo – fazer perder o ânimo, desalentar: “Desanimava-o a demora dos reforços” (Séquier)// Desfavorecer: “O desprezo desanima as boas artes” (Morais) // Intransitivo – perder o ânimo, desalentar-se “Nuvens tão escuras cobriram o céu, que os marinheiros começaram a desanimar” (M. Barreto, C. persas, 94). // Relativo a perder o ânimo, desistir: “Até que as maiorias oficiais desanimavam de o excluir” (Rui, Q. Império, I, 314). // Pronominal – “Desanimar-se alguém, perder o ânimo” (Morais)

Pode-se notar que o predicador *desanimar* foi classificado como transitivo, quando se lhe atribui uma estrutura causativa e, quando apresentou uma estrutura ergativa, foi classificado como transitivo indireto, verbo intransitivo ou pronominal, ou seja, o uso do pronome parece ser opcional, pois quando o clítico está presente, o predicador é classificado como pronominal, quando o pronome não está presente, pode ser classificado como intransitivo ou transitivo indireto. Então, optou-se por codificar os predicadores que apresentavam duas classificações nos dicionários, como construções que não apresentam o contexto de uso do pronome (código 2).

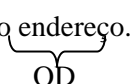
O predicador *resfriar* apresentou o mesmo problema. No *Moderno dicionário da língua portuguesa* de Michaelis (1998) foi classificado como pronominal ou não-pronominal. Fernandes (1971?) o apresentou como intransitivo (não-pronominal) ou pronominal. Dessa forma, o predicador foi classificado como construção que não apresenta contexto de uso do pronome.

Outros predicadores também apresentaram problemas para a classificação. Vejamos o predicador *gripar* no dicionário Michaelis (1998): “Gripar – vtd e vpr. Tornar (se) doente de gripe: O vento e a umidade griparam-no. Apanhou chuva e gripou-se”. Pode-se ver que o predicador *gripar*, quando se lhe atribui uma estrutura causativa, foi classificado como

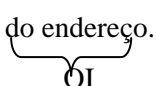
transitivo direto e, quando exibe uma estrutura ergativa, foi classificado como pronominal no Michaelis. Fernandes (1971?) não apresenta o predicador *gripar* e Moraes Silva (1949) apresenta duas entradas para esse predicador, a saber: *gripar* e *gripar-se*. No dicionário Aurélio, a construção ergativa desse predicador foi classificada como pronominal. Optou-se, pois, por classificar *gripar* como contexto de uso do pronome, podendo receber o código 0 (ausência) ou 1 (presença).

Cumpré destacar também os predicadores *lembrar* e *esquecer* que possuem regências especiais. Segundo a *Gramática da língua portuguesa* de Mesquita (1996), o predicador *lembrar*:

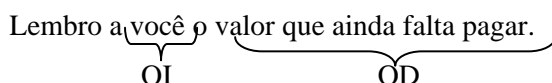
No sentido de *ter lembrança ou memória*, admite duas regências:
Transitivo direto. Nesse caso, não é pronominal:

Lembramos o endereço.


Transitivo indireto. Nesse caso, é pronominal e pede preposição *de*:

Lembramo-nos do endereço.


No sentido de *fazer recordar, advertir* é transitivo direto e indireto e a preposição é *a*:

Lembro a você o valor que ainda falta pagar.


O predicador *esquecer*, de acordo com a mesma gramática, com o sentido de *não ter lembrança ou memória* também admite essas duas regências: transitivo direto e não-pronominal e transitivo indireto e pronominal. Portanto, os predicadores *lembrar* e *esquecer* integraram o *subcorpus* em que se analisam as construções pronominais, recebendo, pois, os códigos 0 ou 1, de acordo com a ausência ou presença do pronome, respectivamente, quando apresentaram objeto indireto e não integraram esse *subcorpus* (foram classificados como construção que não exibe o contexto do pronome), quando apresentaram objeto direto, já que esta construção não apresenta o contexto do pronome. Contudo, a língua falada apresenta mais possibilidades do que prediz a Gramática Tradicional e esses predicadores apresentaram a estrutura pronominal com o objeto direto. Esses casos integraram o *subcorpus* das

construções pronominais, apesar de não se tratar de um contexto de uso do pronome, de acordo com a gramática.

Devem ser observados também predicadores do tipo de *sentar*, *levantar* e *deitar*, pois, segundo os dicionários consultados, eles requerem o pronome, quando realizam uma estrutura ergativa (*Eu me sento*, *ele se levanta*, etc) e não são pronominais, quando realizam uma estrutura causativa (*O pai sentou o menino*). Portanto, esses predicadores integraram o *subcorpus* das construções pronominais, somente quando realizaram estruturas ergativas.

Há que se destacar ainda os predicadores do tipo de *enlouquecer*, *endoidar* e *adoecer* que, apesar de serem causativo-ergativos, não admitem o uso do pronome pseudo-reflexivo, quando apresentam uma estrutura ergativa. Esses predicadores apresentam uma construção causativo-transitiva, como *João enlouqueceu Maria* e apresentam uma construção ergativo-intransitiva que não admite o pronome pseudo-reflexivo, como *Maria enlouqueceu*.

Outros predicadores como *queixar* e *arrepender* sempre têm que ser usados com o pronome. Nos dicionários Michaelis (1998) e Moraes Silva (1949), todas as acepções desses predicadores são pronominais. Observe-se, por exemplo, o predicador *arrepender* nesses dois dicionários. Moraes Silva o apresenta como “Arrepender-se, v. recipr. Ter arrependimento. Retratar-se, desfazer contrato; destratar” e no dicionário Michaelis sua definição é “Arrepender (a¹ + lat. *repenitere*) v. pr. 1. Ter mágoa ou pesar dos erros ou faltas cometidas. 2. Mudar de opinião, parecer ou propósito”.

Analisando-se as classificações das gramáticas e dos dicionários em relação aos predicadores apresentados acima, podemos arrolar cinco grupos de predicadores, cuja classificação, como se viu, nem sempre se faz sem polêmica:

- i) predicadores que podem ser pronominais ou não, quando realizam estruturas ergativas, isto é, o uso do pronome parece ser opcional (*desanimar*, *resfriar*);
- ii) predicadores que são pronominais, se possuem objeto indireto e não-pronominais, se possuem objeto direto (*lembrar*, *esquecer*);
- iii) predicadores que sempre são pronominais, quando realizam a estrutura ergativa e não são pronominais, quando realizam a estrutura causativa (*sentar*, *levantar*, *deitar*);
- iv) predicadores que sempre são pronominais (*arrepender*, *queixar*);
- v) predicadores que, apesar de serem causativo-ergativos não admitem o uso do pronome pseudo-reflexivo, quando realizam estruturas ergativas (*enlouquecer*, *endoidar*).

2.2.4.2- Classes semânticas

Duas razões determinam a consideração da classe semântica dos predicadores como fator de análise das construções pronominais. A primeira relaciona-se à possibilidade de ocorrência do pronome nas classes analisadas, isto é, apesar de todas exibirem um argumento experienciador, sabe-se que nem todas as classes semânticas de predicadores ilustram a possibilidade de ocorrência dos diferentes pronomes. Por exemplo, os predicadores de percepção não podem apresentar o pronome pseudo-reflexivo e, conforme se viu em Madureira (2000), a maior parte dos predicadores psicológicos admite o pronome ergativo, mas poucos admitem o reflexivo. Entre os predicadores físicos, a maioria admite o pronome reflexivo. Outras classes, como a dos epistêmicos, raramente admitem o pronome, seja ele reflexivo ou pseudo-reflexivo.

A segunda razão que determina a consideração da classe semântica do predicador relaciona-se à inclusão de outros predicadores experienciais. Isto é, conforme se viu na seção 1.3 da segunda parte do capítulo 1, a pesquisa de Madureira (2002) apontou grande variação no uso do pronome e propôs explicações que se relacionam especificamente à classe dos predicadores psicológicos. A motivação da presente pesquisa foi a de estender a observação das construções pronominais a um grupo mais amplo de predicadores experienciais. Daí selecionarem-se os predicadores que expressam diferentes processos, sejam eles psicológicos, físicos, cognitivos ou perceptuais. Sabe-se, de acordo com análises intuitivas (Whitaker Franchi, 1989) que, apesar de todos eles admitirem um argumento experienciador, nem todos ilustram propriedades sintáticas que envolvem a presença do pronome. É preciso, pois, observar outras classes semânticas para verificar o alcance do apagamento do clítico em diferentes classes de predicadores e verificar também a classe que favorece/desfavorece os contextos de uso do pronome.

Os predicadores procedentes das classes semânticas analisadas receberam as codificações apresentadas na seção 2.2. Deve-se observar que as classes semânticas, que são o objeto de estudo do presente trabalho, tornam-se, na análise das construções pronominais, uma das variáveis lingüísticas.

2.2.4.3- Item lexical

O terceiro fator que orienta a análise das construções pronominais é o comportamento do item lexical. Foi observado se determinados itens lexicais favoreceram/desfavoreceram o uso do pronome, pois, como se viu na seção 1.3 da segunda parte do capítulo 1, predicadores de uma mesma classe semântica apresentam comportamentos diferentes, exibindo indícios de restrição lexical na variação das ergativas dos predicadores psicológicos. Rocha (1999) observou também que, no que concerne aos reflexivos e falsos reflexivos, a presença do pronome estava relacionada a alguns predicadores e a ausência a outros, nos testes de produção. Assim, o monitoramento do item lexical é uma ferramenta importante para a análise qualitativa dos dados, uma vez que permite observar se o comportamento de itens específicos está determinando os resultados da análise quantitativa. Ressalte-se novamente que o programa Goldvarb/Varbrul (2001), utilizado na análise quantitativa, não permite o monitoramento dos itens, por essa razão, a análise lexical foi realizada manualmente e os itens não receberam codificação.

2.3 - Algumas considerações sobre o viés semântico da análise

A classificação semântica foi tomada como ponto de partida para a análise das construções pronominais nos predicadores experienciais, porque a presente pesquisa parte de trabalhos que assim o fizeram. Como se poderá observar na seção 3.6.1 da primeira parte da análise, os resultados apresentados permitem manter a hipótese de uma interação sintaxe-semântica, sem, todavia, indicar o componente semântico como proeminente em relação ao sintático, ainda que a presente pesquisa não tenha tido o objetivo de verificar o alcance e a hierarquização de cada componente da gramática. Um fator digno de nota em relação ao ponto de partida semântico é a dificuldade de classificação. Algumas ocorrências foram excluídas por apresentarem dificuldades para a análise. Por exemplo, alguns predicadores fenômenos físicos foram excluídos, porque não se pôde identificar com precisão o experienciador ou porque o objeto afetado era parte do corpo humano.

Observem-se, abaixo, algumas das ocorrências em que o objeto afetado é uma parte do corpo:

- (86) (2O4M2C1OI ela furô minha oreiaa assim com a unha assim oh)
- (87) (2O8F1A1OI ele moeu o braço no Engenho de muê cana né?...))
- (88) (2O8F1C1SI quebrô a perna)
- (89) (2O8F1C1SA pra casa da moca...que tava com o braço quebrado...)
- (90) (2O8F1C1OI num dexava ela cortá o cabelo...)
- (91) (2O1F2A1OI minina a faca soltô cortô o nariz de Lênin assim...)
- (92) (2O7M1A1SA ...ficô até alejado o braço)
- (93) (2O7M2C1SI e que a perna as vezes encolhe)
- (94) (2O2M2A1OA com os minino... tem hora que dá cada fisgada na perna aqui assim)
- (95) (2O8F1A1OI de óleo de soja pra curá as firida dele)

Nas ocorrências acima, temos um objeto afetado que poderia ser classificado como experienciador, dentro de uma classificação mais ampla de afetação do que a que se aplica nesta análise, mas essa classificação ainda assim traria um problema, pois, por exemplo, na ocorrência *Ele moeu o braço no engenho de muê cana né?*, temos o agente *Ele* e o experienciador *o braço* que pertence ao agente do processo. Então, sintaticamente não teríamos problema, isto é, o experienciador se encontraria na posição de objeto, mas do ponto de vista do evento, *Ele* seria o agente e o experienciador. Além disso, essas ocorrências violariam um critério básico que serviu para definir os predicadores experienciais: ter um experienciador humano. Optou-se, então, por excluir todas as ocorrências que apresentassem uma parte do corpo como objeto afetado. Trabalhos posteriores que considerem o objeto afetado poderão incluir dados desse tipo.

Outras ocorrências foram excluídas, quando não apresentaram um experienciador explícito e esse não era recuperável pelo contexto. Algumas ocorrências que ilustram o que foi dito anteriormente podem ser visualizadas abaixo:

- (96) (2O1FF2A1OI que eu ficava assim po' bate que não tá dueno)
- (97) (2O7MP1A1OA e deu uma dor no peito...uma dor quemano)
- (98) (2O7MP1A1OA começou a dá aquela dor quemano no peito assim)
- (99) (2O1FF2A1SI ela rolô pro barranco abaixo...pronto aí o coro cumia....)

Nas ocorrências acima até poderíamos apontar intuitivamente um experienciador. Por exemplo, em (96), (97), (98) e (99) poderíamos dizer que o experienciador é *em mim*, mas optou-se por excluir as frases em que o experienciador não estava explícito ou as frases em que não era possível defini-lo, mesmo com a ajuda do contexto.

SEGUNDA PARTE – METODOLOGIA DA COLETA

2.1- Introdução

Como se viu na introdução deste capítulo, a verificação das hipóteses que guiam a pesquisa foi realizada a partir dos dados coletados na cidade de Santa Luzia. A coleta dos dados orientou-se pelo modelo variacionista laboviano, que determina que sejam feitas entrevistas gravadas com informantes previamente selecionados. Nesta parte, apresentam-se os pressupostos teórico-metodológicos do modelo variacionista, informações sobre os fatores não-lingüísticos, que orientaram a metodologia da coleta e que normalmente constituem um fator importante para a análise das construções pronominais, apresentaram-se também informações sobre amostra, a coleta dos dados, a transcrição, a codificação e sobre a história da cidade onde foram realizadas as entrevistas.

2.2- Pressupostos teórico-metodológicos do modelo variacionista

A coleta dos dados orientou-se pelo modelo variacionista laboviano. A Teoria da Variação é um modelo teórico-metodológico, que surge na década de 60 do século passado, com William Labov, que contesta a idéia de que a língua é homogênea. Labov demonstra que a variação é inerente às línguas e postula que essa heterogeneidade é sistemática. Isto é, dentro da comunidade de fala existem regras lingüísticas que são variáveis – ora se aplicam, ora não se aplicam – mas que são passíveis de sistematização. Desta maneira, é possível

entender a dinâmica interna de competição ou coexistência entre as várias formas lingüísticas, que são denominadas variáveis lingüísticas. Por sua vez, variantes lingüísticas são cada uma das maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, de modo que as variantes expressem o mesmo valor de verdade.

A Teoria da Variação defende ainda que a aplicação das regras lingüísticas está condicionada por fatores lingüísticos e não-lingüísticos. Portanto, a Sociolingüística Variacionista advoga que há uma correlação entre a língua e as estruturas sociais, o que mostra que não é possível excluir da análise os fatores extralingüísticos. Segundo Labov (1972: 284), deve-se conectar a língua ao *status* social do falante, pois, antes de ocorrer uma mudança estilística, ocorre uma distribuição social das variantes. É importante, pois, descrever o *status* atribuído, como, por exemplo, etnia, sexo, raça, casta, família e o *status* adquirido, que se refere à educação, renda, ocupação, etc. Tal análise não descarta, evidentemente, os fatores lingüísticos que são igualmente importantes, pois, a variável pode estar condicionada por fatores de natureza fonológica, sintática, semântica ou até mesmo por variáveis de natureza discursiva.

Deve ser lembrado também que o modelo proposto por Labov, além de contestar a idéia de homogeneidade da língua, critica as pesquisas baseadas em dados intuitivos e propõe uma nova metodologia de pesquisa, que tem como objetivo analisar o vernáculo, ou seja, o estilo em que o mínimo de atenção é dado à fala. Segundo Labov (1972: 208), “a observação do vernáculo nos dá os dados mais sistemáticos para nossas análises de estruturas lingüísticas”.⁹ Dessa forma, a Sociolingüística Variacionista destaca que é possível observar as mudanças no curso de sua implementação. Defende-se, pois, que “o comportamento lingüístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que, gradativamente, substituirão aquelas que caracterizam o desempenho lingüístico dos falantes de faixas etárias mais avançadas” (Paiva e Duarte, 2003: 14). Esse postulado é conhecido como construto do *tempo aparente*, que se caracteriza pela análise do comportamento lingüístico de indivíduos de diferentes faixas etárias.

Labov (1972: 204) destaca que, através da análise de pequenas amostras da comunidade de fala, é possível observar a estratificação social das variantes. Para tanto, é necessário gravar entrevistas com informantes selecionados de acordo com variáveis não-lingüísticas previamente estabelecidas. Passemos, então, às variáveis não-lingüísticas que orientaram a seleção dos informantes.

⁹“Observation of the vernacular gives us the most systematic data for our analysis of linguistic structure.”
(Tradução nossa).

2.2.3- Fatores não-lingüísticos que orientaram a metodologia da coleta

Realizaram-se entrevistas com grupos de informantes selecionados de acordo com as seguintes variáveis não-lingüísticas: faixa etária, gênero e classe socioeconômica. Além disso, também se constituiu como variável o fator indivíduo. Essas variáveis foram selecionadas, porque um dos fatores da análise dos predicadores experienciais – as construções pronominais – é uma variável sociolingüística, conforme se viu nas resenhas apresentadas nas seções 1.2, 1.3 e 1.4 da terceira parte do capítulo 1. Como se pode notar o fator escolaridade, que se mostrou relevante nas pesquisas que analisaram o pronome, não constitui uma das variáveis não-lingüísticas, por razões que serão explicitadas adiante. Portanto, trata-se de uma pesquisa sincrônica e, com a coleta dos dados, foi possível montar o *corpus de tempo aparente*.

Antes de se passar às justificativas para a escolha das variáveis não-lingüísticas, destaque-se que se esperava uma alta porcentagem de apagamento do pronome na fala dos informantes selecionados, pois Nunes (1990) destaca que, nas entrevistas sociolingüísticas dos informantes menos escolarizados, o índice de construções sem o pronome alcançou 100%. Veado, na década de 80, mostra que em uma região de Minas Gerais o apagamento do pronome já era categórico na modalidade oral (cf. as seções 1.2 referente à terceira parte do capítulo 1). Além disso, Rocha (1999) mostra que os informantes com 1º grau apresentaram uma probabilidade de apagamento do pronome de 0.78 e como se verá, foram selecionados somente informantes com 1º grau incompleto. Esperava-se, pois, que os fatores sociais não apresentassem um papel significativo para o fenômeno estudado, já que “nos estágios iniciais e finais de uma mudança, pode haver muito pouca correlação com fatores sociais” (WLH, 2006: 123). Por essa razão, acreditamos que a consideração do fator indivíduo poderia se mostrar relevante.

Em relação à faixa etária, nesta pesquisa tratamos somente dos adultos e, para tanto, os informantes foram divididos em dois grupos etários: o grupo 1, com informantes que têm mais de setenta anos e o grupo 2, cujos informantes têm entre 37 e 62 anos. O grupo dos jovens não integra a amostra, pois se pretende observar o padrão lingüístico de Santa Luzia e os jovens mantêm muito contato com a capital. Já os informantes dos dois grupos etários selecionados nasceram, estudaram e realizam suas atividades na cidade.

O presente estudo não pretende avaliar a existência de uma mudança em progresso, já que não se trata de um estudo em tempo real. Sabendo-se que as mudanças se propagam de forma gradual e isso implica longos períodos de variação estratificados nas diversas camadas

sociais, não é suficiente estudar somente dados do tempo aparente para definir corretamente o quadro de uma variação como mudança. Poder-se-á encontrar, portanto, indícios de mudança ou de variação estável com as evidências do estudo de tempo aparente, a partir da análise dos dois grupos etários.

No que concerne a variável gênero, Labov (2001) faz importantes considerações sobre o comportamento paradoxal das mulheres na mudança lingüística. Isto é, as mulheres são mais conservadoras do que os homens, em relação às variantes não-padrão e são mais progressistas, liderando mudanças, quando a variante inovadora tem prestígio social. Tentando decifrar esse paradoxo, Labov (2001: 266-274) elabora dois princípios para o comportamento lingüístico das mulheres, a saber: i) “para as variáveis sociolingüísticas estáveis, a mulher mostra uma taxa mais baixa das variantes estigmatizadas e uma taxa mais alta das variantes de prestígio do que o homem”¹⁰ e ii) “na mudança lingüística *from above*, a mulher adota as formas de prestígio com uma taxa mais alta do que o homem”¹¹. Para ilustrar o primeiro princípio, o autor destaca os estudos de Fischer (1958) na Nova Inglaterra, seus próprios estudos apresentados em 1966a sobre a cidade de Nova York e os de Trudgill (1974b) em Norwich. No que concerne a esta variável, todos os estudos mostraram que as mulheres usam mais a forma de prestígio do que os homens. Observe-se que esse princípio não postula que as mulheres sempre lideram as mudanças, mas sim que elas implementam mais as formas de prestígio do que os homens. Por exemplo, em seu estudo apresentado em 1966a sobre concordância negativa na cidade de Nova York, Labov nota uma forte diferença entre homens e mulheres. A pesquisa mostra que as mulheres usam menos as formas estigmatizadas do que os informantes do sexo masculino. Nesse caso, então, os homens lideram as mudanças e as mulheres atuam de forma conservadora. Labov observa, contudo, que para que esse princípio opere é necessário que as mulheres tenham acesso às normas descritas. Os dados da Philadelphia, por exemplo, mostram que as mulheres do grupo social mais baixo utilizam mais variantes estigmatizadas do que homens, o que comprova a afirmação anterior. No caso das mudanças *from above*, ou seja, das mudanças que estão acima do nível de consciência e que têm, por isso, os valores das variantes conhecidos, as mulheres lideram os processos de aquisição das formas de prestígio e evitam o uso das variantes estigmatizadas. Já nas mudanças *from below*, ou seja, mudanças que ocorrem abaixo do nível de consciência dos falantes, as mulheres tendem a liderar a mudança lingüística. No caso

¹⁰“For stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate of prestige variants than men.” (Tradução nossa)

¹¹“In linguistic change from above, women adopt prestige forms at a higher rate than men.” (Tradução nossa)

específico do emprego do pronome, prevê-se maior presença do pronome na fala das mulheres, já que a ausência do pronome é alvo de correção nos estilos de fala formais e na modalidade escrita.

Segundo Chambers (1995: 36), “a noção de classe social é inerentemente *fuzzy*”, diferentemente do ocorre com a noção de sexo e idade. Faz-se necessário, portanto, estabelecer critérios para a distinção socioeconômica dos informantes. Alguns pesquisadores conjugam diversos fatores para obter uma estratificação social mais objetiva. Labov (1972: 285) afirma que, para obter a estratificação social, na pesquisa que realizou nos Estados Unidos, combinou uma série de fatores como ocupação, educação, renda, e área residencial. Trudgill (1974) *apud* Chambers (1995), para fazer uma classificação socioeconômica de seus informantes, conjuga seis variáveis (ocupação, renda, educação, localidade, tipo de casa e ocupação do pai) e atribui a cada uma um índice que varia de 0-5, o que permite uma pontuação máxima de 30 pontos. A partir dessa pontuação, divide as classes da seguinte forma: a classe média tem uma pontuação acima de 19; classificam-se na classe média baixa os indivíduos cujos índices situam-se entre 15 e 18 pontos. Em relação à classe trabalhadora (*working class*), propõem-se três subgrupos: a classe trabalhadora mais alta, integrada por aqueles cuja pontuação oscila entre 11 e 14 pontos; a classe trabalhadora média com valores entre 7 e 10 pontos e a classe trabalhadora baixa com índices entre 3 e 6 pontos.

Neste trabalho, para a identificação da classe socioeconômica dos informantes, observamos a fala de moradores de dois bairros: Centro e Adeodato. Pode-se dizer que os moradores de ambos os bairros integram a classe média de Santa Luzia, mas os do bairro Centro podem ser classificados como socialmente mais favorecidos do que os do bairro Adeodato. Poder-se-ia classificar os moradores do bairro Centro, como classe média e os moradores do bairro Adeodato, como classe média-baixa. No Centro, as ruas são asfaltadas, há poucos lotes vagos, todas as casas são acabadas, o bairro é antigo e as casas possuem sistema de água e esgoto há muito tempo. No bairro Adeodato, a maior parte das ruas não possui calçamento, as casas geralmente não estão acabadas; trata-se de um bairro novo onde nem todas as casas possuem rede de água e esgoto e podem-se ver muitos lotes vagos. É importante ressaltar que foram escolhidos os informantes que mais se encaixavam na divisão proposta acima, ou seja, sabemos que nem todos os moradores de um bairro apresentam o mesmo nível de vida, por isso foram selecionados informantes que pareciam configurar um mesmo grupo social em cada bairro. No bairro Centro, por exemplo, foram entrevistados: comerciantes, donas de casa que nunca precisaram trabalhar, administrador de obras, restaurador de igrejas, etc. No bairro Adeodato, todos os informantes são oriundos da zona

rural da cidade, portanto, a maior parte dos informantes trabalhou a vida inteira na roça, tanto os homens quanto as mulheres. Além disso, todas as mulheres trabalham ou trabalharam como salgadeiras, arrumadeiras, ou fazendo diversas atividades no trabalho da roça. Cumpre destacar que, como membro desta comunidade, utilizei informações fornecidas por amigos e vizinhos para fazer a estratificação social (informações que muitas vezes não aparecem em uma pesquisa objetiva, mas que são importantes para a classificação).

Tendo-se em conta a caracterização social desses dois grupos de Santa Luzia, prevê-se que os informantes do bairro Adeodato empregarão menos o pronome do que os informantes do bairro Centro, pois os primeiros pertencem a um grupo social menos favorecido e devem, portanto, ter tido menos contato com a escola e, por conseguinte, com a norma culta que exige o emprego do pronome.

O indivíduo é um outro fator que constitui uma das variáveis não-lingüísticas desta pesquisa. É verdade que Labov (1972: 277) descarta completamente os hábitos idiossincráticos da pesquisa sociolingüística, pois acredita que a linguagem “é um instrumento usado por membros da comunidade para se comunicarem uns com os outros”, e que, portanto, só ocorrem mudanças quando um grupo de falantes passa a usar um padrão lingüístico diferente na comunicação. Além disso, o autor ressalta que o comportamento da comunidade é mais homogêneo que o comportamento dos indivíduos; o que determina que o fator indivíduo não seja levado em consideração.

Entretanto, outras pesquisas demonstram o contrário. Observando o alçamento das médias pretônicas no português brasileiro, Oliveira (1992) constatou que, quando se retiravam os casos de flutuação alomórfica (casos falsos de variação, pois cada forma tem um *locus* específico de ocorrência), não havia variação no comportamento dos indivíduos. Oliveira selecionou as palavras que ocorreram pelo menos três vezes no *corpus* para poder checar o comportamento individual para cada item lexical. Obteve 26 palavras que perfizeram um total de 251 ocorrências. Porém, dessas 26 palavras somente 3 puderam ser consideradas como casos legítimos de variação, são elas: *jogar*, *comigo* e *português*. As demais apresentavam: i) [o] categórico, como em *gostar*, *morar*; ii) [u] categórico, como, por exemplo, *começar*, *conhecer*, *dormir* e iii) casos de flutuação alomórfica, como em “morreu-murri”. Analisando, então, o comportamento de três informantes para o verbo *jogar*, observou que somente o informante 11 apresentou alçamento em sua fala, e que, além disso, esse informante não apresentou nenhuma ocorrência de [o]. Oliveira declara que em uma análise variacionista tradicional, que observa o comportamento do grupo, o pesquisador poderia dizer que se obteve 25% de alçamento, mas, como se pode ver, na perspectiva do indivíduo não há

variação. O mesmo se verificou na análise do item *comigo*. Já a palavra *português* foi tratada como um caso de especialização semântica, pois as formas com [o] significavam “língua portuguesa” ou “a disciplina escolar que se ocupa do estudo da nossa língua” e as formas com [u] significavam “natural de Portugal”, ou seja, não há variação. Oliveira (1992: 39-40) declara, então, “que o comportamento dos indivíduos é mais homogêneo que o comportamento do grupo”. E sugere que “o comportamento individual seja checado para todos os itens lexicais”.

Parece importante, pois, que esse fator seja controlado na análise das construções pronominais, pois observações não-sistemáticas revelam que entre indivíduos de mesmo grupo e/ou rede social, por exemplo, há variação.

Como se viu, o fator escolaridade foi excluído da análise, pois, em primeiro lugar, constatou-se que os informantes mais velhos, de uma maneira geral, possuíam o primário completo ou incompleto. O fato de esses informantes só terem cursado o primário pode ser explicado, porque, em Santa Luzia, só havia uma escola pública com nível primário até a década de 50. Em 1965, foi criado o primeiro colégio público estadual, a Escola Estadual Geraldo Teixeira da Costa. Antes dessa data, só era possível cursar o ginásio na cidade em uma escola particular, o colégio Santa Luzia. Assim, os moradores que queriam continuar os estudos submetiam-se a restrições: pagar para estudar em Santa Luzia ou frequentar escolas em Belo Horizonte. Por essa razão, muitos indivíduos mais velhos não prosseguiram os estudos. A estratificação dos informantes de acordo com a escolaridade deveria ocorrer com o grupo etário 2 (o grupo dos informantes adultos mais jovens), uma vez que, quando completaram o primário, outras instituições de ensino já haviam sido criadas na cidade, sendo-lhes possível assim dar prosseguimento aos estudos. Presumiu-se, então, que, entre os informantes do grupo dos adultos mais jovens haveria a possibilidade de se distinguirem dois níveis de escolaridade, pelo menos, mas constatou-se que o nível de formação escolar mais freqüente era o primário. Dessa maneira, o fator escolaridade foi descartado. O fator saliente na seleção dos informantes é a faixa etária e esse fator está associado a outro mais proeminente – viver em Santa Luzia. É interessante observar que se tivéssemos selecionado informantes mais jovens, conseguiríamos manter o fator escolaridade, inclusive, porque uma faculdade foi criada na cidade há mais de quatro anos. Contudo, deve ser lembrado que os jovens mantêm contato freqüente com Belo Horizonte (estudam, trabalham ou saem a passeio), por essa razão esses informantes não foram selecionados. Apesar de o fator escolaridade não constituir um critério para a seleção dos informantes, preserva-se o fator viver em Santa Luzia, já que os informantes selecionados estudam, trabalham e realizam

atividades na cidade. Como se sabe, as redes sociais impõem ou reforçam padrões de comportamento lingüístico em uma comunidade. Além disso, é importante ressaltar que “uma descoberta consistente dos estudos de rede é que indivíduos bem integrados usam as variantes regionais com mais freqüência” (Chambers, 1995: 78)¹².

2.3- A coleta dos dados

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas gravadas com o consentimento prévio do informante e foi solicitada a autorização desses para uso dos dados. Antes da realização dessas, foi elaborado um questionário que guiou a entrevista e teve também por objetivo “homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação” (Tarallo, 1994: 22). Embora houvesse um questionário, foi permitido que o informante, algumas vezes, desenvolvesse um tema do seu interesse, o que, aliás, é desejável, segundo Labov (1984) para que assim a entrevista se tornasse menos formal, já que, pressupõe-se, o falante presta menos atenção á própria fala, quando está mais envolvido no assunto.

Buscou-se, portanto, o vernáculo, ou seja, a língua usada pelo informante em uma situação informal de uso. No entanto, Labov (1972) destaca que, quando um sociolinguísta realiza um trabalho de campo, confronta-se com o “paradoxo do observador”, isto é, o objetivo do pesquisador é saber como as pessoas falam quando não estão sendo observadas, mas para obter esses dados é necessário fazer entrevistas gravadas com os informantes. Labov, então, aponta uma maneira de fazer emergir o vernáculo: é necessário envolver o informante com perguntas que recriem fortes emoções que ele sentiu no passado, ou envolvê-lo em outras situações. Conforme o autor, uma forma prática de envolver os informantes é perguntar-lhes se já estiveram em alguma situação em que havia perigo de vida, pois as narrativas que decorrem dessa pergunta refletem uma mudança no estilo de fala dos informantes; esses passam do estilo mais cuidado para o estilo mais casual.

Entretanto, pôde-se notar que essa pergunta, mesmo quando feita no final da entrevista, quando os informantes já estavam mais confortáveis com a presença do gravador e do pesquisador, nem sempre atinge seus objetivos, pois os informantes geralmente

¹² “The consistent finding of network studies is that the best integrated individuals use the regional variants most frequently”. (Tradução nossa)

respondiam que “não passaram por situações de perigo” ou “não gostavam de falar sobre coisas ruins”. Além disso, nos casos em que a resposta para a pergunta foi afirmativa, as narrativas decorrentes dela não foram muito produtivas.

Destaque-se que não se comunicou aos informantes o motivo real da entrevista, para evitar que prestassem demasiada atenção à própria fala, no que concerne ao uso do pronome. Foi dito ao informante que o pesquisador estava interessado na história da região e de seus integrantes e também nas variações lexicais.

2.4- A amostra

Os dados foram obtidos de aproximadamente doze horas de entrevistas realizadas com dezesseis moradores de ambos os sexos da cidade de Santa Luzia/MG. Os informantes foram divididos em dois grupos etários: o grupo 1, constituído por informantes acima de 70 anos e o grupo 2, cujos informantes têm entre 37 e 62 anos. Selecionaram-se informantes de dois bairros, Centro e Adeodato, que configuram classes sociais distintas. Os moradores do bairro Centro foram classificados com uma classe socioeconômica mais alta do que os moradores do bairro Adeodato.

As entrevistas foram realizadas pela autora desta dissertação, que sempre se fez acompanhar de um membro da comunidade. Esse último teve por função facilitar a aproximação dos informantes com o pesquisador, o que é desejável, de acordo com Labov (1972), e tornar as entrevistas menos formais, uma vez que foi permitido que ele propusesse perguntas e fizesse comentários. É importante ressaltar que, devido aos laços de amizade existentes entre o acompanhante e os informantes, as entrevistas apresentaram um grau de informalidade muito grande e a presença do gravador foi praticamente esquecida.

2.4.1- Descrição do quadro de informantes

Quadro 1 – Descrição dos informantes

Grupos Sociais	Adeodato		Centro Histórico		Total
	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	
Grupo 1 (+ de 70 anos)	2	2	2	2	8
Grupo 2 (de 37 a 62 anos)	2	2	2	2	8
Total	4	4	4	4	16

2.5-Transcrição

Os dados coletados foram transcritos de acordo com as normas estabelecidas pelo projeto *Pelas Trilhas de Minas* (cf. seção 2.7, a seguir). Dentre as normas de transcrição desse projeto destacam-se o uso da ortografia convencional para a transcrição dos dados – já que o objeto de estudo não é fonológico – e a utilização de poucos símbolos com o objetivo de não sobrecarregar a transcrição. Apesar de se usar a ortografia convencional, os dados foram transcritos o mais próximo possível da pronúncia registrada.

2.6 – A codificação

Como se viu, após a apresentação de cada variável lingüística, foram apresentados os códigos usados para cada fator. Nesta seção, serão resumidos os códigos usados para as

variáveis lingüísticas e não-lingüísticas. Como se verá, será apresentado um exemplo de como esses códigos se encontram ordenados dentro de cada ocorrência, da mesma forma como as ocorrências estão sendo apresentadas ao longo da dissertação. Encontra-se ilustrada, a seguir, uma ocorrência do *corpus* de Santa Luzia e, abaixo, há o resumo dos códigos usados para cada variável em relação à coluna em que se encontram.

(100) (0P1F2A3SI ...ai cê boba Lê...ano que vem cê já esqueceu disso)

1ª coluna – construções que ilustram o contexto de uso do pronome (0, 1) e construções que não exibem contexto do pronome (2).

0 – Ausência

1 – Presença

2 – Construções que não apresentam contexto de uso do pronome

2ª coluna – tipo de pronome – R, P, C

R – Reflexivo

P – Pseudo-reflexivo

C – Recíproco

3ª coluna – informante – 1,2,3,4,5,6,7,8

4ª coluna – gênero – M,F

M – masculino

F – feminino

5ª coluna – faixa etária – 1,2

1 – Acima de 70 anos

2 – De 37 a 62 anos

6ª coluna – classe socioeconômica – C,A

C – Centro

A – Adeodato

7ª coluna – classe semântica – 1,2,3,4

- 1 – Físicos
- 2 – Psicológicos
- 3 – Epistêmicos
- 4 – Percepção

8ª coluna – experienciador – S,O

- S – Experienciador na função de sujeito
- O – Experienciador na função de objeto

9ª coluna – realização morfológica realizada pelo verbo – P,A,I

- P – Pronominal
- A – Analítica
- I – Sintética

Dessa forma, a codificação da ocorrência (100) lê-se como: ausência do pronome pseudo-reflexivo, na fala do informante de número 1, que é do sexo feminino. Observe-se, ainda, que essa informante tem entre 37 e 62 anos e reside no bairro Adeodato. Vê-se também que se trata de um predicador epistêmico, cujo experienciador se encontra na posição de sujeito e que esse se realizou na forma sintética.

Apresentaram-se informações sobre os pressupostos teórico-metodológicos usados na seleção dos informantes, informações sobre a amostra, a coleta dos dados, a transcrição e a codificação. Apresenta-se, a seguir, um pouco da história da cidade em que os dados foram coletados.

2.7 – Conhecendo um pouco da história de Santa Luzia

Depois da descoberta de ouro em Sabarabuçu, os bandeirantes continuaram a busca pelo metal em outras regiões de Minas Gerais. Nos fins do século XVII, os bandeirantes Fernão Dias Paes e Borba Gato descobriram ouro na região do Rio das Velhas. Como consequência dessa descoberta, muitos povoados foram criados, dentre eles, a cidade de Santa

Luzia. Dolabela (1984: 45) declara que “sem dúvida, a bandeira do velho sertanista paulista descobriu, desbravou e iniciou o povoamento da Região do Rio das Velhas. Dentre os vários núcleos derivados da descoberta e exploração do ouro, nasceu Santa Luzia”.

Segundo o mesmo autor, há controvérsias acerca do período em que a cidade ficou conhecida com o nome de Santa Luzia. Alguns documentos relatam que a cidade recebeu esse nome depois que a imagem de Santa Luzia foi encontrada em 13 de dezembro de 1704. Contudo, segundo a tradição oral, a imagem foi encontrada em 1744 ou 1746. Dolabela (1984: 72) acredita que a data correta do surgimento do nome da cidade é de 1744, uma vez que “historiadores e documentos consultados contradizem a data de 1704, porque a descoberta da Virgem é contemporânea à mudança de nome de Bom Retiro para o de Santa Luzia, o que só acontece depois de 1744 ou 1746”.

O povoado que deu origem à cidade surgiu em 1692 e foi criado por remanescentes da bandeira de Borba Gato (José Corrêa de Miranda e outros). Esse primeiro núcleo criado recebeu o nome de Santana de José Correia e foi destruído por uma enchente do Rio das Velhas, o que resultou na retirada da população para a colina da fronteira (TRÊS, 2007: 7). Nesta colina (atual Rua Direita, situada no Centro da cidade) formou-se um novo povoado com o nome de Bom Retiro, “nome que se originou do asilo e abrigo que este local foi para a povoação” (Dolabela, 1984: 50)

Dolabela (1984: 51) assim resume a história da cidade:

Em 1692, foi fundado o povoado de Bicas pelo bandeirante José Corrêa de Miranda, companheiro do Padre Faria. Em 1677 (*sic*), surgiu um novo povoado com o nome de Bom Retiro – o precursor de Santa Luzia – e, finalmente em 1744, com o aparecimento da imagem da Virgem, nasceu a Vila de Santa Luzia do Sabará, (...) ou melhor Santa Luzia do Rio das Velhas, atual Santa Luzia.

Com 316 anos de história, há nessa cidade uma riqueza lingüística muito grande. Nesse lugar, muitos habitantes ainda podem conservar aquilo que Megale (2000: 10) denomina uma “língua falada antiga”, por causa do apego às tradições e o contato não muito grande com a capital. Além disso, este estudo, de certa forma, dá continuidade ao projeto *Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*¹³, que tem como objetivo

¹³ Esse projeto recebeu apoio da FAPEMIG entre 2003 e 2004 e foi coordenado pela prof^a Dr^a Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.

específico coletar dados de língua falada e de documentos escritos pretéritos de regiões que foram criadas por consequência das incursões dos bandeirantes, permitindo o prosseguimento à hipótese já formulada pelo projeto: qual é a importância dos bandeirantes na formação/consolidação de nossa língua?

Terminada a apresentação dos grupos de fatores selecionados para a análise dos predicadores experienciais analisados e da metodologia adotada na coleta, passemos à análise dos dados.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE

O presente capítulo divide-se em três partes. Na primeira parte, todos os dados do *corpus* de Santa Luzia serão analisados com base nos seguintes grupos de fatores: a distribuição sintática do experienciador, a realização morfológica dos predicadores e o item lexical. A segunda parte refere-se exclusivamente às construções pronominais. Analisam-se os fatores lingüísticos e não-lingüísticos estabelecidos para a análise dessas construções. Na terceira parte da análise, verificaremos se as construções pronominais restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo.

PRIMEIRA PARTE

3.1- Introdução

Observe-se, em primeiro lugar, como se apresentam os 1932 dados do *corpus* de Santa Luzia no gráfico 2, onde o experienciador que se encontra na posição de sujeito será tratado como ExpS, e o experienciador que se encontra na posição de objeto como ExpO:



Gráfico 2– Frequência da distribuição sintática do experienciador dos dados do *corpus* Santa Luzia

Como se pode ver, o volume de predicadores em que o experienciador se encontra na posição de sujeito é muito superior ao volume de predicadores em que o experienciador está na posição de objeto, pois dos 1932 dados, 1799 casos são de ExpS (93%) e há somente 133 casos de ExpO (7%).

Quanto à realização morfológica dos predicadores do *corpus* de Santa Luzia, vejamos o gráfico 3:

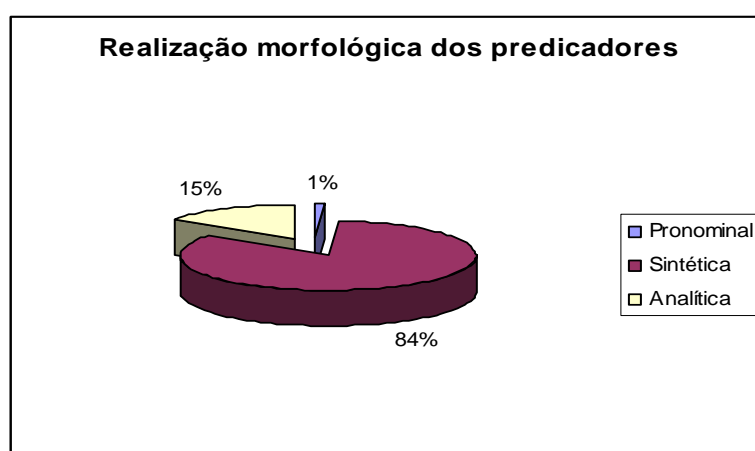


Gráfico 3 – Realização morfológica dos dados do corpus de Santa Luzia

Os dados do gráfico 3 informam que os predicadores experienciais apresentam-se preferencialmente na forma sintética, pois 84% (1632 dados) dos predicadores se realizaram nessa forma; 15% (296 ocorrências) dos predicadores se realizaram na forma analítica e há um índice muito baixo de construções pronominais, apenas 1% (4 casos).

Verifiquemos a relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores presentes no *corpus* de Santa Luzia. Para tanto, observemos os dados da tabela abaixo:

Tabela 1– Relação da distribuição sintática do experienciador e da realização morfológica dos predicadores.

	ExpS		ExpO		Total
	Casos	%	Casos	%	Casos
Sintética	1523	84	109	82	1632
Analítica	272	15	24	18	296
Pronominal	4	1	0	0	4
Total	1799	100	133	100	1932

Antes de analisarmos os dados da tabela 1, será interessante observar algumas ocorrências das construções apresentadas na tabela acima. Vejamos:

Sintéticas

(101) (2O5F1A1SI) aí depois que $\left(\begin{array}{c} \text{ele} \\ \text{ExpS} \end{array} \right)$ adueceu..aí num)

(102) (2O2M2A1OI) ia discascá $\left(\begin{array}{c} \text{a gente} \\ \text{ExpO} \end{array} \right)$...mas)

Analíticas

(103) (203F2C2SA) eu falo $\left(\begin{array}{c} [\text{eu}] \\ \text{ExpS} \end{array} \right)$ não tenho muita confiança)

(104) (2O1F2A1OA) aí ela descia o coro. $\left(\begin{array}{c} [\text{em alguém}] \\ \text{ExpO} \end{array} \right)$

Pronominais

(105) (1P8F1C2SP) porque $\left(\begin{array}{c} \text{eu} \\ \text{ExpS} \end{array} \right)$ não me importava)

Observando-se os dados da tabela 1, constata-se que, independentemente da posição do experienciador, os predicadores ilustram uma preferência por construções sintéticas, pois

se obteve um índice de 84% de realizações sintéticas de ExpS e 82% de realizações sintéticas de ExpO.

Verifiquemos, agora, como cada subgrupo de predicadores experienciais se comporta em relação aos fatores selecionados para análise.

3.2 – Análise dos predicadores de percepção

Observemos, em primeiro lugar, como ocorre a distribuição sintática do experienciador dentro da classe dos predicadores de percepção no *corpus* de Santa Luzia.



Gráfico 4 – Distribuição sintática do experienciador dos predicadores de percepção no corpus de Santa Luzia (144 dados).

Os dados do gráfico 4 mostram que os predicadores de percepção exibem o experienciador de forma quase categórica na posição do sujeito, uma vez que 99% (143 casos) dos experienciadores ocorreram nessa posição e houve somente uma ocorrência (1%) de construção ExpO.

Em relação ao tipo de realização morfológica, os predicadores de percepção realizam-se exclusivamente na forma sintética, conforme se vê no gráfico 5:

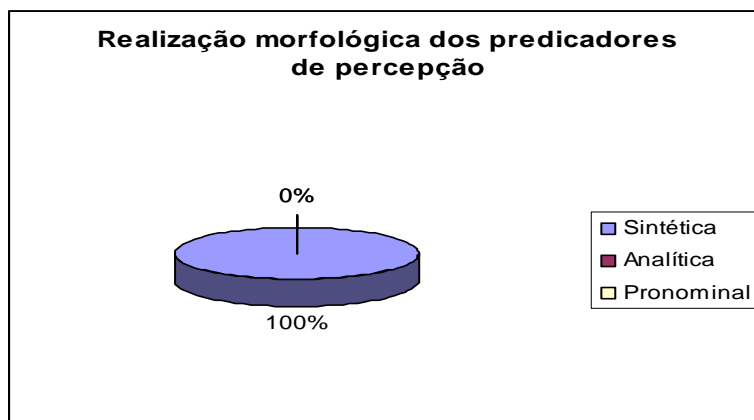


Gráfico 5 – Realização morfológica dos predicadores de percepção no corpus de Santa Luzia (144 dados).

Resta saber a relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores no *corpus* de Santa Luzia.

Tabela 2 – Relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores de percepção no *corpus* de Santa Luzia.

Predicadores de percepção			
	Formas	Nº	%
ExpS	Sintética	143	100
	Analítica	0	0
	Pronominal	0	0
Total ExpS		143	100
ExpO	Sintética	1	100
	Analítica	0	0
Total ExpO		1	100
Total		144	100

Observe-se que os predicadores de percepção praticamente só apresentam realizações sintéticas de ExpS, o único caso de ExpO refere-se à ocorrência (106):

(106) (0C3F2C4OI colega dele...ai no início da Semana Santa a gente ficô olhando)¹⁴

¹⁴ O enunciado esperado no trecho sublinhado é: *a gente ficô se olhando*. Trata-se da fala de uma mulher que narra o encontro dela e de duas amigas com três rapazes, sendo que cada uma das moças olhava para um deles e vice-versa.

Vejamos, abaixo, alguns exemplos de construções ExpS sintéticas:

(107) (2O2M2A4SI porque a gente não consegue olhá tudo...)

(108) (2O5F1A4SI tô assitino novela tem que vê tanta coisa né?)

(109) (2O7M1A4SI aqui ni Nonô Sarafim cê já ouviu fala Nonô Sarafim?)

(110) (2O8F1A4SI não ninguém iscutô ele gritá...ele achô um colega lá ...)

3.2.1- Análise do fator item lexical dos predicadores de percepção

Foram analisados os itens lexicais dessa classe, mas nenhum comportamento idiossincrático foi observado.

3.3 – Análise dos predicadores epistêmicos

Vejamos no gráfico 6 como ocorre a distribuição sintática do experienciador dentro da classe semântica dos predicadores epistêmicos no *corpus* de Santa Luzia.

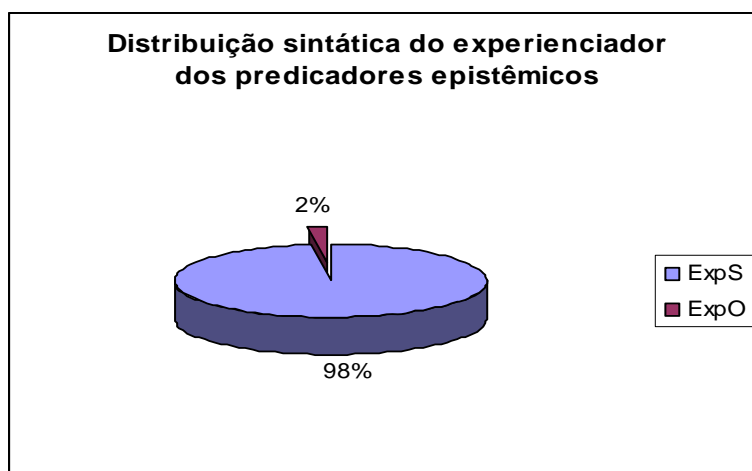


Gráfico 6 – Distribuição sintática do experienciador dos predicadores epistêmicos no *corpus* de Santa Luzia (695 dados).

Os dados do gráfico 6 mostram que os predicadores epistêmicos exibem preferencialmente os experienciadores na posição de sujeito, pois em 682 ocorrências (98%) o experienciador se estruturou nessa posição e obtiveram-se somente 13 construções ExpO (2%).

Observemos, agora, a realização morfológica dos predicadores epistêmicos no *corpus* de Santa Luzia no gráfico abaixo:

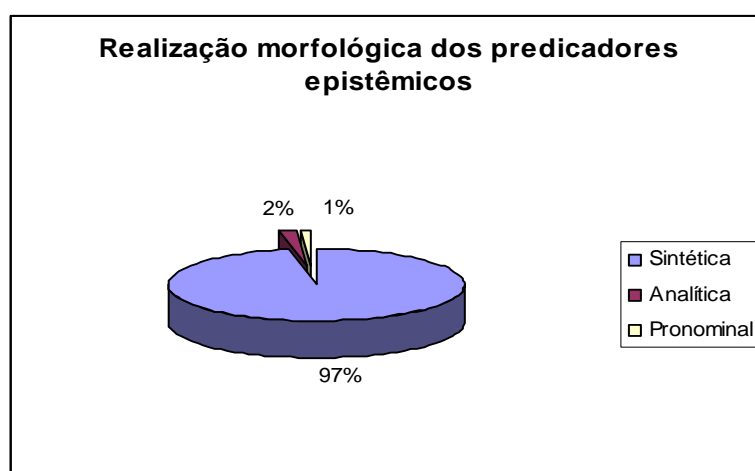


Gráfico 7 - Realização morfológica dos predicadores epistêmicos no *corpus* de Santa Luzia (695 dados).

Como se pode ver, os predicadores epistêmicos realizam-se preferencialmente com construções sintéticas: 681 ocorrências (97%) de construções sintéticas, 11 casos (2%) de construções perifrásticas e 3 ocorrências (1%) de construções pronominais.

Vejamos, agora, a relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores nessa classe semântica no *corpus* de Santa Luzia.

Tabela 3 – Relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores de percepção no *corpus* de Santa Luzia.

Predicadores epistêmicos			
	Formas	Nº	%
ExpS	Sintética	668	97
	Analítica	11	2
	Pronominal	3	1
Total ExpS		682	100
ExpO	Sintética	13	100
	Analítica	0	0
Total ExpO		13	100
Total		695	100

Em relação às construções ExpS, constata-se que há uma preferência por construções sintéticas, obtiveram-se 97% de construções ExpS sintéticas, somente 2% de construções perifrásticas e 1% de construção pronominal. No que concerne às construções ExpO, é interessante observar que todas se realizaram na forma sintética. Além disso, podemos verificar que todas as construções analíticas se estruturaram com o experienciador na posição de sujeito.

3.3.1- Análise do fator item lexical dos predicadores epistêmicos

Examinando o comportamento dos itens na classe dos epistêmicos, verifica-se que somente três predicadores ilustraram a estrutura ExpO, são eles: *conhecer*, *ensinar* e *estudar* na perspectiva causativa. Observem-se algumas ocorrências desses predicadores abaixo:

(111) (0C3FP2C3OI nós conhecemo numa Semana Santa sabe?...)

(112) (2O6MP1A3OI era mais fácil...pra istudá um minino)¹⁵

(113) (2O1F2A3OI ele conta que a mãe dele foi insiná eles a trabalhá....)

As construções pronominais desses predicadores estão ilustradas abaixo:

¹⁵ Cumpre destacar que essa construção causativa do verbo *estudar* não é prevista pela Gramática Tradicional.

(114) (1P5M1C3SP MG foi até muito pacífica nessa parte.. porque...e..eu me lembro)

(115) (1P8F1C3SP num me lembro a idade que ele tinha nessa época)

(116) (1P8F1C3SP assim...num me lembro a idade dela...)

As únicas ocorrências pronominais ocorreram com o predicador *lembrar* e sempre com pronome de primeira pessoa. Ainda sobre esse predicador, resalte-se que ele não apresentou nenhuma estrutura causativa, como, por exemplo, *Eu lembrei Maria de comprar o bolo*, apesar de essa estrutura ser potencialmente possível para esse predicador.

Vejamos também as construções analíticas que esses predicadores exibiram:

(117) (2O6F2C3SA não tinha noção...)

(118) (2O6F2C3SA não tinha noção...)

(119) (2O6F2C3SA ...porque os minino num tinha istudo nenhum né?)

(120) (2O6F2C3SA num tem istudo nem nada)

(121) (2O6F2C3SA mais veio na minha imaginação)

(122) (2O6F2C3SA porque que veio isso na minha cabeça...)

(123) (2O6F2C3SA porque não tinha conhecimento com ninguém)

(124) (2O2M2A3SA não tinha certeza nenhuma nenhuma que era meu não...)

(125) (2O7M1A3SA e porque nunca tive assim nunca tive nunca fui istudado né?)

(126) (2O8F1A3SA a gente ninguém era istudado...)

(127) (2O8F1A3SA ninguém tinha istudo era só terceiro ano)

A observação dessas ocorrências dos predicadores epistêmicos revela que dentre as construções perifrásticas realizadas há expressões que não se relacionam a formas verbais dicionarizadas e/ou usadas. São elas: *ter noção*, *vir na cabeça* e *ter certeza*. As demais expressões podem ser substituídas por uma forma verbal dicionarizada semanticamente correspondente. Por exemplo, as expressões *ter estudo* e *era estudado* das ocorrências (120) e (126), respectivamente, podem ser substituídas pelo predicador *estudar* no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo, a expressão *ter conhecimento* da ocorrência (123) pode ser substituída pelo predicador *conhecer* no pretérito imperfeito do indicativo e a expressão *vir na imaginação* da ocorrência (121) pode ser substituída por *imaginar* no pretérito perfeito do indicativo.

3.4 – Análise dos predicadores físicos

Vejamus como ocorre a distribuição sintática dos predicadores físicos nos dados do *corpus* de Santa Luzia no gráfico abaixo:

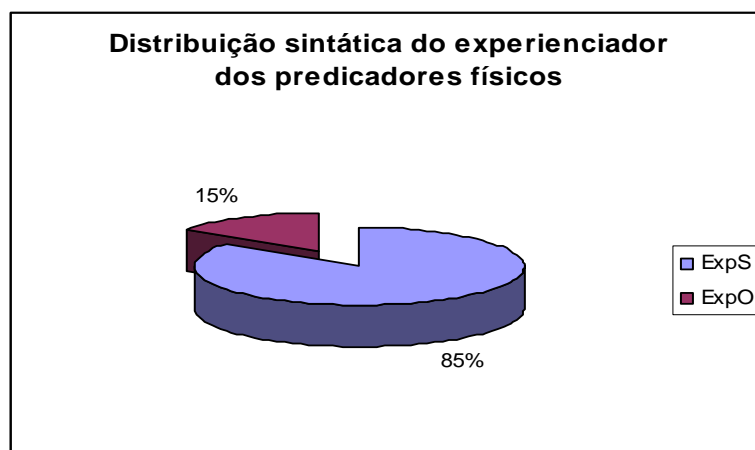


Gráfico 8 – Distribuição sintática do experienciador dos predicadores físicos no *corpus* de Santa Luzia (509 dados).

Os dados do gráfico 8 mostram que os predicadores físicos ocorrem preferencialmente com construções ExpS, foram computados 85% (431 casos) de construções em que o experienciador se estruturou na posição de sujeito e apenas 15% (78 casos) de construções ExpO.

Passemos, agora, à análise da realização morfológica dos predicadores físicos do *corpus* em questão. Observe-se, para tanto, o gráfico abaixo:

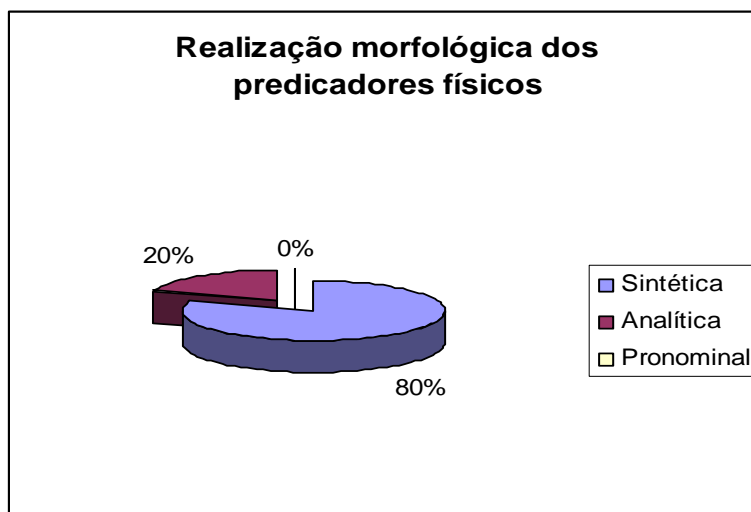


Gráfico 9 – Realização morfológica dos predicadores físicos no corpus de Santa Luzia (509 dados).

Pode-se ver que os predicadores físicos apresentam como estrutura preferencial as construções sintéticas, pois 409 dados (80%) exibiram construções sintéticas, foram computadas 100 ocorrências (20%) de construções analíticas e não houve nenhuma construção pronominal.

Observe-se, agora, a análise da relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores.

Tabela 4 – Relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores físico no *corpus* de Santa Luzia.

Predicadores físicos			
	Formas	Nº	%
ExpS	Sintética	340	79
	Analítica	91	21
	Pronominal	0	0
Total ExpS		431	100
ExpO	Sintética	69	88
	Analítica	9	12
Total ExpO		78	100
Total		509	100

Os dados da tabela 4 mostram que os predicadores físicos realizam-se preferencialmente na forma sintética, independentemente da função sintática exercida pelo

experienciador, pois se obtiveram 431 dados de construções ExpS e desses 340 (79%) são de construções sintéticas e foram computadas 78 construções ExpO e, dentre elas, 69 (88%) são de realizações sintéticas. É interessante observar que a maior parte das construções analíticas estrutura-se com o experienciador na posição de sujeito, porque ocorreram 100 formas analíticas no *corpus* e, dessas, 91 apresentaram o experienciador nessa posição.

3.4.1- Análise do fator item lexical dos predicadores físicos

Nesta seção, serão apresentados exemplos dos predicadores físicos que ilustraram os percentuais apresentados nos gráficos 8 e 9 e na tabela 4. Em relação à distribuição sintática do experienciador, serão apresentados os predicadores físicos do *corpus* que exibiram construções ExpS, aqueles que exibiram construções ExpO e aqueles que exibiram construções ExpS e ExpO. Além disso, será observado o volume de construções ergativas e causativas que esses predicadores apresentaram. No que concerne à realização morfológica dos predicadores, apresentaremos alguns predicadores que se realizaram na forma sintética, os predicadores que exibiram construções pronominais e todos os predicadores que apresentaram formas analíticas. Essas informações serão utilizadas na terceira etapa da análise, em que se observa se as construções analíticas restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo. Na seção 3.1 da terceira parte deste capítulo, em que se avalia a pertinência dessa hipótese, será necessário relacionar o volume de construções analíticas com o volume de construções ergativas e sintéticas que apresentaram contexto para o pronome pseudo-reflexivo.

3.4.1.1 – Distribuição sintática do experienciador e o fator item lexical

A análise do *corpus* de Santa Luzia revela que há três subgrupos de predicadores físicos, no que concerne a distribuição sintática do experienciador: i) aqueles que só se realizaram com o experienciador na posição de sujeito; ii) aqueles que só se realizaram com o experienciador na posição de objeto e iii) aqueles em que o experienciador se realizou na posição de sujeito ou de objeto.

A seguir, serão apresentados os predicadores do *corpus* em questão que exibiram somente o experienciador na posição de sujeito. Observe-se que serão citadas apenas as entradas lexicais dos dicionários desses predicadores. Assim, se um predicador apresentou formas analíticas semanticamente correspondentes às formas verbais, como por exemplo:

(128) (208F1C1SA eu fiquei um ano duente...)

A construção *fiquei doente* da ocorrência (128) será representada na listagem abaixo pelo predicador *adoecer*. Contudo, quando a construção analítica não apresentar uma entrada de dicionário correspondente, será apresentada como ocorreu no *corpus*, mas o verbo presente nessa construção será apresentado no infinitivo. Observe-se a ocorrência abaixo em que se ilustra uma construção analítica que não apresenta um predicador dicionarizado semanticamente correspondente:

(129) (202M1C1SA eu vinha e...e quando eu vi abri um carrerão)

A construção *abri um carrerão* da ocorrência (129) não possui um predicador dicionarizado semanticamente correspondente, logo, será apresentada na lista a seguir como *abrir um carrerão*. Em seguida, essas expressões serão apresentadas com mais detalhes. Os predicadores físicos do *corpus* sob análise que somente exibiram o experienciador na posição de sujeito são: *abrir um carrerão, acordar, acidentar, adoecer, andar, apanhar, arrepiar, arruinar, atropelar, cair, chorar, convulsionar, correr, crescer, dançar, dar um acesso, descansar, desmaiar, doer, dormir, enfartar, enfraquecer, engravidar, escorregar, esperar menino, estar bem, estar com asma, fazer cirurgia, ganhar neném, gripar, inchar, molhar (=suar), morrer, nascer, operar, passar mal, piscar, pular, repousar, resfriar, rir, roncar, sangrar, sarar, sentar, suar, suturar, ter malária, ter menino, ter sarampo, tontear, viver, vomitar*. Vejamos algumas ocorrências do *corpus* como exemplos:

(130) (208F1C1SI num andava direito...aí veio o derrame...)

(131) (201F2A1SI e todo mundo apanhava...se tivesse uma briga...)

(132) (204F2A1SA nossa sinhora a gente ficava toda quemada..)

(133) (205F1A1SI não mais na hora que cê adueceu nós tava em casa...)

(134) (207M1A1SI ino e vortano todo dia num podia durmi aqui não uai)

Deve-se observar que um subgrupo bem menor de predicadores do *corpus* de Santa Luzia exibiu somente o experienciador na posição de objeto, quais sejam: *bater*, *cortar*, *cortar a vara*, *dar (=bater)*, *dar uma crise*, *descascar (=bater)*, *descer o couro*, *esgoelar*, *encostar (=bater)*, *esquentar*, *furar*, *injetar*, *judiar*, *machucar*, *mandar (=atirar)*, *ressuscitar*, *segurar*, *sufocar*, *suspender*, *suturar*. Observem-se abaixo algumas ocorrências referentes a esses predicadores:

- (135) (2O8F1A1OI não num batia não...punha de castigo)
 (136) (2O7M1A1OI nunca mais ele incostô a mão ni mim...)
 (137) (2O3M2A1OI a mãe tava judiano dela ...)
 (138) (2O2M2A1OI ia discascá a gente...mas)
 (139) (2O2M1C1OI em cima dele quase ele me fura com)

Os seguintes predicadores físicos do *corpus* de Santa Luzia exibiram os experienciadores na posição de sujeito e de objeto. São eles: *deitar*, *levantar*, *queimar* e *surrar*. Observem-se algumas ocorrências desses predicadores abaixo:

- (140) (2O7M1A3SI que eu sei que eu tomei uma surra...só)
 (141) (2O7M1A1OA eu tomei /ele me deu uma surra)
 (142) (0P1F2A3SI ai eu lembro que ele me levantava assim)
 (143) (0P5M1C1SI dias na caminhonete...eu levantava/)
 (144) (0P7M1A1SI e aonde deitava durmia...)
 (145) (2O8F1A1OI deitava ele em cima igual aquelas)
 (146) (0R2M1C1SI e já quemei muitas vezes)
 (147) (2O7M1A1OI com um sol quente que tava quemano...arrumei a portera assim)

A partir da análise dos dados reais do *corpus* de Santa Luzia, pode-se dizer que, de fato, só ocorreram dois predicadores causativo-ergativos, entre os físicos: *deitar* e *levantar*. Dessa forma, se nos baseamos apenas no que os dados do *corpus* mostraram, só poderemos dizer que as construções ergativas presentes no *corpus* são: 12 construções referentes a *levantar* e 3 referentes a *deitar*. Em relação às causativas, teremos: 2 referentes a *levantar* e 1 referente a *deitar*. Isto é, temos 15 ocorrências de construções ergativas e 3 ocorrências de construções causativas.

Sabe-se, no entanto, através de uma análise intuitiva, que, além dos predicadores físicos que exibiram estruturas ExpS e ExpO no *corpus* sob análise, há outros predicadores físicos do *corpus* que podem ser considerados potencialmente causativo-ergativos. Os predicadores físicos potencialmente causativo-ergativos que ocorrem no *corpus* são: *acordar*, *adoecer*, *cortar*, *correr*, *deitar*, *enfraquecer*, *engravidar*, *furar*, *gripar*, *levantar*, *operar*, *resfriar*, *ressuscitar*, *sangrar*, *sarar*, *sentar*, *sufocar*, *tontear*. Dentre esses predicadores, alguns só apresentaram estruturas com o experienciador na posição de sujeito, outros só apresentaram estruturas ExpO e alguns realizaram construções ExpS e ExpO no *corpus* de Santa Luzia.

Os predicadores físicos potencialmente causativo-ergativos listados a seguir só se apresentaram na perspectiva do experienciador no *corpus* em questão: *acordar*, *adoecer*, *correr*, *enfraquecer*, *engravidar*, *gripar*, *operar*, *resfriar*, *sangrar*, *sarar*, *sentar*, *tontear*. Confira algumas ocorrências referentes a esses predicadores abaixo:

- (148) (2O5F1A1SI aí depois que ele adueceu..aí num)
 (149) (2O6F2C1SI que ela sangrava sem pará...)
 (150) (2O6F2C1SA nós tiramo o carvão...ficamo tonto...)
 (151) (2O5F1A1SI não ele num quis operá)
 (152) (0P8F1C1SI e num podia dexá porque ele gripava resfriava...)
 (153) (2O3F2A1SA que a filha dela ficô grávida de um minino então)
 (154) (0P2F2A1SI trabalhava uma hora depois sentava de novo...aí mãe com nós)

Destaque-se que as construções analíticas não estão sendo consideradas construções ergativas. Assim, das ocorrências acima somente apresentaram construções ergativas os predicadores: *acordar* (1 ocorrência), *adoecer* (13 ocorrências), *correr* (12 ocorrências), *gripar* (1 ocorrência), *operar* (7 ocorrências), *resfriar* (1 ocorrência), *sarar* (1 ocorrência), *sangrar* (1 ocorrência) e *sentar* (15 ocorrências).

Outros predicadores físicos potencialmente causativo-ergativos só apresentaram construções ExpO no *corpus* analisado: *cortar*, *ressuscitar*, *sufocar*, *furar*. Vejamos algumas ocorrências desses predicadores:

- (155) (2O6F2C1OA que eles ia cortá o bebe lá dentro...)
 (156) (2O6F2C1OI ele me ressuscitô)
 (157) (2O6F2C1OI um trem quereno me mata... me sufocá)

Ressalte-se que todas as ocorrências acima podem ser consideradas construções causativas. Dessa forma, pode-se dizer que esses predicadores apresentaram 6 construções causativas: 1 referentes a *sufocar*, 2 referentes a *cortar*, 1 referente a *ressuscitar* e 1 referente a *furar*.

Somente os predicadores físicos potencialmente causativo-ergativos *deitar* e *levantar* realizaram construções ExpS e ExpO no *corpus* de Santa Luzia (cf. as ocorrências (142) e (143) referentes ao predicador *levantar* e (144) e (145) referentes ao predicador *deitar*).

Destaque-se que *deitar* apresentou 3 ocorrências de construções ergativas e 1 causativa e *levantar* exibiu 12 ocorrências de construções ergativas e 2 ocorrências de construções causativas.

Analisando-se, portanto, os predicadores físicos potencialmente causativo-ergativos no *corpus* de Santa Luzia foram encontradas: 67 ocorrências de construções ergativas e 8 ocorrências construções causativas. Destaque-se que cinco predicadores são os maiores responsáveis por esse índice de construções ergativas: *levantar*, que apresentou 12 casos de construções ergativas; *adoecer*, responsável por 13 ocorrências; *operar*, que apresentou 7 casos de construções ergativas; *correr*, que apresentou 12 casos e *sentar*, responsável por 15 ocorrências. Isto é, o volume de construções ergativas dos predicadores físicos potencialmente causativo-ergativos relaciona-se a alguns itens lexicais. O papel dos itens será levado em conta, quando observarmos a relação entre o volume de ergativas e o volume de construções analíticas (cf. seção 3.1 da terceira parte da análise). Vejamos, na próxima seção, os predicadores que apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes para que possamos avaliar se a hipótese de que as formas analíticas restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo é verdadeira.

3.4.1.2 – Realização morfológica e o fator item lexical

Como vimos, os predicadores físicos apresentaram 80% de construções sintéticas e 20% de construções analíticas. Nesta seção, serão apresentados alguns exemplos de construções sintéticas e os tipos de construções analíticas que ocorreram no *corpus* de Santa Luzia.

Vejamos, abaixo, algumas construções sintéticas desses predicadores:

(158) (201F2A1SI a gente apanhava mesmo)

(159) (203F2C1SI eu não desmaiei...)

(160) (206F2C1SI ela morreu em setenta em junho agora...)

Serão apresentadas, abaixo, algumas ocorrências de predicadores que apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes às suas respectivas entradas de dicionários. Cumpre destacar que todos os tipos de construções analíticas que cada predicador exibiu serão apresentados, mas somente serão exibidas algumas ocorrências dessas construções perifrásticas (cf. as demais ocorrências dos tipos de construções analíticas de cada predicador no *corpus* em anexo). Com o objetivo de facilitar a apresentação dessas construções perifrásticas, optou-se por introduzi-las a partir da entrada lexical de dicionário a que correspondem semanticamente.

➤ Acidental

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *sofrer um acidente*. A entrada lexical *acidental/acidental-se* não ocorreu no *corpus* em questão.

(161) (203M2A1SA Belo Horizonte...() sofreu um acidente de ônibus...)

➤ Adoecer

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ficar doente* e *estar doente*. A entrada lexical *adoecer* também ocorreu no *corpus* em questão.

(162) (206F2C1SA minha tia levô ela pra casa dela porque ela tava muito doente...)

(163) (208F1C1SA e por sinal depois ele morô até com a gente ficô duente)

➤ Arruinar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ficar ruim* e *estar ruim*. A entrada lexical *arruinar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(164) (208F1C1SA quando foi uma noite ele ficô muito ruim)

(165) (208F1C1SA tava ruim quase na morte...)

➤ Atropelar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ser atropelado*. A entrada lexical *atropelar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(166) (208F1C1SA ele foi atropelado)

➤ Deitar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ficar deitado*. A entrada lexical *deitar* também ocorreu no *corpus* em questão.

(167) (202M2A1SA mais ele só fica deitado aqui na televisão o dia interinho...)

➤ Doer

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *sentir dor*, *ter dor* e *morrer de dor*. A entrada lexical *doer* não ocorreu no *corpus* em questão.

(168) (207M1A1SA com ela aqui...já bem dias que eu tava sintino essa dor assim)

(169) (206F2C11SA ate hoje eu tenho uma dor de cabeça)

(170) (201F2A1SA quase que eu morro de tanta dor)

➤ Enfartar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *sofrer um enfarto* e *ter um enfarto*. A entrada lexical *enfartar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(171) (205F1A1SA que ele sofreu um infarto quando ele sofreu um infarto...)

(172) (208F1C1SA ela teve um infarto)

➤ Enfraquecer

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *estar fraco*. A entrada lexical *enfraquecer* não ocorreu no *corpus* em questão.

(173) (206F2C1SA e já tava bem fraca né?)

➤ Engravidar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ficar grávida*. A entrada lexical *engravidar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(174) (2O3M2A1SA que a filha dela ficô grávida de um minino então)

➤ Molhar (= suar)

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *estar molhado*. A entrada lexical *molhar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(175) (2O7M1A1SA eu tava moiado de suor...mais suor)

➤ Pular

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *dar um pulo*. A entrada lexical *pular* também ocorreu no *corpus* em questão.

(176) (206F2C1SA noh minina eu dei um pulo e um grito tão forte)

➤ Queimar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ficar queimado*. A entrada lexical *queimar* também ocorreu no *corpus* em questão.

(177) (2O4F2A1SA nossa sinhora a gente ficava toda quemada..)

➤ Repousar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ficar em repouso*. A entrada lexical *repousar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(178) (206F2C1SA ela ficava muito de repouso ...)

➤ Sentar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *estar sentado*. A entrada lexical *sentar* também ocorreu no *corpus* em questão.

(179) (2O8F1A1SA ...e ela tava sentada na gaia de lá e eu de cá...)

➤ Surrar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *tomar surra* e *dar surra*. A entrada lexical *surrar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(180) (207M1A1SA que eu sei que eu tomei uma surra...só)

(181) (207M1A1OA eu tomei /ele me deu uma surra)

➤ Suturar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *fazer sutura*. A entrada lexical *suturar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(182) (206F2C1OA a gente pra gente fazê sutura né?...

➤ Tontear

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ficar tonto*. A entrada lexical *tontear* não ocorreu no *corpus* em questão.

(183) (206F2C1SA nós tiramo o carvão...ficamo tonto...)

➤ Viver

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *estar vivo* e *ser vivo*. A entrada lexical *viver* também ocorreu no *corpus* em questão.

(184) (208F1A1SA ela fez Ana era viva ainda)

(185) (206M2C1SA quando Joãozinho tava vivo ele passô nessa fuguera)

É importante destacar que, além desses predicadores apresentados acima há construções perifrásticas no *corpus* de Santa Luzia, mas essas não possuem uma entrada lexical dicionarizada semanticamente correspondente. São elas: *abrir um carreirão*, *passar mal*, *ganhar menino*, *ganhar neném*, *ter menino*, *esperar menino*, *dar um acesso*, *ter sarampo*, *ter malária*, *estar com asma*, *estar mal*, *estar bem*, *descer o couro*, *tomar uma lambada*, *fazer cirurgia*, *entrar na vara*, *dar uma crise*. Vejamos alguns exemplos desses predicadores abaixo:

(186) (208F1C1SA e ele deu um acesso novinho)

(187) (206F2C1SA passô tão mal tão mal...á já não teve jeito mais né?)

(188) (206F2C1SA como que ganhava o neném)

Pode-se observar, a partir dos predicadores físicos que apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes, que, de uma maneira geral, esse grupo de predicadores apresenta somente um tipo de construção analítica. Os predicadores físicos que puderam ser representados por mais de um tipo de construção perifrástica foram: *adoecer*, *arruinar*, *doer*, *enfartar*, *surrar* e *viver*, que apresentaram, respectivamente, as seguintes construções perifrásticas correspondentes: *ficar/estar doente*, *ficar/estar ruim*, *sentir/ter/morrer de dor*, *sofrer/ter um enfarto*, *tomar/dar uma surra*, *estar/ser vivo*.

Os dados apresentados em 3.4.1.1 e os dados apresentados nesta seção mostram-nos que apenas 33% (6 predicadores) dos predicadores físicos potencialmente causativo-ergativos apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes. São eles: *adoecer*, *engraquecer*, *engravidar*, *deitar*, *sarar*, *sentar* e *tontear*. Temos indícios, portanto, de que as formas analíticas não podem restringir o contexto do pronome pseudo-reflexivo na classe dos predicadores físicos, já que a maior parte dos predicadores potencialmente causativo-ergativos dessa classe não apresentou construções analíticas semanticamente correspondentes.

3.5 – Análise dos predicadores psicológicos

Observe-se a distribuição sintática do experienciador dos predicadores psicológicos do *corpus* de Santa Luzia no gráfico abaixo:

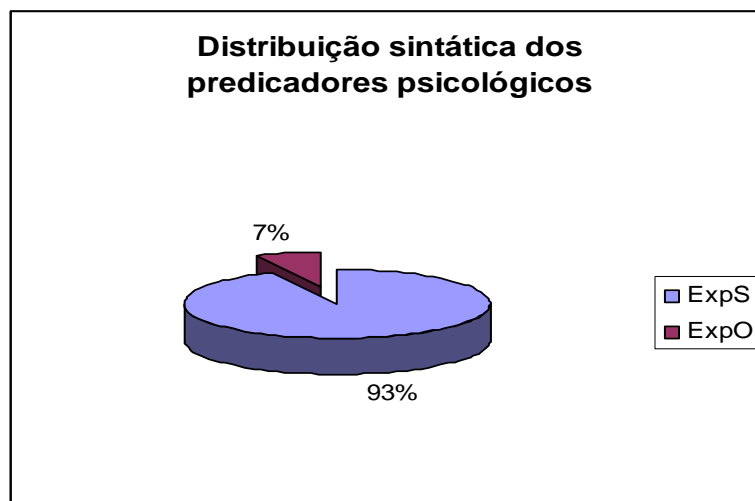


Gráfico 10 – Distribuição sintática dos predicadores psicológicos do *corpus* de Santa Luzia (584 ocorrências).

Pode-se ver que os experienciadores dos predicadores psicológicos se estruturaram preferencialmente na posição de sujeito, uma vez que 93% (543 casos) desses predicadores se realizaram com construções ExpS e houve apenas 7% (41 casos) de construções ExpO.

Será apresentada, agora, a análise da realização morfológica dos predicadores psicológicos do *corpus* de Santa Luzia. Para tanto, observe-se o gráfico abaixo:

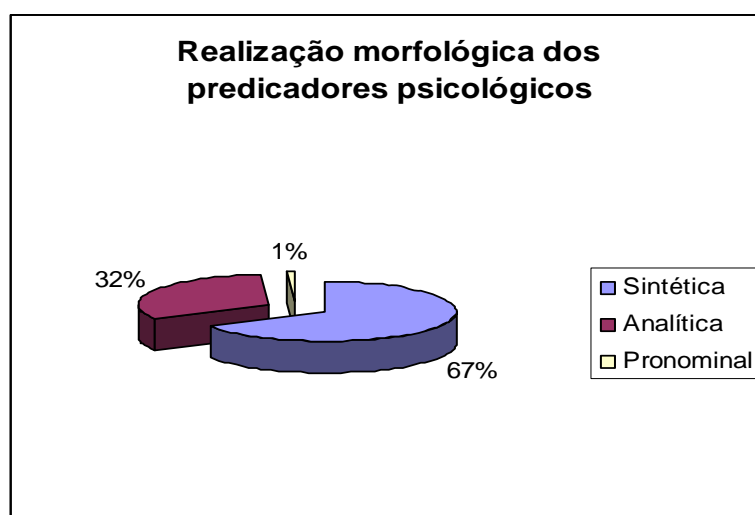


Gráfico 11 – Realização morfológica dos predicadores psicológicos no *corpus* de Santa Luzia

Pode-se ver que os predicadores psicológicos exibiram preferencialmente construções sintéticas. Obtiveram-se 67% (398 casos) de construções sintéticas; 32% (185 ocorrências) de construções analíticas e apenas 1% (uma ocorrência) de construção pronominal.

Passemos, então, à análise da relação da distribuição sintática do experienciador e da realização morfológica dos predicadores. Pode-se ver essa relação na tabela abaixo:

Tabela 5 – Relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores psicológicos no *corpus* de Santa Luzia.

Predicadores psicológicos			
	Formas	Nº	%
ExpS	Sintética	372	68
	Analítica	170	31
	Pronominal	1	1
Total ExpS		543	100
ExpO	Sintética	26	63
	Analítica	15	37
Total ExpO		41	100
Total		584	100

Os dados da tabela 5 mostram que os predicadores psicológicos realizam-se preferencialmente na forma sintética. Em relação às construções ExpS, foram computados 372 casos (68%) de construções sintéticas, 170 (31%) construções analíticas e apenas uma ocorrência de construção ExpS pronominal. No que concerne às construções ExpO, observa-se também uma preferência por realizações sintéticas, porque se verificou um índice de 63% (26 ocorrências) de construções ExpO sintéticas. Constata-se também que o volume de construções analíticas é sempre maior com construções ExpS do que com construções ExpO, pois ocorreram 185 casos de construções perifrásticas no *corpus* e, dentre eles, 170 ocorrências são de construções ExpS.

3.5.1- Análise do fator item lexical dos predicadores psicológicos

Nesta seção, serão apresentados exemplos dos predicadores psicológicos que ilustraram os percentuais apresentados nos gráficos 10 e 11 e na tabela 5. Em relação à

distribuição sintática do experienciador, serão apresentados os predicadores psicológicos do *corpus* que exibiram construções ExpS, aqueles que exibiram construções ExpO e aqueles que exibiram construções ExpS e ExpO. Além disso, será observado o volume de construções ergativas e causativas que esses predicadores apresentaram. No que concerne à realização morfológica dos predicadores, apresentaremos alguns predicadores que se realizaram na forma sintética, os predicadores que exibiram construções pronominais e todos os predicadores que apresentaram formas analíticas. Essas informações serão utilizadas na terceira etapa da análise, em que se observa se as construções analíticas restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo. Na seção 3.1 da terceira parte deste capítulo, em que se avalia a pertinência dessa hipótese, será necessário relacionar o volume de construções analíticas com o volume de construções ergativas e sintéticas que apresentaram contexto para o pronome pseudo-reflexivo.

3.5.1.1 – Distribuição sintática do experienciador e o fator item lexical

Em relação à distribuição sintática do experienciador, verifica-se, a partir da análise do *corpus* de Santa Luzia, que há três subgrupos de predicadores psicológicos: i) aqueles que se apresentaram somente na perspectiva do experienciador; ii) aqueles que realizaram apenas construções ExpO e iii) aqueles que realizaram construções ExpS e ExpO.

Serão apresentados, a seguir, os predicadores psicológicos que ocorreram no *corpus* de Santa Luzia que só realizaram construções ExpS. Deve ser observado que serão citadas apenas as entradas lexicais dos dicionários. Assim, se um predicador ocorreu na forma analítica, como por exemplo:

(189) (2O2M2A2SA hoje ele ficô doido aí caçano os trem pra ele... não ajudo)

A construção *ficô doido* aparecerá na listagem abaixo como *endoidar*. Contudo, quando a construção analítica não apresentar uma entrada de dicionário correspondente será apresentada como ocorreu no *corpus*, mas o verbo presente na construção estará no infinitivo. Em seguida, essas expressões serão apresentadas com mais detalhes. São estes os predicadores que só realizaram construções ExpS: *abusar, acanhar, aceitar, adorar, agitar, alegrar, amar, ansiar, apaixonar, apavorar, apegar, apoiar, aprazer, assustar, bobear,*

chocar, cismar, condoer, confiar, confundir, cuspir marimbondo, dar vontade, desanimar, desrespeitar, desvalorizar, detestar, divertir, enciumar, encorajar, endoidar, enervar, enfadar, enganar, enlouquecer, envergonhar, esbravejar, estar com vontade, estar no céu, farrear, fazer de conta, ficar feliz, ficar metido, gamar, gostar, implicar, impressionar, insistir, interessar, levar nas alturas, morrer¹⁶, ligar, obedecer, obrigar, odiar, ojerizar¹⁷, orgulhar, pacientar, passar um sabão, paparicar, pelejar, penalizar, perder o medo, pirraçar, preocupar, querer, remoer, resmungar, respeitar, sentir falta, sofrer, teimar, ter saudade, ter vontade, valorizar, viciar, xingar. Vejamos algumas ocorrências referentes à esses predicadores (cf. demais ocorrências no *corpus* em anexo):

- (190) (208F1C2SI eu gosto de conversá coisa/as hora boa que eu vivi)
 (191) (208F1C2SI nu e nu é isso a gente ama os filho da gente)
 (192) (208F1C2SA porque ela tinha ciúme duma)
 (193) (206F2C2SA eu fico boba como é que ele güenta?)
 (194) (206FP2C2SA ora fazer o que? Tava com vontade de assisti...)
 (195) (206F2C2SI ah eu não detesto Beagá minha filha...pelo amor de Deus)
 (196) (208F1C2SA pois e ...eu fiquei com uma pena dela...)

Deve-se observar que um subgrupo menor de predicadores do *corpus* em questão exibiu somente o experienciador na posição de objeto, quais sejam: *agradar, ameaçar, apertar, atrapalhar, chatear, culpar, pressionar, dar vontade, enobrecer, estragar, impacientar, judiar, proibir, tapear*¹⁸. Estão ilustradas abaixo algumas ocorrências desses predicadores:

- (197) (202M12COI o pessoal me chateô só purque ocê deu essa água os oto)
 (198) (201F2A2OI a mãe dele estraga ele dimais da conta)
 (199) (202M2A2OI aqui aqui tamo apertano [o menino] mesmo...)
 (200) (203M2A2OA dá até vontade de bebê a água)

¹⁶ O predicador na ocorrência pertinente não foi usado no sentido físico, mas sim no sentido psicológico. A ocorrência referente à esse predicador é: *Aidê faltava morrê...*

¹⁷ A ocorrência referente à esse predicador é: E tanto que ingirizô com dois lençol. Ao que tudo indica esse verbo não foi dicionarizado, mas como ocorreu no corpus foi colocado na listagem.

¹⁸ Apresenta-se novamente apenas a entrada de dicionário, a menos que não haja uma entrada dicionarizada semanticamente correspondente.

Os seguintes predicadores psicológicos do *corpus* de Santa Luzia exibiram os experienciadores na posição de sujeito e de objeto. São eles: *afligir*, *amedrontar*, *enraivecer*, *entristecer*, *exigir*, *responsabilizar*, *sossegar*. Observem-se algumas ocorrências desses predicadores abaixo:

- (201) (207M1A2SA o povo/eles tava lá murria de aflição uai...)
- (202) (203F2C2OA tava me dando até aflição)
- (203) (204M2C2SA não se eu saísse ele falava que eu tava com medo)
- (204) (208F1C2OA Toninho tava numa pitimba que tava fazeno medo)
- (205) (202M2A2OA larga pra lá porque...vai me fazê raiva de novo)
- (206) (208F1A2SA mais a rua intera eu tenho uma raiva de Nozinho de Angélica)
- (207) (203M2A2OA dá tristeza chegá a vê aquele prédio lá...)
- (208) (203M2A2SA num sei porque fico triste...)
- (209) (202M2A2OI ficá mandano exigino)
- (210) (203F2C2SA eu buscava...mamãe não era muito exigente não sabe?...)
- (211) (205M1C2OI exatamente...no e...ele me responsabilizá...)
- (212) (201F2A2SA que era ela que tava na responsabilidade..)
- (213) (201F2A2SI uns grito né pra vê se sossega né?...)
- (214) (207M1A2OA agora que deus me deu um sussego um poco eu posso podia tá aqui)

A partir da análise dos dados reais do *corpus* de Santa Luzia, pode-se dizer que, de fato, nenhum predicador que apresentou construções ExpS e ExpO é causativo-ergativo, pois, da lista apresentada acima, somente o predicador *responsabilizar* apresentou sua entrada lexical de dicionário, mas, mesmo assim, somente em uma construção causativa, isto é, todas as construções em que o experienciador estava na posição de sujeito foram analíticas. Os demais predicadores que apresentaram construções ExpS e ExpO apresentaram apenas construções analíticas semanticamente correspondentes a formas verbais, ou seja, não apresentaram construções ergativas ou causativas.

Cumprê destacar que, a partir de uma análise intuitiva, alguns desses predicadores psicológicos que ocorreram no *corpus* de Santa Luzia podem ser considerados potencialmente causativo-ergativos, mas o interessante é que mesmo esses predicadores exibem como estrutura preferencial o experienciador na posição de sujeito. Os predicadores psicológicos potencialmente causativo-ergativos que ocorreram no *corpus* são: *acanhá*, *afligir*, *agitar*, *alegrar*, *amedrontar*, *apavorar*, *assustar*, *chatear*, *chocar*, *confundir*, *culpar*, *desanimar*,

divertir, enciumar, encorajar, enervar, endoidar, enlouquecer, enobrecer, enraivecer, entristecer, envergonhar, orgulhar, preocupar. Dentre esses predicadores, alguns só apresentaram estruturas com o experienciador na posição de sujeito, outros só apresentaram estruturas ExpO e alguns realizaram construções ExpS e ExpO.

Os predicadores psicológicos potencialmente causativo-ergativos, listados a seguir, só se apresentaram na perspectiva do experienciador no *corpus* em questão: *acanhá, agitar, alegrar, apavorar, assustar, chocar, confundir, desanimar, divertir, enciumar, endoidar, encorajar, enervar, enlouquecer, envergonhar, orgulhar, preocupar.* Observem-se algumas ocorrências expostas abaixo:

- (215) (2O4M2C2SA não e tipo tem gente que fica doido pra...)
- (216) (2O8F1C2SA que cê ia ficá preocupado...)
- (217) (2O3F2C2SA hoje os menino não tem vergonha não)
- (218) (2O4M2C2SA fica com ciúme demais...nossa como é que faz...)
- (219) (2O3M2A2SA e ficô apavorada e de lá mudô pra...e)
- (220) (0P7M2C2SI pessoal hoje em dia não sabe nem diverti...)
- (221) (2O8F1C2SA antigamente aqui era uma cidade...fazia confusão...)
- (222) (2O1F2A2SI trabalha...desanimava ...vô trabalhá e nada não...)
- (223) (2O3M2A2SA aquela klabin que todo mundo tinha orgulho de trabalhá)
- (224) (2O8F1A2SA eu tomei um choque muito grande)

Dos predicadores apresentados acima, pode-se dizer que apenas *apavorar, assustar, desanimar, divertir* e *preocupar* exibiram construções ergativas, pois somente eles apresentaram construções sintéticas; os demais apresentaram exclusivamente formas analíticas semanticamente correspondentes. Portanto, levando-se em conta esses predicadores, ocorreram 13 ocorrências de construções ergativas: 1 construção referente a *apavorar*, 6 referentes a *assustar*, 2 referentes a *desanimar*, 2 referentes a *divertir* e 2 referentes a *preocupar*.

Apresento, agora, os predicadores que só apresentaram a construção ExpO, são eles: *chatear, culpar, enobrecer* e *impacientar*. Vejamos algumas ocorrências desses predicadores:

- (225) (2O2M1C2OI o pessoal me chateô só porque ocê deu essa água os oto)
- (226) (2O1F2Z2OI a mãe dele...a mãe dele... a mãe dele culpa o pai dele)
- (227) (2O4F2A2OI sirviço parece que...enobrece né?...a pessoa)

(228) (203F2C2OA ele bebia ainda aí enchia a paciência nossa sinhora)

Dos predicadores expostos acima, apenas o predicador presente na ocorrência (228) não pode ser considerado causativo. O número de ocorrências de construções causativas desses predicadores é: 2 referentes a *chatear*, 1 referente a *culpar* e 1 referente a *enobrecer*.

Somente quatro predicadores psicológicos exibiram construções ExpS e ExpO no *corpus* de Santa Luzia, são eles: *afligir*, *amedrontar*, *entristecer* e *enraivecer*. Mesmo assim, esses predicadores se apresentaram na forma analítica tanto quando se apresentavam na perspectiva da causa como na perspectiva do experienciador (cf. as ocorrências (201) e (202) referentes ao predicador *afligir*, as ocorrências (203) e (204) referentes ao predicador *amedrontar*, as ocorrências (205) e (206) referentes ao predicador *enraivecer* e as ocorrências (207) e (208) referentes a *entristecer*). Não se pode dizer que esses predicadores exibiram construções ergativas ou causativas, porque eles não apresentaram construções sintéticas, exibiram apenas construções analíticas semanticamente correspondentes. Dessa forma, considerando-se o conjunto dos predicadores psicológicos potencialmente causativo-ergativos, foram encontradas: 13 ocorrências de construções ergativas e 4 ocorrências de construções causativas. Constatou-se, portanto, um índice muito baixo de construções ergativas; poderemos, na próxima seção, observar se esse índice se relaciona com o volume de construções analíticas.

3.5.1.2 – Realização morfológica e o fator item lexical

Como vimos, os predicadores psicológicos apresentaram 67% de construções sintéticas, 32% de construções analíticas e 1% de construção pronominal. Nesta seção, será apresentada a única construção pronominal que ocorreu, serão mostrados também alguns exemplos de construções sintéticas e os tipos de construções analíticas que ocorreram no *corpus* de Santa Luzia.

A ocorrência que ilustra a construção pronominal presente no *corpus* é:

(229) (1P8F1C2SP porque eu não me importava)

Vejamos, agora, algumas ocorrências de construções sintéticas que os predicadores psicológicos apresentaram:

(230) (208F1C2SI as coisa muito ruim eu não gosto)

(231) (206F2C2SI adoro minha casa)

(232) (205M1C2SI caminhonero...caminhonero sofre demais nas estradas)

Serão apresentadas, abaixo, algumas ocorrências de predicadores que apresentaram forma analítica com suas respectivas entradas de dicionários. Cumpre destacar que todos os tipos de construções analíticas que cada predicador exibiu serão apresentados, mas somente serão exibidas algumas ocorrências dessas construções perifrásticas (cf. as demais ocorrências dos tipos de construções analíticas de cada predicador no *corpus* em anexo). Com o objetivo de facilitar a apresentação dessas construções perifrásticas, optou-se por introduzi-las a partir da entrada lexical de dicionário a que correspondem semanticamente.

➤ Acanhar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ter acanhamento*. A entrada lexical *acanh* não ocorreu no *corpus* em questão.

(233) (208F1A2SA eu num precisava tê acanhamento não eu podia chegá)

➤ Adorar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ter adoração*. A entrada lexical *adorar* também ocorreu no *corpus* em questão.

(234) (208F1C2SA ele tinha adoração com Dininha)

➤ Afligir

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *dar aflição* e *morrer de aflição*. A entrada lexical *afligir* não ocorreu no *corpus* em questão.

(235) (203F2C2OA tava me dando até aflição)

(236) (207M1A2SA o povo/eles tava lá murria de aflição uai...)

➤ Alegrar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ficar alegre*. A entrada lexical *alegrar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(237) (203F2C2SA ah eles ficam alegre né?...))

➤ Agitar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ser agitado* e *estar agitado*. A entrada lexical *agitar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(238) (208F1C2SA eu sô agitada...)

(239) (205F1A4SI viu que ela tava agitada e tudo)

➤ Amedrontar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ficar com medo*, *ter medo*, *fazer medo*, *estar com medo*, *morrer de medo* e *passar medo*. A entrada lexical *amedrontar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(240) (201F1C2SA ficava com medo de saí mas)

(241) (208F1C2SA gente como é que eu não tinha medo que uma pessoa assaltasse ela)

(242) (201F1C2OA ficava fazendo medo na gente)

(243) (203F2C2SA não senão ele vai falá que eu tô com medo...)

(244) (206F2C2SA ele fala que não mais ele morre de medo)

(245) (202M1C2SA ali/ali eu já ti/passei medo)

➤ Ansiar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *estar na ânsia*. A entrada lexical *ansiar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(246) (202M2A2SA tava naquela ânsia...)

➤ Apaixonar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ter paixão* e *ser apaixonado*. A entrada lexical *apaixonar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(247) (206F2C2SA ...tenho uma paixão)

(248) (206F2C2SA sô loca/apaxorada com meus irmão...)

➤ Apavorar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ter pavor* e *ficar apavorado*. A entrada lexical *apavorar* também ocorreu no *corpus* em questão.

(249) (206F2C2SA ah eu não...Nossa Senhora eu tenho pavor de agulha)

(250) (203M2A2SA e ficô apavorada e de lá mudô pra...e)

➤ Aprazer

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ter prazer*. A entrada lexical *aprazer* não ocorreu no *corpus* em questão.

(251) (203M2A2SA eles tem o prazer de...faze uma boa administracao)

➤ Apegar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ficar apegado* e *ser apegado*. A entrada lexical *apegar* também ocorreu no *corpus* em questão.

(252) (208F1C2SA ele ficô apegado sabe como é que é?)

(253) (208F1C2SA () uma coisa eu sô muito apegada a meus filhos)

➤ Bobear/bobar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ficar bobo*. A entrada lexical *bobear* também ocorreu no *corpus* em questão.

(254) (203F2C2SA lá do Belas Artes ficô bobo...com o olho...que ele fez)

➤ Chocar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *tomar choque*. A entrada lexical *chocar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(255) (208F1A2SA tomei choque num sei por que...)

➤ Condoer

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ficar com dó*, *sentir dó* e *morrer de dó*. A entrada lexical *condoer* não ocorreu no *corpus* em questão.

(256) (206F2C2SA {eu fico com dó})

(257) (208F1C2SA () né coitado? ...Sinti uma dó de Maria né tadinha?)

(258) (206F2C2SA morro de dó dele meu)

➤ Confiar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ter confiança* e *dar confiança*. A entrada lexical *confiar* também ocorreu no *corpus* em questão.

(259) (203F2C2SA eu tenho mais confiança na/na/ fazê conta)

(260) (203M2A2SA não deu confiança então)

➤ Confundir

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *fazer confusão*. A entrada lexical *confundir* não ocorreu no *corpus* em questão.

(261) (208F1C2SA antigamente aqui era uma cidade...fazia confusão...)

➤ Divertir

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ter diversão*. A entrada lexical *divertir* também ocorreu no *corpus* em questão.

(262) (207M2C2SA porque eles não tem a diversão niuma)

➤ Enciumar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *estar com ciúmes* e *ter ciúmes*. A entrada lexical *enciumar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(263) (204M2C2SA fica com ciúme demais...nossa como é que faz...)

(264) (201F2A2SA tinha ciúme até da minha sombra...deus me livre...)

➤ Encorajar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ter coragem*. A entrada lexical *encorajar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(265) (201F1C2SA ninguém tinha coragem de distampá não...distampá)

➤ Endoidar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ficar doído*, *ser doído* e *estar doído*. A entrada lexical *endoidar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(266) (208F1C2SA Dininha /ele ficava doído com os filho minina...)

(267) (202M1C2SA {mentira ela era doída comigo})

(268) (203F2C2SA tava doída pra casá né? mesmo)

➤ Enervar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ficar nervoso*. A entrada lexical *enervar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(269) (208F1C2SA eu não contei porque Dé ficá nervoso...)

➤ Enlouquecer

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ficar louco*. A entrada lexical *enlouquecer* não ocorreu no *corpus* em questão.

(270) (208F1C2SA mãe ficô feito loca e...aí Milton de trás da igreja)

➤ Enraivecer

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *fazer raiva* e *ter raiva*. A entrada lexical *enraivecer* não ocorreu no *corpus* em questão.

(271) (2O6M1A2OA tem hora que faz na gente raiva demais também)

(272) (2O8F1A2SA mais a rua inteira eu tenho uma raiva de Nozinho de Angélica)

➤ Entristecer

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ficar triste* e *dar tristeza*. A entrada lexical *entristecer* não ocorreu no *corpus* em questão.

(273) (2O3M2A2OA dá uma tristeza muito grande)

(274) (2O5F1A2SA falo isso pra cá eu fico muito mais triste agora...)

➤ Envergonhar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ficar com vergonha*, *ter vergonha* e *passar vergonha*. A entrada lexical *envergonhar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(275) (203F2C2SA Que eu tí/ ficava com vergonha...)

(276) (203F2C2SA porque a gente tinha vergonha dos namorado....)

(277) (203F2C2SA papai fica fazendo a gente passa vergonha sabe?....)

➤ Esbravejar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ficar bravo*. A entrada lexical *esbravejar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(278) (2O2M2A2SA cê se vira...e ele ficô bravo)

➤ Farrear

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *fazer farra*. A entrada lexical *farrear* não ocorreu no *corpus* em questão.

(279) (203F2C2SA fazê farra pra)

➤ Gostar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *fazer gosto* e *dar gosto*. A entrada lexical *gostar* também ocorreu no *corpus* em questão.

(280) (204F2A2SA namoro que todo mundo faz gosto não/não da casamento...mais)

(281) (204F2A2SA dava gosto trabaiá viu?...a gente)

➤ Impacientar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *encher a paciência*. A entrada lexical *impacientar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(282) (203F2C2OA ele bebia ainda aí enchia a paciência nossa senhora)

➤ Impressionar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ficar impressionado* e *estar impressionado*. A entrada lexical *impressionar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(283) (205F1A2SA que eu num consigo coisa e vô/fico impressionada)

(284) (205F1A2SA intao aqui cê vê as vezes a gente tá impressionada parada)

➤ Obrigiar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ser obrigado*, *ter obrigação* e *dever obrigação*. A entrada lexical *obrigar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(285) (202M1C2SA eles são obrigado por que () todo lugá tem que fazê)

(286) (203F2C2SA aí a gente tem aquela obrigação...de fazê esse TRABALHO)

(287) (208F1A2SA eu devo mais obrigação que a minha família...)

➤ Orgulhar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ter orgulho*. A entrada lexical *orgulhar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(288) (2O3M2A2SA aquela klabin que todo mundo tinha orgulho de trabalhá)

➤ Pacientar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ter paciência*. A entrada lexical *pacientar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(289) (2O1F2A2SA ...é complicado eu não tenho paciência não)

➤ Penalizar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ficar com pena* e *ter pena*. A entrada lexical *penalizar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(290) (2O5FP1A2SA eu fico com uma pena de vê os trem tudo jugado...)

(291) (208F1C2SA mais eu tenho muita pena dele eu falo meu Deus)

➤ Pirraçar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *fazer pirraça*. A entrada lexical *pirraçar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(292) (202M1C2OA a culher...eu pa fazê pirraça... num cumi não)

➤ Preocupar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ficar preocupado*. A entrada lexical *preocupar* também ocorreu no *corpus* em questão.

(293) (201F1C2SI ela ficava preocupada sim mas isperava eu chegá)

➤ Pressionar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *dar uma pressão*. A entrada lexical *pressionar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(294) (2O2M2A2OA ...porque...dá uma pressãozinha nele aqui em casa...)

➤ Respeitar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *ter respeito*. A entrada lexical *respeitar* também ocorreu no *corpus* em questão.

(295) (2O1F2A2SI porque ela mais pai não tem respeito nenhum..)

➤ Responsabilizar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *ficar responsável*, *ficar com responsabilidade*, *estar na responsabilidade*, *ter responsabilidade* e *tomar responsabilidade*. A entrada lexical *responsabilizar* também ocorreu no *corpus* em questão.

(296) (2O1F2A2SA Lé ficava mais responsável que era mais velha né?..)

(297) (2O1F2A2SA Ficava com responsabilidade..)

(298) (2O1F2A2SA que era ela que tava na responsabilidade..)

(299) (2O2M2A2SA sozinho ele mesmo faz...tem uma responsabilidade danada graças)

(300) (2O5F1A2SA mais antes não...porque se eu tomasse uma responsabilidade)

➤ Sossegar

Esse predicador apresentou os seguintes tipos de construções analíticas: *dar sossego* e *ficar sossegado*. A entrada lexical *sossegar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(301) (2O7M1A2OA agora que deus me deu um sussego um pouco eu posso podia tá aqui)

(302) (2O8F1A2SA eles num dexava a gente ficá...sussegado não...)

➤ Teimar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *fazer teimosia*. A entrada lexical *teimar* também ocorreu no *corpus* em questão.

(303) (2O1F2A2SA noh mais nós fazia teimosia demais da conta..)

➤ Valorizar

Esse predicador apresentou o seguinte tipo de construção analítica: *dar valor*. A entrada lexical *valorizar* não ocorreu no *corpus* em questão.

(304) (2O3M2A2SA pra eles e dá valor os impregado...)

Destaque-se que, além desses predicadores que apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes, ocorreram também expressões que não correspondem a nenhuma entrada lexical dos dicionários. São elas: *ficar feliz*, *ficar metido*, *estar no céu*, *ter saudade*, *estar com/ter/dar vontade*, *cuspir marimbondo*, *sentir falta*, *passar um sabão*, *fazer de conta*, *perder o medo*.

Além disso, verificamos também que na classe dos psicológicos é possível encontrar várias formas analíticas semanticamente correspondentes a um mesmo predicador. Vejamos o predicador *amedrontar*: os seguintes tipos de construções analíticas correspondem semanticamente a ele: *ficar com medo*, *ter medo*, *fazer medo*, *estar com medo*, *morrer de medo*, *passar medo*. Os demais predicadores dessa classe que apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes exibem o mesmo comportamento.

Deve ser lembrado, ainda, que muitos dos predicadores psicológicos são virtuais (como já havia observado Dogliani (2003, 2007)), ou seja, estão disponíveis como entradas lexicais nos dicionários e fazem parte do vocabulário passivo de uma parcela dos indivíduos, mas não são usados. Outros, como já foi mostrado, nem sequer possuem uma entrada de dicionário correspondente. Analisando-se os 42 predicadores psicológicos que apresentaram formas perifrásticas semanticamente correspondentes, pode-se constatar que somente 11 (26%) apresentaram as respectivas entradas lexicais dos dicionários, são eles: *adorar*, *apavorar* *apegar*, *bobear*, *confiar*, *divertir*, *gostar*, *preocupar*, *respeitar*, *responsabilizar* e *teimar*. Os demais somente apresentaram as construções analíticas correspondentes, seja para representar estruturas ExpS, seja para representar ExpO. Observem-se, por exemplo, as ocorrências das construções semanticamente correspondentes ao predicador *amedrontar* abaixo:

(305) (2O7M1A2SA eu casei...e ela/ela.. eu
ExpS tinha medo de casá mai nossa sinhora)

(306) (2O4M2C2SA não se eu saísse ele falava que $\left[\begin{array}{c} \text{eu} \\ \text{ExpS} \end{array} \right]$ tava com medo)

(307) (2O6F2C2SA $\left[\begin{array}{c} [\text{eu}] \\ \text{ExpS} \end{array} \right]$ fiquei com medo dessa vaca...eu era bem nova...)

(308) (2O6F2C2SA ele fala que não mais $\left(\begin{array}{c} \text{ele} \\ \text{ExpS} \end{array} \right)$ morre de medo)

(309) (2O2M1C2SA ali/ali eu já ti/ $\left(\begin{array}{c} [\text{eu}] \\ \text{ExpS} \end{array} \right)$ passei medo)

(310) (2O1F1C2OA ficava fazendo medo $\left(\begin{array}{c} \text{na gente} \\ \text{ExpO} \end{array} \right)$

Observando-se as ocorrências acima, pode-se notar que o informante utiliza as expressões *ter medo*, *ficar com medo*, *estar com medo*, *morrer de medo* e *passar medo* para apresentar o evento na perspectiva do experienciador e utiliza a expressão *fazer medo* para apresentar o evento na perspectiva da causa. Contudo, pode-se notar que o predicador *amedrontar* nunca é usado.

Relacionando os dados apresentados em 3.5.1.1 e os dados apresentados nesta seção, observamos indícios de que as formas analíticas restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo na classe dos predicadores psicológicos. Vimos, na seção anterior, que os predicadores psicológicos potencialmente causativo-ergativos apresentaram somente 13 ocorrências de construções ergativas e, nesta seção, observando os itens lexicais, constata-se que 79% (19 predicadores) dos predicadores potencialmente causativo-ergativos apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes.

3.6 – Diálogo com trabalhos anteriores

3.6.1- Interface sintaxe-semântica-morfologia

A partir das análises realizadas nas seções 3.2, 3.3, 3.4 e 3.5, podem-se elencar algumas propriedades das classes semânticas analisadas:

Quadro 2 – Propriedades sintáticas apresentadas pelos predicadores experienciais.

Classe Semântica	Distribuição do Experienciador	Realização morfológica
Percepção	Realizam-se quase categoricamente com ExpS.	Realizam-se categoricamente na forma sintética.
Epistêmicos	Realizam-se quase categoricamente com ExpS.	Realizam-se quase categoricamente na forma sintética.
Físicos	Realizam-se preferencialmente com ExpS, mas podem se realizar com ExpO.	Realizam-se preferencialmente na forma sintética, mas podem ocorrer na forma analítica.
Psicológicos	Realizam-se preferencialmente com ExpS, mas podem se realizar com ExpO.	Realizam-se na forma sintética ou na forma analítica.

O quadro 2 mostra uma gradação entre os predicadores experienciais quanto à distribuição sintática do experienciador e à realização morfológica dos predicadores. Os predicadores de percepção, como era esperado, praticamente só exibem realizações sintéticas de ExpS; os epistêmicos têm um comportamento semelhante aos de percepção, mas admitem algumas estruturas ExpO e alguns verbos na forma analítica; os predicadores físicos também têm como estrutura preferencial realizações sintéticas de ExpS, mas há um grande número de realizações analíticas e um volume considerável de construções ExpO e os predicadores

psicológicos têm como estrutura preferencial as realizações sintéticas de ExpS, mas esses predicadores podem apresentar construções ExpO e exibem um número significativo de construções analíticas.

Como a diferença entre as classes semânticas reside principalmente em relação aos subfatores formas analíticas e experienciador na posição de objeto, vejamos os índices desses subfatores dentro de cada classe analisada:

Formas analíticas: Percepção (0%) < Epistêmicos (2%) < Físicos (20%) < Psicológicos (32%)

ExpO: Percepção (1%) < Epistêmicos (2%) < Psicológicos (7%) < Físicos (15%)

Nas seções apresentadas anteriormente, vimos que apenas os predicadores de percepção não apresentaram estruturas causativas no *corpus* de Santa Luzia, o que confirma propostas de análises intuitivas. Os epistêmicos apresentaram uma estrutura causativa com o predicador *estudar*, o que não era esperado de acordo com análises intuitivas (cf. seção 1.5.2 da terceira parte do capítulo 1). Os psicológicos apresentaram alguns predicadores exclusivamente causativos e alguns causativo-ergativos e o mesmo ocorreu com os predicadores físicos. Levando-se em conta a gradação acima e a aceitação de construções causativas pelas classes semânticas analisadas, constata-se que as formas analíticas aparecem preferencialmente nas classes semânticas que admitem estruturas causativas. Vê-se, por exemplo, que a classe dos predicadores de percepção, que não admitiu estruturas causativas, não apresentou nenhuma realização analítica. Somente o predicador *estudar* da classe dos epistêmicos admitiu estruturas causativas e ocorreram algumas construções perifrásticas nessa classe. Já os predicadores psicológicos e físicos que exibiram mais construções causativas, apresentaram mais estruturas analíticas.

Quanto à aceitação de formas analíticas e do experienciador na posição de objeto, observou-se que os predicadores de percepção e os epistêmicos se assemelham e, da mesma forma, os predicadores físicos e os psicológicos têm um comportamento semelhante. O comportamento semelhante parece relacionar-se a fatores que se situam na interface dos componentes sintático e semântico. As classes dos predicadores de percepção e dos predicadores epistêmicos, que apresentam, como uma das propriedades que compõem o papel temático de um de seus argumentos, a propriedade de *estativo*, exibem o experienciador na posição de sujeito e o verbo na forma sintética de forma quase categórica. Os predicadores físicos e os psicológicos, que apresentam, como uma das propriedades que compõem o papel

temático de um de seus argumentos, a propriedade de *afetado*, exibem um número significativo de estruturas analíticas e permitem que o experienciador se apresente na posição de objeto. Destaque-se que alguns itens lexicais da classe dos predicadores epistêmicos apresentam, como uma das propriedades que compõem o papel temático de um de seus argumentos, a propriedade de *afetado*, o que pode estar contribuindo para que essa classe se diferencie um pouco dos predicadores de percepção e se aproxime da classe dos predicadores físicos e psicológicos. Observe-se também que um subgrupo da classe dos predicadores psicológicos apresenta, como uma das propriedades que compõem o papel temático de um de seus argumentos, a propriedade de *estativo*, o que pode estar relacionado ao baixo índice de construções ExpO que essa classe apresentou, pois, segundo Cançado (2002), os predicadores oriundos da classe 1 (o subgrupo de predicadores psicológicos que apresenta a propriedade de *estativo*) exibe o experienciador exclusivamente na posição de sujeito. Constatou-se, portanto, a relevância da consideração de fatores semânticos na análise das propriedades sintáticas. A identificação dessa relação de interface foi mais efetiva pela inclusão do fator morfológico, o que permitiu verificar que as construções perifrásticas se associam às classes de predicadores que ilustram a propriedade de *afetado*. Constatou-se também que as construções causativas ocorreram nas classes que apresentaram construções perifrásticas. Trabalhos posteriores poderão fazer uma análise mais detalhada das classes semânticas analisadas, considerando a proposta de papéis temáticos de Cançado (2002, 2005), apresentada na seção 1.3.1 da primeira parte do capítulo 1.

3.6.2- Tendência à especialização forma-sentido

Analisando os predicadores psicológicos, Dogliani (2004, 2007) observa que há uma tendência à especialização de forma-sentido: quando há uma ênfase na causa, ou seja, quando o experienciador se encontra na posição de objeto, o predicador aparece na forma sintética e quando há uma ênfase no experienciador, esse se encontra na posição de sujeito, o predicador apresenta uma forma analítica, conforme se ilustra em (311) e (312), respectivamente:

(311) (2O4F2A2OI sirviço parece que...enobrece né?...a pessoa)

(312) (2O5FP1A2SA eu fico com uma pena de vê os trem tudo jugado...)

Em (311), o experienciador ocupa a posição de objeto e o predicador se encontra na forma sintética, ao passo que na sentença (312), o experienciador é o sujeito e o predicador se encontra na forma analítica.

Os dados de Santa Luzia, no entanto, não permitem manter a hipótese de uma tendência à especialização forma-sentido em nenhuma das classes semânticas analisadas. Como se viu, as classes dos predicadores de percepção não exibiram formas analíticas (cf. seção 3.2). Os predicadores epistêmicos apresentaram somente 2% de construções perifrásticas (cf. seção 3.3), índice muito baixo para que se possa avaliar essa hipótese, mas é interessante observar que todos os casos de ExpO ocorreram na forma sintética e as ocorrências de formas analíticas exibiram o experienciador na posição de sujeito. Os predicadores físicos e psicológicos apresentaram um comportamento semelhante: realizaram-se freqüentemente na forma sintética e com o experienciador na posição de sujeito. Isto é, os predicadores ocorreram preferencialmente na forma sintética, tanto nas estruturas ExpS quanto nas estruturas ExpO. No entanto, observou-se também que a maior parte das construções ExpO ocorreram na forma sintética e constatou-se, que, as formas analíticas emergiram em maior volume nas estruturas ExpS (cf. as seções 3.4 e 3.5)

3.7 – Reflexões sobre o comportamento dos itens lexicais

Deve-se refletir sobre o comportamento idiossincrático que alguns itens lexicais apresentaram durante a análise realizada. Observou-se que um grande subgrupo da classe dos predicadores epistêmicos exibiu o experienciador exclusivamente na posição de sujeito e apenas um predicador exibiu exclusivamente o experienciador na posição de objeto, o predicador *ensinar*. O predicador *lembrar*, potencialmente causativo-ergativo, poderia apresentar o experienciador na posição de sujeito ou de objeto, mas no *corpus* sob análise, exibiu o experienciador exclusivamente na posição de sujeito. Já o predicador *estudar* que, de acordo com uma análise intuitiva, deveria apresentar o experienciador exclusivamente na posição de sujeito, apresentou uma construção ExpO. Destaque-se que os predicadores *lembrar* e *estudar* são muito freqüentes no *corpus*. Pode-se pensar, então, que a freqüência do predicador *estudar* está contribuindo para a implementação do processo de causativização. A

literatura que trata da Difusão Lexical mostra que a frequência dos itens se relaciona com a mudança lingüística (cf. seção 2.2.3 da primeira parte do capítulo 2).

A observação do comportamento dos itens lexicais permitiu verificar também uma relação entre o baixo volume de construções ergativas e causativas e o alto índice de construções analíticas principalmente na classe dos predicadores psicológicos. Como se viu na seção 3.5.1.1, os predicadores psicológicos potencialmente causativo-ergativos exibiram somente 13 ocorrências de construções ergativas e 4 ocorrências de construções causativas. Um índice extremamente baixo, para um grupo que apresentou 24 predicadores potencialmente causativo-ergativos. Além disso, dessas 13 ocorrências de construções ergativas, 6 são ilustradas pelo predicador *assustar*. Em contrapartida, 79% (19 predicadores) dos predicadores potencialmente causativo-ergativos apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes. Somente 5 predicadores não apresentaram formas analíticas correspondentes, são eles: *assustar*, *chatear*, *desanimar*, *culpar* e *enobrecer*. É interessante observar que *assustar*, que figura na lista dos predicadores que não apresentaram formas analíticas correspondentes, apresenta um volume maior de construções ergativas. Ressalte-se também que dos 19 predicadores que apresentaram formas analíticas correspondentes, apenas 3 apresentaram formas sintéticas, ou seja, os outros predicadores não poderiam apresentar construções ergativas ou causativas, porque não apresentaram formas sintéticas (formas verbais dicionarizadas) no *corpus*. Uma questão pode ser considerada: por que as formas verbais dicionarizadas (formas sintéticas) dos predicadores psicológicos potencialmente causativo-ergativos praticamente não ocorrem? Talvez, a resposta dessa pergunta esteja relacionada à grande variedade de tipos de construções analíticas, o predicador *amedrontar*, por exemplo, apresenta 6 diferentes tipos de construções perifrásticas, os predicadores *endoidar* e *condoer* apresentam 3 tipos e os predicadores *afligir*, *enraivecer*, *penalizar* e *sossegar* exibem 2 tipos de construções perifrásticas.

Já os físicos apresentaram 18 predicadores potencialmente causativo-ergativos. Esses predicadores ilustraram 67 ocorrências de construções ergativas e 8 ocorrências de construções causativas. Destaque-se que cinco predicadores são os maiores responsáveis por esse índice de construções ergativas: *levantar*, que apresentou 12 casos de construções ergativas; *adoecer*, responsável por 13 ocorrências; *operar*, que apresentou 7 casos de construções ergativas; *correr*, que apresentou 12 casos e *sentar*, responsável por 15 ocorrências. Opostamente ao que ocorre com os predicadores psicológicos, apenas 33% (6 predicadores) dos predicadores físicos potencialmente causativo-ergativos apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes. São eles: *adoecer*, *enfraquecer*, *engravidar*, *deitar*, *sarar*, *sentar* e *tontear*. Ressalte-se que os predicadores físicos, de uma maneira geral, exibem poucos tipos de

construções analíticas, a maior parte desses predicadores apresentou somente um tipo de construção perifrástica, o único que apresentou 3 tipos de construções analíticas foi o predicador *doer*, 5 predicadores apresentaram 2 tipos de construções analíticas e os outros 12 apresentaram apenas um tipo de forma analítica. Portanto, parece que o volume maior de construções ergativas e causativas na classe dos físicos relaciona-se a um volume menor de construções perifrásticas.

3.8- Resumo das classes semânticas analisadas

O quadro 3 apresenta de forma mais detalhada as propriedades de cada classe semântica analisada.

Quadro 3 – Propriedades apresentadas pelos predicadores de percepção, epistêmicos, físicos e psicológicos.

Percepção: praticamente só admitem o experienciador na posição de sujeito, não exibem construções analíticas e não apresentam construções causativas.

Epistêmicos: o experienciador realiza-se preferencialmente na posição de sujeito, mas observam-se algumas construções ExpO; exibem algumas construções perifrásticas e podem apresentar construções causativas, mas essas parecem ser pouco frequentes. Observa-se que há somente dois verbos que admitem o experienciador na posição de sujeito ou de objeto (*lembrar, estudar*), há somente um verbo que se apresenta exclusivamente na perspectiva da causa (*ensinar*) e os demais verbos admitem somente o experienciador na posição de sujeito.

Físicos: o experienciador pode se realizar na posição de sujeito ou de objeto; há numerosas estruturas analíticas e esses predicadores podem realizar estruturas causativas. Observam-se três grupos de predicadores: i) aqueles que só realizam o experienciador na posição de sujeito (ExpS), ii) aqueles que só realizam o experienciador na posição de objeto (ExpO) e iii) aqueles que apresentam o experienciador na posição de sujeito ou de objeto.

Psicológicos: o experienciador pode se realizar na posição de sujeito ou de objeto; há numerosas estruturas analíticas e esses predicadores podem realizar estruturas causativas. Observam-se três grupos de verbos: i) aqueles que só realizam o experienciador na posição de sujeito (ExpS), ii) aqueles que só realizam o experienciador na posição de objeto (ExpO) e iii) aqueles que apresentam o experienciador na posição de sujeito ou de objeto.

O quadro 3 mostra o que já havíamos sinalizado anteriormente: os predicadores de percepção são uma classe com propriedades bem definidas; os epistêmicos, apesar de se comportarem de forma semelhante aos predicadores de percepção, parecem apresentar variação de algumas estruturas que estão sendo difundidas por alguns itens lexicais e as classes dos predicadores físicos e psicológicos também se comportam de forma muito semelhante.

3.9- Conclusão

Neste capítulo, foram analisados os predicadores experienciais que se relacionam a fenômenos psicológicos, físicos, cognitivos e epistêmicos, considerando-se os grupos de fatores distribuição sintática do experienciador, realização morfológica dos predicadores e o item lexical.

Pôde-se observar que os predicadores de percepção e os predicadores epistêmicos apresentam um comportamento semelhante, exibem o experienciador na posição de sujeito e os esses predicadores realizam-se na forma sintética de forma quase categórica e os predicadores físicos e psicológicos também se assemelham, pois podem apresentar o experienciador na posição de sujeito ou de objeto e esses predicadores realizam-se na forma sintética e podem apresentar formas analíticas. Como vimos, o comportamento semelhante dessas classes está diretamente relacionado à rede temática que os predicadores apresentam.

Em relação ao fator item lexical, constatou-se que os itens *ensinar* e *estudar*, da classe dos predicadores epistêmicos, apresentaram um comportamento idiossincrático, pois *estudar* apresentou uma estrutura causativa, o que não é previsto por uma análise intuitiva e *ensinar* exhibe o experienciador exclusivamente na posição de objeto, característica que não é comum aos demais membros da classe. A análise do fator item lexical permitiu verificar também que o baixo volume de construções ergativas e causativas na classe dos predicadores psicológicos potencialmente causativo-ergativos estava relacionado ao alto índice de construções perifrásticas. Já na classe dos físicos, observou-se um índice maior de estruturas ergativas e causativas e um volume menor de formas analíticas, entre os predicadores potencialmente causativo-ergativos. Essa relação entre o baixo índice de construções ergativas e o alto índice de construções analíticas na classe dos psicológicos, prepara-nos para a terceira etapa da

análise, que se concentra, principalmente em avaliar a hipótese central que guia este trabalho: as construções perifrásticas restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo? Como vimos, há poucas construções ergativas na classe dos psicológicos, ou seja, já sabemos que o contexto do pronome pseudo-reflexivo (presente nas construções ergativas) encontra-se reduzido. Viu-se também que na classe dos físicos, há um volume maior de construções ergativas, apesar de estas estarem relacionadas a poucos itens lexicais, e um índice menor de construções analíticas. Contudo, é preciso saber um pouco mais sobre os pronomes analisados e verificar, de forma mais efetiva, a relação entre o índice de construções analíticas e a redução do contexto do pronome pseudo-reflexivo. Essa etapa da análise será realizada na segunda parte do capítulo.

SEGUNDA PARTE

3.1- Introdução

Na primeira parte do capítulo, vimos como os predicadores experienciais selecionados se comportaram em relação aos três grupos de fatores adotados para a análise: a distribuição sintática do experienciador, a realização morfológica dos predicadores e o item lexical. Nesta parte, trataremos apenas das construções pronominais. Para tanto, Observe-se que nem todos os predicadores experienciais exibem o contexto de uso dos pronomes pseudo-reflexivos, reflexivos e recíprocos. Vejamos as ocorrências abaixo:

(313) (0C1F1C3SI aí que nós ficamo cunhecendo...)

(314) (0R2M1C1SI e já quemei muitas vezes)

(315) (0P3F2C2SI [o namorado da irmã dela] assustô)

As ocorrências a de (316) a (318) podem ser analisadas como variantes das estruturas b, abaixo:

- (316) a)(0C1F1C3SI aÍ que nós ficamo cunhecendo...)
 b) AÍ que nós ficamos nos conhecendo
- (317) a)(0R2M1C1SI e já queimei muitas vezes)
 b) E já me queimei muitas vezes
- (318) a) (0P3F2C2SI [o namorado da irmã dela] assustô)
 b) [o namorado da irmã dela] se assustô.

Destaque-se que os predicadores das ocorrências a acima exibiram os contextos potenciais dos pronomes recíproco, reflexivo e pseudo-reflexivo, respectivamente, apesar de os clíticos não terem se realizado fonologicamente.

Outros predicadores, no entanto, não exibem o contexto potencial dos pronomes sob análise. Observem-se as ocorrências abaixo:

- (319) (2O1F2A3SI eu ia istudá de manhã)
- (320) (2O1F2A2SI não e ele não confiava ni mim nem um minuto)
- (321) (2O1F2A1OA aÍ ela descia o coro...)
- (322) (202M1C2SA tinha medo de passa lá perto de sua casa)
- (323) (2O4F2A4SI eu vi ela tava na garagem aqui com ele)

A partir de uma análise intuitiva, pode-se dizer que os predicadores *estudar* e *confiar* não exibem o contexto de nenhum dos pronomes estudados. Podemos dizer também que as construções perifrásticas, *descer o couro* e *ter medo*, presentes nas ocorrências (321) e (322), também não apresentam o contexto do pronome, já que não podemos dizer **AÍ ela se descia o couro* ou **Se tinha medo de passar lá perto de sua casa*. O caso do predicador *ver* é um pouco diferente, pois ele pode exibir o contexto dos pronomes reflexivo e recíproco. Observem-se as sentenças de dados de introspecção apresentadas abaixo:

- (324) Eu me vi no espelho
- (325) Eles se viram na rua Direta outro dia.

Em (324), o predicador *ver* exibe o contexto do pronome reflexivo e em (325), o contexto do pronome recíproco. Contudo, na ocorrência (323), esse predicador não exibiu o contexto de nenhum dos pronomes estudados.

Assim, neste capítulo, consideram-se os dados pertinentes, isto é, as 168 ocorrências que apresentaram o contexto relevante aos pronomes estudados.

Dessa forma, os 1932 dados que compõem o *corpus* Santa Luzia podem se organizar da seguinte forma: i) dados que exibem o contexto do pronome e ii) dados que não exibem o contexto do pronome. Vejamos essa divisão no gráfico 12:

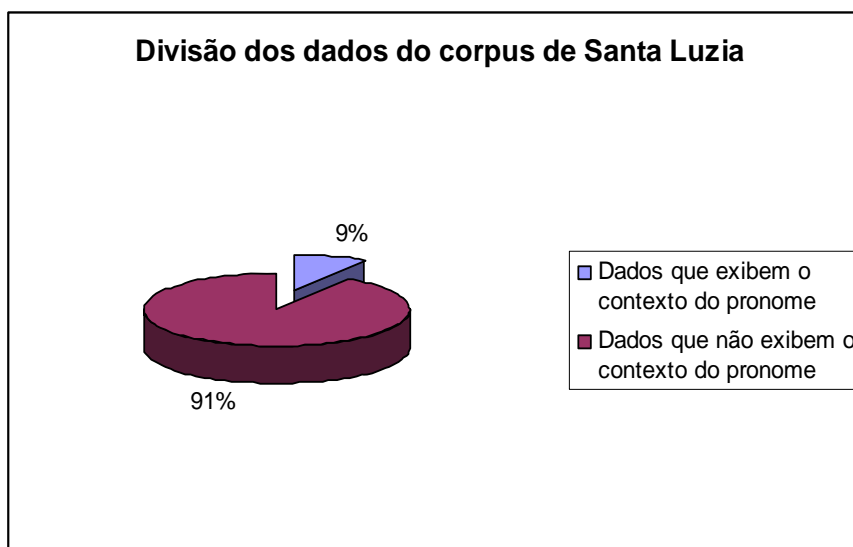


Gráfico 12 – Divisão dos dados do *corpus* de Santa Luzia de acordo com o contexto de ocorrência dos pronomes

Como se vê na distribuição dos 1932 dados, os dados que apresentam o contexto dos pronomes, é bem pouco extenso, quando comparado aos dados que não exibem o contexto dos clíticos, pois os primeiros representam apenas 9% dos dados coletados. Pode-se concluir que o espaço do contexto dos pronomes, entre os predicadores experienciais, é bastante reduzido.

Passemos, então, à análise do subgrupo dos predicadores experienciais que exibem o contexto dos pronomes sob análise. O universo de análise é de, portanto, 168 dados.

3.2- Análise das variáveis lingüísticas ausência e presença do pronome

Os 168 dados que exibem o contexto dos pronomes estudados podem ser divididos em: i) dados em que o pronome foi realizado fonologicamente (presença) e ii) dados em que o pronome não foi realizado fonologicamente (ausência).

Em princípio, trataremos do fenômeno de apagamento do pronome como um caso de variação, já que outras pesquisas (cf. seção 2.2.4 da primeira parte da metodologia) assim o fizeram e mostraram que, em outras regiões de Minas Gerais e em outros estados do Brasil, o pronome pode ser realizado ou não.

Vejamos, então, como as variantes presença e ausência do pronome se distribuem nos dados do *corpus* de Santa Luzia. Observe-se o gráfico abaixo:

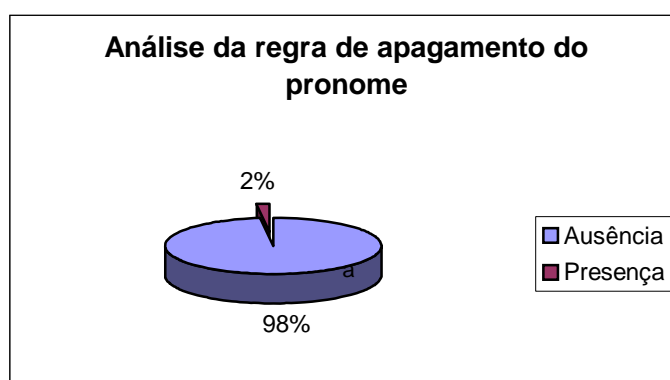


Gráfico 13 – Distribuição dos casos de presença/ausência do pronome nos dados do *corpus* de Santa Luzia(168 dados)

Observando-se o gráfico 13, pode-se notar que o apagamento do pronome é praticamente categórico, pois o pronome se realizou apenas em 2% das ocorrências. Portanto, 98% dos dados ilustram o apagamento do pronome. Pode-se dizer, então, que entre os predicadores experienciais analisados não há variação.

Vejamos os dados da tabela 6 que mostra os pronomes que ocorreram no *corpus*:

Tabela 6 – Distribuição dos casos de presença em função do tipo de pronome.

	Pronome		Total
	Casos	%	Casos
Reflexivo	0	0	16
Recíproco	0	0	9
Pseudo-reflexivo	4	3	143
Total	4	2	168

A tabela 6 atesta a ausência quase categórica do pronome de um modo geral. Não se registra presença dos clíticos reflexivos e recíprocos. As quatro ocorrências de presença são ilustradas pelo pronome pseudo-reflexivo. Os casos de presença do pronome ocorreram na classe dos predicadores epistêmicos (3 casos) e na classe dos predicadores psicológicos (1 caso). Essas ocorrências podem ser visualizadas abaixo:

(326) (1P5M1C3SP MG foi até muito pacífica nessa parte.. porque...e..eu me lembro)

(327) (1P8F1C3SP num me lembro a idade que ele)

(328) (1P8F1C3SP assim...num me lembro a idade dela...)

(329) (1P8F1C2SP porque eu não me importava)

Como se vê, os casos de presença são ilustrados por dois predicadores apenas: *lembrar* e *importar*. O primeiro exhibe três ocorrências em que o pronome pseudo-reflexivo está presente e o predicador *importar* ilustra uma ocorrência do mesmo pronome. Observemos, agora, se a frequência desses predicadores pode ser relacionada ao uso do pronome pseudo-reflexivo.

No quadro abaixo, os predicadores estão divididos de acordo com a classe semântica a que pertencem e com o pronome para o qual apresentaram contextos relevantes. Deve ser observado que o número de ocorrências de contextos de uso do pronome encontra-se entre parênteses, para que se possa observar a frequência do predicador.

Quadro 4 – Predicadores experienciais divididos por classe semântica e tipo de pronome a que apresentaram contextos relevantes.

	Pseudo-reflexivo	Reflexivo	Recíproco
Percepção			olhar (1).
Epistêmicos	esquecer (5), lembrar (84), recordar (2).		conhecer (8).
Físicos	deitar (3), gripar (1), levantar (12), sentar (15).	coçar (1), esquentar (1), ferir (1), furar (1), machucar (7), molhar (1), queimar (4).	
Psicológicos	apavorar (1), apegar (2), assustar (6), contentar (1), distrair (1), divertir (2), importar (2), preocupar (2), queixar (4).		

Como se pode ver, alguns predicadores são muito freqüentes no *corpus* de Santa Luzia. Se considerarmos como itens freqüentes aqueles que ocorreram mais de sete vezes no *corpus*, temos os seguintes predicadores freqüentes: *conhecer*, *lembrar*, *levantar*, *machucar* e *sentar*. Contudo, o predicador *lembrar* ainda se destaca mais do que os outros, pois ocorre 84 vezes no *corpus* e é responsável por 50% dos contextos de uso, considerando-se todos os pronomes estudados. Os outros 24 predicadores restantes são responsáveis, juntos, pelos outros 50% dos contextos relevantes ao uso dos pronomes. É importante ressaltar que a freqüência do item *lembrar* pode ter favorecido o uso do pronome, pois esse predicador é responsável por 84 ocorrências de contexto propício ao clítico e três dos quatro casos de presença do pronome são ilustrados por esse predicador. Contudo, essa hipótese fica enfraquecida já que os outros itens freqüentes que ocorreram no *corpus* não ilustraram nenhum caso de presença do pronome. Além disso, o item *importar*, que é pouco freqüente, também apresentou um caso de presença. Destaque-se que os dois itens que apresentaram os casos de presença do pronome ilustraram o pronome pseudo-reflexivo.

A tabela 7 apresenta os dados do quadro 4 de outra forma para que novas informações possam ser apreendidas:

Tabela 7 – Classes semânticas por contexto esperado de cada pronome (*corpus* 1 – 168 dados).

Classes Semânticas	Físicos		Psicológicos		Epistêmicos		Percepção	
	Casos	%	Casos	%	Casos	%	Casos	%
Recíproco	-	-	-	-	8	8	1	100
Pseudo-reflexivo	31	66	21	100	91	92	-	-
Reflexivo	16	34	-	-	-	-	-	-
Total	47	100	21	100	99	100	1	100

A tabela 7 apresenta o cruzamento entre as classes semânticas dos predicadores e os contextos para cada tipo de pronome esperado. O contexto que se destaca, em primeiro lugar, é o do pronome pseudo-reflexivo. À exceção dos predicadores de percepção, todas as classes exibem os maiores percentuais no contexto propício ao pseudo-reflexivo. Entre os predicadores psicológicos, 100% das estruturas relevantes são de contexto propício ao pronome pseudo-reflexivo; entre os epistêmicos, é esse o pronome requerido em 92% das ocorrências. Também entre os predicadores físicos, os maiores percentuais (66%) registram-se em ocorrências em que o pseudo-reflexivo era o pronome esperado. O contexto que se destaca, em segundo lugar, é o do pronome reflexivo. É o que apresenta percentual apreciável (34%), apesar de bem mais baixo do que o do contexto propício ao pseudo-reflexivo. Há que se destacar também que, diferentemente do que ocorre com os pronomes pseudo-reflexivos, esse só apresenta contextos propícios entre os predicadores físicos. O contexto menos relevante, no que tange a análise dos contextos propícios ao clítico, é o do pronome recíproco, que se identificou entre os predicadores epistêmicos e os predicadores de percepção, restringindo-se, ainda assim, a um caso apenas na classe dos predicadores de percepção e a oito casos na classe dos epistêmicos.

3.3- Considerações sobre as variáveis não-lingüísticas

Como vimos, a ausência do pronome é praticamente categórica nos dados de Santa Luzia. Contata-se, portanto, que, entre os predicadores analisados, não há variação. O volume de apagamento do clítico é tão alto que praticamente inviabiliza a análise quantitativa dos fatores sociais. Dessa forma, nesta seção, serão feitas algumas considerações sobre os fatores não-lingüísticos considerados na metodologia da coleta dos dados. São eles: faixa etária, gênero, grupo socioeconômico e o indivíduo.

Considerando apenas os quatro casos de presença do pronome, constatou-se que três dessas ocorrências são ilustradas por uma mulher e uma ocorrência de presença do clítico ocorreu na fala de um homem. Esses informantes pertencem ao grupo social mais favorecido, o bairro Centro, e são indivíduos com mais de setenta anos. Pode-se conjecturar que os casos de presença do clítico ocorreram nos grupos esperados, pois os informantes desse grupo social devem ter tido mais contato com a norma culta que exige o emprego do pronome e, como se viu na seção 2.2.3 da segunda parte do capítulo 2, as mulheres são mais conservadoras do que os homens, em relação às variantes não-padrão.

Entretanto, como os casos de presença se concentraram na fala de apenas dois informantes do mesmo grupo social, não há como relacionar essas ocorrências ao grupo socioeconômico. Pode-se pensar na variável indivíduo, pois os outros informantes do bairro Centro não apresentaram o pronome em suas falas. O indivíduo do sexo masculino que apresentou o pronome em sua fala relata em sua entrevista que, apesar de ter freqüentado a escola somente até o quarto ano de grupo, fez um curso de administrador de obras, tinha muitos trabalhadores sob seu comando e trabalhou em vários estados do Brasil¹⁹. A informante do sexo feminino que apresentou o pronome declarou em sua entrevista que nunca precisou trabalhar, relatou que seu marido sempre teve automóvel e que deixou para seus filhos muitos bens depois que morreu. Além disso, essa informante, apesar de ser analfabeta, tem uma filha que é professora e um filho que morou alguns anos nos Estados Unidos. Os dois informantes declararam ainda ter viajado muito, o primeiro a trabalho e a segunda a passeio. Os outros informantes do Centro, apesar de pertencerem à mesma classe socioeconômica, declararam em suas entrevistas ter tido uma infância simples e disseram ter trabalhado muito para conquistar o que têm atualmente. Nesse sentido, os dois informantes

¹⁹Faz-se necessário destacar que esse informante trabalhou fora depois de adulto e que, nesse período, ele sempre vinha visitar sua família que continuou residindo na cidade.

responsáveis pelas ocorrências em que o pronome *se* ilustra distinguem-se dos demais. Ainda assim, constata-se que esses dois informantes produziram vários outros enunciados na forma sintética, ilustrando, como os demais falantes de Santa Luzia, o apagamento do pronome. Os informantes que apresentaram apagamento do pronome parecem apresentar, portanto, um falar mais luziense do que os informantes que apresentaram presença da variável em suas falas.

Já vimos que o *corpus* de Santa Luzia não apresentou variação, no que concerne às construções pronominais, ou seja, o apagamento do pronome é categórico. Pode-se, no entanto, especular que, no caso de Santa Luzia, a ausência do pronome seja resultado de um processo de mudança: em primeiro lugar, porque há indícios de uso, o que pode ser interpretado como evidência de resíduo; em segundo lugar, porque a variação, muitas vezes, em progresso, atesta-se em alguns trabalhos resenhados nesta dissertação. Em nenhuma das outras localidades pesquisadas, no entanto, o índice de apagamento do pronome é tão alto. Na próxima seção, poderemos ver como o fenômeno se apresenta em outras cidades mineiras, no Rio de Janeiro, São Paulo e no Português europeu.

3.4 – A análise do pronome em Santa Luzia comparada a de outros trabalhos

Os resultados obtidos da pesquisa realizada na cidade de Santa Luzia nos permitem fazer uma comparação com outras pesquisas realizadas. Essa comparação torna-se possível a partir da observação dos dados da tabela 8, apresentada abaixo, que contém os dados de Rocha (1999) e dos autores por ela selecionados, os dados do *corpus* de Santa Luzia e os dados de Dogliani (2004). Deve ser lembrado que Rocha (1999) analisou a variável *se* – presença e ausência dos verdadeiros e falsos reflexivos – na cidade de Ouro Preto e também analisou dados do Português Europeu e comparou seus resultados com o de outras pesquisas, a saber: Nunes (1995), que analisou dados de São Paulo e D’Albuquerque (1984) que analisou dados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. A autora, que havia computado em sua pesquisa todas as formas do pronome *se*, retirou os pronomes de primeira pessoa para poder compará-los com os dados de Manhuaçu, São Paulo e Rio de Janeiro. O mesmo foi feito, para efeito de comparação, com os dados de Santa Luzia nesta seção, ou seja, os quatro casos de presença do pronome foram retirados da tabela 8, já que ilustram o pronome de primeira pessoa. Dogliani (2004), observando o comportamento dos predicadores psicológicos, apresenta

dados da cidade de Belo Horizonte das décadas de 70 e 80 do século passado e dados do Serro de 2003. Esses dados, contudo, computam os pronomes de primeira e de terceira pessoa, mas nos permitem visualizar o quadro de variação do pronome nas cidades de Belo Horizonte e Serro. Observemos os dados da tabela abaixo²⁰:

Tabela 8– Comparação entre os dados de entrevistas sociolingüísticas de Ouro Preto, Manhuaçu, Rio de Janeiro, São Paulo, Português Europeu, Santa Luzia, Serro e Belo Horizonte.

Dialeto	Pronome		Ø		Total	
	Casos	%	Casos	%	Casos	%
Santa Luzia	0	0	164	100	168	100
Belo Horizonte	24	38,7	38	61,3	62	100
Serro	1	5,3	18	94,7	19	100
Manhuaçu	54	16	265	83	319	100
Ouro Preto	117	25	351	75	468	100
São Paulo	227	48	243	52	470	100
Rio de Janeiro	549	70	229	30	778	100
Português Europeu	62	86	10	14	72	100

Apesar de os trabalhos apresentarem diferenças quanto à escolha das classes semânticas dos predicadores e da região é interessante observar como o falar das cidades de Minas, em relação ao uso do clítico, diferencia-se do Português Europeu, pois esse dialeto apresentou 86% de presença do pronome, ao passo que nas cidades mineiras o percentual de apagamento é muito maior do que o presença do clítico. Deve-se observar, entretanto, que o uso do clítico na capital de Minas Gerais é muito maior do que o uso do pronome nas demais cidades mineiras. Destaque-se também que os falares do Rio de Janeiro e de São Paulo aproximam-se do Português Europeu, uma vez que apresentam um índice considerável de uso do pronome.

Os dados da tabela 8 nos permitem observar também como parece haver indícios de mudança na cidade de Santa Luzia e a variável parece apresentar um perfil de mudança em progresso em Manhuaçu (83% de apagamento) e Serro (84,7% de apagamento), mas vê-se que em São Paulo (48% de presença) e Rio de Janeiro (70% de presença) a variável parece apresentar um perfil de variação estável. Ressalte-se que é necessário analisar os diferentes grupos etários em cada cidade para saber se realmente o fenômeno configura-se como uma

²⁰Os dados da tabela 10 têm seguinte fonte: tabela 29 de Rocha (1999), tabelas 4 e 5 de Dogliani (2004) e os dados de Santa Luzia obtidos para a presente pesquisa.

mudança em progresso ou uma variação estável. Por exemplo, Rocha (1999) declara que, em Ouro Preto, a regra de apagamento do pronome apresenta um quadro de variação estável, baseando-se na análise das diferentes faixas etárias, apesar de o índice global de apagamento ser muito alto. O que se apresenta, nesta seção, portanto, são considerações sobre os índices globais.

Outra observação que se destaca na tabela é que os dados de Santa Luzia e da cidade do Serro apresentam resultados semelhantes. Resguardadas as diferenças da constituição dos *corpora* das duas cidades, pois o *corpus* do Serro compõe-se apenas dos predicadores psicológicos, pode-se considerar a hipótese de que esses resultados semelhantes estejam relacionados ao fato de que essas duas cidades têm mais de trezentos anos de história. Além disso, os dados das duas cidades foram coletados próximos ao Centro histórico²¹, onde geralmente as pessoas preservam as tradições e possuem redes sociais mais densas e como relata Chambers (1995), os indivíduos dessas redes usam mais a variante regional. Além disso, nessas cidades foram selecionados informantes com grau de escolaridade baixo²² e como nos mostram Rocha (1999) e Nunes (1990) o apagamento do pronome é favorecido por informantes que cursaram apenas o primeiro grau. Essa observação nos leva à outra questão: os diferentes índices apresentados na tabela 8 refletem variações regionais ou a consideração de indivíduos de diferentes escolaridades? Em outras palavras, os indivíduos que têm escolaridade semelhante nas diferentes cidades não se comportariam de forma semelhante? Nunes (1990), por exemplo, destaca que as passivas pronominais sem concordância e sem pronome alcançam um índice de 100% entre os informantes com 1º e 2º graus, mas entre os informantes com terceiro grau o índice está próximo a 50%. Rocha (1999) destaca que os informantes com 1º grau apresentaram uma probabilidade de apagamento do pronome de 0.78. Observando-se os dados de Nunes (1990) e Rocha (1999), podemos ver que os índices dos informantes menos escolarizados de São Paulo e Ouro Preto são semelhantes aos índices das cidades de Santa Luzia, Serro, Manhuaçu e Belo Horizonte. Entretanto, os informantes de Belo Horizonte apresentaram graus de escolaridade variados e, mesmo assim, o índice dessa cidade foi menor do que os índices apresentados por São Paulo e Rio de Janeiro. Isto é, parece haver uma variação regional da regra de apagamento do pronome, mas os índices nos

²¹ Denomina-se Centro Histórico a parte mais antiga da cidade, cujas casas geralmente mantêm a construção original (do século XVIII). Nessa parte, geralmente podemos encontrar a Rua Direita, a Igreja Matriz e a Rua de Trás.

²² Evelyne Dogliani, em comunicação pessoal, declarou que todos os informantes do Serro tinham o 1º grau completo ou incompleto, mas os informantes de Belo Horizonte apresentavam diferentes graus de escolaridade.

mostram que informantes com escolaridade equivalente tendem a se comportar de forma semelhante nas diferentes cidades.

Outro ponto que deve ser destacado é que Santa Luzia e Serro foram criadas como consequência da incursão dos bandeirantes (cf. seção 2.7 da segunda parte do capítulo 2). Então, uma questão pode ser considerada: essas cidades não deveriam preservar a língua dos colonizadores? Isto é, vimos que em Portugal o preenchimento do pronome é muito maior do que o apagamento, logo, se Santa Luzia e Serro foram criadas a partir das incursões dos bandeirantes, não deveriam preservar a língua desses colonizadores? Esse questionamento, no entanto, deve ser considerado com muita cautela, pois existem muitas dúvidas em relação à língua que os bandeirantes paulistas utilizavam. Mendes (2000) propõe três hipóteses no que concerne à língua falada pelos bandeirantes: i) eles tinham um dialeto próprio, ii) falavam tupi ou iii) falavam a língua geral. Além disso, a autora questiona se o dialeto falado pelos bandeirantes foi difundido pelos sertões por eles explorados, uma vez que as bandeiras tinham o caráter de ‘ir-e-voltar’, não construindo um vínculo com a região conquistada. Contudo, segundo a autora, na região do ciclo do ouro, as bandeiras tiveram um caráter colonizador e, portanto, nessas regiões a língua dos bandeirantes poderia ter se difundido. Como vimos nos dados de Nunes (1990), as passivas pronominais sem concordância e sem pronome só surgiram no século XIX; se pensarmos que a queda dos diferentes clíticos também começou nessa época, havemos de perguntar: cidades como Santa Luzia e Serro não deveriam preservar o padrão de Portugal? Cohen (2002: 7) destaca que as análises de dados de fala de informantes idosos da região Sul de Minas Gerais, que surgiram no século XVIII devido às incursões dos bandeirantes, e de documentos escritos pretéritos “indicaram a existência de arcaísmos nessas regiões”. É interessante observar como essas cidades se mostram conservadoras, em relação a alguns fenômenos, e progressistas, no que concerne ao uso do pronome. Para observar a pertinência dessas questões é necessário estudar a regra de apagamento do clítico em outras cidades com mais de 300 anos que tenham sido criadas em função da incursão dos bandeirantes e também realizar uma pesquisa diacrônica para saber quando a variável *se*, analisada na presente pesquisa, começou a apresentar variação.

3.5- Difusão lexical : o fator freqüência e o apagamento do pronome

Segundo Bybee (2001), dois tipos de freqüência são importantes para a análise lingüística: a freqüência de *tokens* e a freqüência de *types*. Os dados de Santa Luzia nos permitem fazer considerações sobre esses dois tipos de freqüência em relação ao apagamento do pronome.

Como vimos na tabela 7, em termos de freqüência, o contexto favorável ao aparecimento do clítico é o contexto do pseudo-reflexivo. Pode-se dizer, então, que, em termos de *type*, o contexto mais freqüente é o do pseudo-reflexivo. O cruzamento dos resultados da tabela 6 aos da tabela 7 permitem-nos a seguinte reflexão: já que os únicos casos de presença do pronome são de pseudo-reflexivo, pode-se propor que a freqüência de *tipo* pseudo-reflexivo está a serviço da forma conservadora, já que esse é o *tipo* de pronome com contexto de uso mais freqüente. É possível pensar, por ora, que a implementação do processo de apagamento do clítico terá atingido em seu percurso, estruturas de *type* menos freqüente, como a dos reflexivos e recíprocos, para, a seguir, atingir aquelas de *type* mais freqüente, como a dos pseudo-reflexivos.

Além disso, observa-se que as quatro ocorrências de presença ilustram apenas duas classes semânticas – a dos psicológicos e a dos epistêmicos. Sabendo-se que três dessas quatro ocorrências de presença do clítico se ilustraram com predicadores epistêmicos, pode-se propor uma reflexão adicional: o apagamento do pronome encontra maior resistência entre o *type* sintático mais freqüente, contexto do pseudo-reflexivo, através da classe semântica dos epistêmicos, que é a classe semântica que exhibe o maior volume de contextos propícios ao uso do pronome: 99 ocorrências de contextos relevantes, contra 47 casos de contextos propícios na classe dos predicadores físicos, 21 ocorrências de contextos de uso do pronome na classe dos psicológicos e apenas 1 caso de contexto relevante na classe dos predicadores de percepção (cf tabela 7).

Essas reflexões, contudo, têm de levar em conta também a freqüência de *token*. Bybee (2001) observa que, em relação à freqüência de *tokens*, os itens mais freqüentes podem seguir dois caminhos em uma mudança lingüística. Isto é, podem ser mais afetados pelo processo ou, de forma oposta, os itens mais freqüentes se tornam mais resistentes às mudanças. Como se viu na seção 3.2 desta parte do capítulo da análise, o predicador *lembrar*, que pode ser considerado um item freqüente (já que apresenta 84 ocorrências das 168 que exibem contexto relevante ao uso do pronome) é responsável por metade dos contextos propícios dos pronomes

sob análise e por três ocorrências de presença do pronome, entre as quatro identificadas no *corpus* relevante. Ressalte-se que o predicador *lembrar* pertence à classe dos epistêmicos e oferece contextos relevantes ao pronome pseudo-reflexivo. Portanto, os dois tipos de frequência congregam-se no predicador *lembrar*. Dessa forma, não se pode dizer exatamente qual tipo de frequência estaria atuando nesse caso, se é a frequência de *type*, já que os pronomes pseudo-reflexivos e a classe semântica dos epistêmicos apresentaram mais contextos propícios ao uso do pronome ou se é a frequência de *token*, uma vez que o predicador *lembrar* é freqüente e apresenta 3 dos 4 casos de presença do clítico. Destaque-se também que o predicador *importar*, que não é freqüente no *corpus*, também apresentou um caso de presença do pronome. Esse predicador pertence à classe dos psicológicos, que não se destaca quanto ao uso de contextos propícios, mas o item *importar* oferece contexto relevante ao pronome pseudo-reflexivo, um *type* freqüente. Como se pode ver, somente pesquisas adicionais podem avaliar se é a frequência de *type* ou de *token* que afeta o processo de apagamento dos pronomes, o que se pode afirmar é que a presente pesquisa mostra indícios de que tal processo ocorre por difusão lexical.

3.6- O apagamento do clítico: indícios de gramaticalização?

Como se viu na seção 3.2 desta parte da análise, os casos de presença restringem-se ao pronome pseudo-reflexivo. No entanto, a literatura pertinente (cf. seção 1.4 da terceira parte do capítulo 1) mostra que o pronome reflexivo é o que geralmente favorece o uso do pronome. Rocha mostra que o falso reflexivo (aqui denominado pseudo-reflexivo) é mais apagado do que o verdadeiro reflexivo, que é o que geralmente se espera, uma vez que o pronome reflexivo tem função sintática e recebe papel temático e o mesmo não ocorre com o pronome pseudo-reflexivo (cf. seção 1.5.3 da terceira parte do capítulo 1). A presente pesquisa, ao contrário, além de mostrar que o apagamento é praticamente categórico, dá indícios de que o contexto mais conservador é o dos pronomes pseudo-reflexivos, pois os únicos casos de presença que ocorreram no *corpus* foram desse pronome.

O fato de os pronomes que recebem papel temático, os pronomes reflexivos e recíprocos, serem mais apagados do que os pronomes que não recebem papel temático, os pronomes pseudo-reflexivos, leva-nos a pensar que os primeiros estariam passando por um

processo de gramaticalização. Vitral e Ramos (2006), ao descreverem o percurso do pronome *se* apassivador e indeterminador (de acordo com Nunes, 1990), declaram que esse percurso pode ser identificado como um processo de gramaticalização. Segundo os autores, o pronome teria vindo da raiz latina *SE que significava “à parte, separado, para si”. A partícula *se* ter-se-ia expandido na língua, primeiramente, com as construções reflexivas e, posteriormente, com as construções passivas. Como se vê, o pronome, em princípio, tinha uma origem lexical e, atualmente, apresenta o terceiro estágio do processo de gramaticalização (os estágios são: item lexical > item gramatical > clítico > afixo). Segundo Vitral e Ramos (2006), o *se* que se encontra nas passivas pronominais com concordância (*se* apassivador) seria menos gramatical, por apresentar papel temático e caso acusativo, do que o *se* que se encontra nas construções passivas sem concordância (*se* indeterminador), uma vez que este somente tem a função de indeterminar a categoria vazia que está na posição de sujeito, e essa categoria receberia papel temático de agente e caso nominativo. Destaque-se que as passivas pronominais sem concordância posteriormente deram origem às passivas pronominais sem concordância e sem pronome (cf. seção 1.3 da terceira parte do capítulo 1). Isto é, é possível pensar que o processo de gramaticalização estaria relacionado ao apagamento do pronome. Ao apresentar “esvaziamento semântico”, o pronome teria perdido substância fonética. Da mesma forma que Vitral e Ramos (2006) propõem que o *se* indeterminador passou por um processo de gramaticalização, seria interessante pensar que o *se* reflexivo e recíproco também estão passando por esse processo, pois estão se comportando como o *se* pseudo-reflexivo, que não recebe papel temático. Observa-se, então, um “esvaziamento semântico” dos pronomes reflexivos e recíprocos, e uma perda da substância fonética, o que caracteriza o processo de gramaticalização.

4.5- Conclusão

Nesta parte do capítulo, foram analisadas as construções pronominais que os predicadores experienciais analisados apresentaram. Em primeiro lugar, destacou-se que nem todas as ocorrências do *corpus* de Santa Luzia exibiram o contexto de uso dos pronomes reflexivos, recíprocos ou pseudo-reflexivos. Como se viu na seção 3.1, somente 9% dos dados do *corpus* (168 ocorrências) apresentaram o contexto dos pronomes estudados. Tendo-se em

conta essas ocorrências, constatou-se que o apagamento do pronome é praticamente categórico, alcançando um índice de 98%. Observaram-se somente 4 casos de presença do clítico, sendo que 3 casos ocorreram com o predicador *lembrar*, pertencente à classe dos epistêmicos e 1 caso foi ilustrado pelo predicador *importar*, pertencente à classe dos psicológicos. Ressalte-se que as 4 ocorrências de presença foram ilustradas pelo pronome pseudo-reflexivo.

TERCEIRA PARTE

3.1 - Introdução

Conforme observa Madureira (2000), entre os predicadores psicológicos, estruturas ergativas pronominais ou não pronominais como *Eu me preocupo* e *eu preocupo* são freqüentemente substituídas por construções analíticas do tipo *eu sou preocupado*, *eu fico preocupado*. Esse fato determina que o contexto de realização das ergativas seja razoavelmente reduzido entre os predicadores psicológicos. Na terceira parte deste capítulo, pretende-se analisar a validade dessa hipótese para os predicadores experienciais selecionados.

Para observar a validade da hipótese é necessário verificar, dentro de cada classe semântica analisada: i) se as construções perifrásticas ocorrem e, em caso afirmativo; ii) em que volume, iii) observar o volume de construções ergativas dentro das classes que apresentaram predicadores potencialmente causativo-ergativos, iv) verificar quantas construções perifrásticas os predicadores potencialmente causativo-ergativos apresentaram, vi) observar se há predicadores não-ergativos que exibem contexto para o pronome pseudo-reflexivo, vii) observar o volume de construções sintéticas e analíticas dos predicadores não-ergativos que exibem contexto para o pronome pseudo-reflexivo e viii) verificar quantas construções perifrásticas e sintéticas os predicadores não-ergativos que não apresentam contexto para o pronome pseudo-reflexivo apresentaram.

Esses passos são importantes, porque é necessário saber, em primeiro lugar, se as classes analisadas apresentam construções analíticas e se o volume dessas construções é considerável para testar a hipótese. Como o pronome pseudo-reflexivo também está presente em grande parte das construções ergativas, é necessário conhecer o volume dessas construções no *corpus* sob análise. Em seguida, é necessário observar o volume de analíticas dos predicadores potencialmente causativo-ergativos, para saber se as construções analíticas têm mais espaço do que as construções ergativas nesse subgrupo, e, como o pronome só pode ocorrer nas construções sintéticas, se as formas analíticas são mais favorecidas, temos um indício de que essas construções restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo. É necessário observar também se há predicadores não-ergativos que exibem o contexto do pronome pseudo-reflexivo e observar o volume de construções sintéticas e analíticas desses predicadores, pois, conforme a definição de pseudo-reflexivo presente no trabalho (cf. seção 2.2.4.1 da primeira parte do capítulo 2), esses clíticos podem ser tanto os pronomes que marcam o alçamento do argumento interno para posição de argumento externo (o clítico presente nas construções ergativas) quanto o pronome que acompanha os verbos denominados pronominais na Gramática Tradicional. No entanto, ainda que se comprove que as analíticas ocorrem com mais frequência do que as ergativas nos predicadores potencialmente causativo-ergativos e nos predicadores não-ergativos que exibem o contexto do pronome, é necessário também verificar o índice de construções perifrásticas nos predicadores não-ergativos, para saber se a relação entre as construções analíticas e o apagamento do pronome pseudo-reflexivo não é mera coincidência.

Como se viu na seção 3.2 da primeira parte deste capítulo, os predicadores de percepção não apresentaram construções analíticas e na seção 3.3, declarou-se que os predicadores epistêmicos apresentaram somente 2% de construções perifrásticas. Portanto, para esses predicadores a hipótese não é válida. Já os predicadores psicológicos e físicos apresentaram um volume considerável de construções analíticas, 32% e 20% respectivamente (cf. seções 3.4 e 3.5 da primeira parte deste capítulo). Dessa forma, a hipótese será testada para esses grupos de predicadores.

Os predicadores físicos potencialmente causativo-ergativos que ocorreram no *corpus* são: *acordar, adoecer, cortar, correr, deitar, enfraquecer, engravidar, furar, gripar, levantar, operar, resfriar, ressuscitar, sangrar, sarar, sentar, sufocar, tontear*. Esses predicadores, conforme o que se informou na seção 3.4.1.1 da primeira parte deste capítulo, apresentaram um total de 67 ocorrências de construções ergativas. Verifiquemos, agora, o volume de construções ergativas e analíticas que cada predicador causativo-ergativo apresentou:

- Acordar: esse predicador apresentou 1 ocorrência de construção ergativa e nenhuma ocorrência de construção analítica correspondente.
- Adoecer: esse predicador apresentou 13 ocorrências de construções ergativas e 19 ocorrências com construções analíticas correspondentes.
- Cortar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e nenhuma ocorrência de construção analítica correspondente.
- Correr: esse predicador apresentou 12 ocorrências de construções ergativas e nenhuma ocorrência de construção analítica correspondente.
- Deitar: esse predicador apresentou 3 ocorrência de construções ergativas e 1 ocorrência de construção analítica correspondente.
- Enfraquecer: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construções ergativas e 1 ocorrência de construção analítica.
- Engravidar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 1 ocorrência de construção analítica.
- Furar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa ou construção analítica.
- Gripar: esse predicador apresentou 1 ocorrência de construção ergativa e nenhuma ocorrência de construção analítica.
- Levantar: esse predicador apresentou 12 ocorrências de construções ergativas e nenhuma ocorrência de construção analítica.
- Operar: esse predicador apresentou 7 ocorrências de construções ergativas e nenhuma ocorrência de construção analítica.
- Resfriar: esse predicador apresentou 1 ocorrência de construção ergativa e nenhuma ocorrência de construção analítica.
- Ressuscitar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e nenhuma ocorrência de construção analítica.
- Sangrar: esse predicador apresentou 1 ocorrência de construção ergativa e nenhuma ocorrência de construção analítica.
- Sarar: esse predicador apresentou 1 ocorrência de construção ergativa e nenhuma ocorrência de construção analítica.
- Sentar: esse predicador apresentou 15 ocorrências de nenhuma construções ergativas e 1 ocorrência de construção analítica.
- Sufocar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e

nenhuma ocorrência de construção analítica.

- Tontear: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e 1 ocorrência de construção analítica.

Como se pode ver, 61% (11 predicadores) dos predicadores potencialmente causativo-ergativos apresentaram construções ergativas, os demais ou apresentaram somente construções analíticas (não exibiram as formas verbais dicionarizadas) ou apresentaram somente construções causativas (cf. as seções 3.4.1.1 e 3.4.1.2 da primeira parte deste capítulo). Levando-se em conta apenas o subgrupo que exibiu construções ergativas, constata-se que apenas 3 predicadores (27%) apresentaram construções analíticas. São eles: *adoecer*, *deitar* e *sentar*. Destaque-se ainda que a construção ergativa do predicador *adoecer* não admite (de acordo com uma análise intuitiva e com base nos dicionários) o pronome pseudo-reflexivo, como se pode ver na seguinte sentença em que esse predicador apresenta a forma ergativo-intransitiva *Os pais adoecem com o comportamento dos filhos*²³. Portanto, a forma analítica desse predicador não restringe o contexto do pronome pseudo-reflexivo.

Ressalte-se que o predicador *acidentar* também pode apresentar o contexto do pronome pseudo-reflexivo, apesar de ser não-ergativo. Observemos, então, o volume de construções sintéticas e analíticas desse predicador:

- Acidentar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção sintética e apresentou 1 ocorrência de construção analítica.

Pode-se dizer que, para o predicador *acidentar*, a construção perifrástica restringe o contexto do pronome pseudo-reflexivo, já que ele não apresentou construções sintéticas, exibiu apenas uma construção perifrástica.

Como a hipótese avaliada só pode ser mantida para três predicadores físicos (*deitar*, *sentar* e *acidentar*), conclui-se que as construções analíticas não restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo nessa classe semântica.

Vejamos, agora, o volume de construções ergativas e perifrásticas na classe dos predicadores psicológicos. Os predicadores psicológicos potencialmente causativo-ergativos são: *acanhado*, *afligir*, *agitar*, *alegrar*, *amedrontar*, *apavorar*, *assustar*, *chatear*, *chocar*, *confundir*, *culpar*, *desanimar*, *divertir*, *enciumar*, *encorajar*, *enervar*, *endoidar*, *enlouquecer*,

²³ Sentença ilustrada com dados de introspecção.

enobrecer, enraivecer, entristecer, envergonhar, impacientar, orgulhar, preocupar. Conforme o que se explicitou na seção 3.5.1.1 da primeira parte da análise, esses predicadores apresentaram: 13 ocorrências de construções ergativas e 4 ocorrências de construções causativas. Observemos o volume de construções ergativas e de construções analíticas que cada predicador potencialmente causativo-ergativo apresentou:

- Acanhar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 1 ocorrência de construção analítica.
- Afligir: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 2 ocorrências de construções analíticas.
- Agitar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 2 ocorrências de construções analíticas.
- Alegrear: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 1 ocorrência de construção analítica.
- Amedrontar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 44 ocorrências de construções analíticas.
- Apavorar: esse predicador apresentou 1 ocorrência de construção ergativa e apresentou 5 ocorrências de construções analíticas.
- Assustar: esse predicador apresentou 6 ocorrências de construções ergativas e não apresentou nenhuma ocorrência de construção analítica.
- Chatear: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e não apresentou nenhuma ocorrência de construção analítica.
- Chocar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 3 ocorrências de construções analíticas.
- Confundir: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 1 ocorrência de construção analítica.
- Culpar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e não apresentou nenhuma ocorrência de construção analítica.
- Desanimar: esse predicador apresentou 2 ocorrências de construções ergativas e não apresentou nenhuma ocorrência de construção analítica.
- Divertir: esse predicador apresentou 2 ocorrências de construções ergativas e apresentou 1 ocorrência de construção analítica.
- Enciumar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 3 ocorrências de construções analíticas.

- Encorajar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 1 ocorrência de construção analítica.
- Enervar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 1 ocorrência de construção analítica.
- Endoidar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 17 ocorrências de construções analíticas.
- Enlouquecer: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 1 ocorrência de construção analítica.
- Enobrecer: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e não apresentou nenhuma ocorrência de construção analítica.
- Enraivecer: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 3 ocorrências de construções analíticas.
- Entristecer: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 5 ocorrências de construções analíticas.
- Envergonhar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 9 ocorrências de construções analíticas.
- Impacientar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 1 ocorrência de construção analítica.
- Orgulhar: esse predicador não apresentou nenhuma ocorrência de construção ergativa e apresentou 1 ocorrência de construção analítica.
- Preocupar: esse predicador apresentou 2 ocorrências de construções ergativas e apresentou 1 ocorrência de construção analítica.

Considerando os predicadores psicológicos potencialmente causativo-ergativos apresentados acima, observa-se que somente 21% (5 predicadores) dos predicadores apresentados exibiram construções ergativas, quais sejam: *apavorar*, *assustar*, *desanimar*, *divertir* e *preocupar*. É interessante observar que *assustar* e *desanimar* não apresentaram nenhuma construção analítica; *divertir* e *preocupar* apresentaram duas ergativas e uma analítica e *apavorar* exibiu 1 ergativa e 5 analíticas. Isto é, somente para *assustar* e *desanimar* as construções perifrásticas não restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo. Analisando os demais predicadores apresentados acima, pode-se notar que apenas *chatear*, *culpar* e *enobrecer* não apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes. Como se viu na seção 3.5.1.1 da primeira parte da análise, esses predicadores só exibiram

construções causativas. Os outros 17 predicadores psicológicos potencialmente causativo-ergativos apresentaram apenas formas analíticas semanticamente correspondentes.

Outros três predicadores psicológicos merecem atenção: *apegar*, *penalizar* e *responsabilizar*. Esses predicadores, apesar de serem não-ergativos, também podem apresentar o pronome pseudo-reflexivo (cf. seção 2.2.4.1 da primeira parte do capítulo 2). Vejamos, então, o volume de construções sintéticas e perifrásticas que eles exibiram:

- Apegar: 2 ocorrências de construções sintéticas e 2 ocorrências de construções analíticas.
- Penalizar: nenhuma ocorrência de construção sintética e 3 ocorrências de construções analíticas.
- Responsabilizar: 1 ocorrência de construção sintética e 5 ocorrências de construções analíticas.

Observa-se que as construções analíticas também restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo dos predicadores *apegar*, *penalizar* e *responsabilizar*, pois os três predicadores ou apresentaram o mesmo número de construções sintéticas e analíticas (é o caso do predicador *apegar*) ou apresentaram um volume muito superior de construções perifrásticas.

A partir do que foi exposto, conclui-se que as construções perifrásticas restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo na classe dos psicológicos. No entanto, para que essa afirmação possa ser mantida, é necessário observar o volume de construções sintéticas e analíticas que os predicadores não-ergativos dos predicadores físicos e psicológicos, que não apresentam contexto de uso do pronome pseudo-reflexivo, apresentaram. Como, entretanto, a quantidade de predicadores não-ergativos que apresentou formas analíticas não é tão grande, verificaremos, para esse subgrupo, o volume de construções sintéticas e analíticas que apresentaram.

No que concerne aos predicadores físicos, destaque-se o *corpus* apresenta um total de 77 predicadores físicos, sendo que 18 desses predicadores (23%) são potencialmente causativo-ergativos; 3 (3%) apresentam o contexto do pronome pseudo-reflexivo, apesar de serem não-ergativos e os 56 restantes (74%) são não-ergativos e não apresentam contexto para esse pronome. Como para os 21 predicadores que apresentam contexto do pronome pseudo-reflexivo (os predicadores potencialmente causativo-ergativos e os predicadores não-ergativos

que exibem o contexto do pronome), a hipótese não pôde ser mantida, então, não é necessário checar os outros itens que apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes.

Em relação aos predicadores psicológicos, a hipótese pôde ser mantida, portanto, devemos checar os demais itens dessa classe que apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes, para legitimar a validade da hipótese. Em primeiro lugar, observemos como se dividem os 97 predicadores psicológicos do *corpus* de Santa Luzia: 25 (26%) predicadores são potencialmente causativo-ergativos; 3 (3%) predicadores são não-ergativos, mas exibem contexto para o pronome pseudo-reflexivo e os 72 predicadores dos predicadores restantes (72%) são não-ergativos e não exibem o contexto do pronome em questão. Desses 72 predicadores não-ergativos, 14 (19%) apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes. Portanto, pode-se concluir que as formas analíticas restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo na classe dos psicológicos, pois a maior parte dos predicadores potencialmente causativo-ergativos apresentou mais formas analíticas do que construções ergativas (na maioria das vezes, os predicadores só apresentaram formas analíticas) e a maior parte dos predicadores não-ergativos não apresentou formas analíticas correspondentes.

3.2- Conclusão

Na terceira parte deste capítulo, buscou-se avaliar a pertinência da hipótese que guia este trabalho, isto é, verificou-se se as construções analíticas restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo. Como se viu, essa hipótese não se mostrou pertinente para os predicadores de percepção, que não apresentaram formas analíticas e para os predicadores epistêmicos, que apresentaram somente 2% de construções perifrásticas. A hipótese foi testada na classe dos predicadores físicos e na classe dos psicológicos. No que concerne aos predicadores físicos, a hipótese não se mostrou pertinente, pois 11 predicadores físicos potencialmente causativo-ergativos apresentaram construções ergativas, mas, desses 11, somente 3 predicadores exibiram construções analíticas, o que mostra que as construções perifrásticas não restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo, já que os demais predicadores exibiram construções ergativas e não apresentaram construções analíticas. Em relação aos predicadores psicológicos, a hipótese pôde ser mantida, já que a maior parte dos

predicadores potencialmente causativo-ergativos apresentou mais formas analíticas que construções ergativas (na maioria das vezes, os predicadores só apresentaram formas analíticas) e a maior parte dos predicadores não-ergativos não apresentou formas analíticas correspondentes.

CONCLUSÃO

Para concluir esta pesquisa, serão retomados os objetivos propostos e esses serão relacionados aos resultados obtidos. Em seguida, será realizada uma avaliação das hipóteses que guiam a dissertação.

O objetivo geral do nosso trabalho foi observar todas as ocorrências (formas verbais e construções perifrásticas) dos predicadores experienciais psicológicos, físicos, epistêmicos e cognitivos que ocorreram nas dezesseis entrevistas realizadas na cidade de Santa Luzia. Para analisar esses predicadores foram usados os seguintes grupos de fatores: a distribuição sintática do experienciador, a realização morfológica dos predicadores, o item lexical e as construções pronominais. Como foi destacado no decorrer da dissertação (cf. seção 2.1 da primeira parte da metodologia, por exemplo), os três primeiros grupos de fatores foram aplicados a todas os predicadores experienciais, mas, em relação às construções pronominais, vale lembrar que foram analisadas, evidentemente, somente as ocorrências que exibiram o contexto de uso dos pronomes pseudo-reflexivos, reflexivos e recíprocos.

No que concerne aos objetivos 1 e 2, em que se propôs, respectivamente, classificar, em cada classe semântica, o experienciador, de acordo com as funções sintáticas de sujeito e de objeto, que o mesmo exerça e classificar e quantificar, em cada classe semântica, o tipo de realização morfológica dos predicadores; observou-se que os predicadores de percepção apresentaram exclusivamente formas sintéticas e ilustraram o experienciador de forma quase categórica na posição de sujeito. Os predicadores epistêmicos apresentaram um índice mínimo de construções perifrásticas (2%) e também exibiram o experienciador de forma quase categórica na posição de sujeito. Os predicadores físicos apresentaram um índice maior de formas analíticas, foram computadas 20% de construções perifrásticas e esse subgrupo ilustrou 15% de construções ExpO. Os predicadores psicológicos apresentaram um índice elevado de construções analíticas, obtiveram-se 32% dessas construções e um baixo volume de construções ExpO, foram computadas apenas 7%. Observe-se, portanto, que os predicadores experienciais analisados apresentaram preferencialmente realizações sintéticas e o experienciador estruturou-se freqüentemente na posição de sujeito. Em relação às construções pronominais, observou-se que as classes dos predicadores de percepção e dos

predicadores físicos não apresentaram construções pronominais. Essas ocorreram na classe dos psicológicos e epistêmicos, mesmo assim o índice foi de apenas 1% em cada classe.

A análise da distribuição sintática do experienciador relacionada à análise dos itens lexicais permitiu constatar que os predicadores psicológicos e físicos que ocorreram no *corpus* dividiram-se em: i) aqueles que apresentaram o experienciador apenas na posição de sujeito; ii) aqueles que apresentaram o experienciador exclusivamente na posição de objeto e iii) aqueles que apresentaram o experienciador na posição de sujeito e de objeto. Pôde-se observar que a maior parte desses predicadores se estruturou com o experienciador na posição de sujeito exclusivamente; há um pequeno volume de predicadores que se estruturou apenas com o experienciador na posição de objeto e somente alguns predicadores apresentaram construções ExpS e ExpO. Destacou-se que alguns predicadores do *corpus* de Santa Luzia podem ser considerados, a partir de uma classificação intuitiva, potencialmente causativo-ergativos. Constatou-se que a maior parte desses predicadores potencialmente causativo-ergativos também exibiu preferencialmente o experienciador na posição de sujeito exclusivamente; poucos predicadores desse subgrupo apresentaram construções ExpS e ExpO e um número menor desses predicadores apresentaram o experienciador exclusivamente na posição de objeto. Pôde-se observar que o volume de causativas e ergativas, nas classes dos psicológicos e físicos potencialmente causativo-ergativos, foi muito baixo. Na classe dos psicológicos pôde-se observar uma relação entre o baixo volume de ergativas e causativas e o alto índice de construções analíticas que os predicadores potencialmente causativo-ergativos apresentaram. Isto é, esses predicadores não exibiram construções ergativas ou causativas, porque, ao invés de apresentar a forma verbal dicionarizada, apresentaram formas analíticas semanticamente correspondentes às formas verbais.

Quanto ao objetivo 3, que consistia em analisar a relação entre a distribuição sintática do experienciador e a realização morfológica dos predicadores, constatou-se uma simetria entre os predicadores estudados. As classes dos predicadores de percepção e dos predicadores epistêmicos, que apresentam como uma das propriedades que compõem o papel temático de um de seus argumentos, a propriedade *estativo*, exibiram o experienciador de forma quase categórica na posição de sujeito e o predicador quase que categoricamente na forma sintética. Os predicadores físicos e os psicológicos, que apresentam como uma das propriedades que compõem o papel temático de um de seus argumentos, a propriedade de *afetado*, exibiram um número significativo de estruturas analíticas e permitiram que o experienciador se apresentasse na posição de sujeito e de objeto. Constatou-se, portanto, a relevância da consideração de fatores semânticos na análise das propriedades sintáticas. Essa

conclusão reveste-se de maior credibilidade pelas evidências apresentadas através da inclusão do fator morfológico, que permitiu verificar que as construções perifrásticas se associam às classes de predicadores que ilustram a propriedade de *afetado*, já que as classes que apresentaram um volume considerável de construções analíticas, possuem como uma das propriedades que compõem o papel temático de um de seus argumentos, a propriedade *afetado*. Observou-se também que as formas analíticas apareceram preferencialmente nas classes semânticas que exibiam estruturas causativas. Como se viu nas seções 3.3, 3.4 e 3.5, os predicadores epistêmicos, físicos e psicológicos que apresentaram formas analíticas também apresentaram construções causativas e os predicadores de percepção que não apresentaram formas analíticas, também não exibiram construções causativas.

Em relação ao objetivo 4, em que se propôs analisar o volume de estruturas pronominais referentes aos clíticos reflexivos, pseudo-reflexivos e recíprocos dos predicadores experienciais, na fala dos informantes de Santa Luzia, constatou-se que o apagamento do pronome é praticamente categórico nessa cidade. A análise identificou apenas quatro casos de presença do clítico. Propôs-se, a título de reflexões para pesquisa futuras, que as frequências de *token* e *type*, poderiam estar atuando na preservação do pronome. Os *types* mais frequentes na pesquisa foram: o contexto dos pronomes pseudo-reflexivos e a classe semântica dos epistêmicos. Como se viu na seção 3.5 da segunda parte da análise, o contexto propício ao uso do pronome pseudo-reflexivo é mais amplo que o dos demais pronomes. Além disso, os quatro casos de presença foram ilustrados por esse pronome. A classe semântica dos predicadores epistêmicos também apresentou mais contextos de uso do pronome e três dos quatro casos de presença foram ilustrados por essa classe. No que concerne à frequência de *token*, destacou-se que três das quatro ocorrências de presença ocorreram com o predicador *lembrar*, freqüente no *subcorpus* analisado. Contudo, o predicador *importar*, pouco freqüente no *subcorpus*, também ilustrou um caso de presença do pronome pseudo-reflexivo. Os dados do *corpus* de Santa Luzia mostram indícios de que o processo de preservação dos pronomes ocorre por difusão lexical.

O objetivo 5 relaciona-se diretamente à hipótese central que guia a presente pesquisa, ou seja, apresenta os meios para que se possa verificar se as construções analíticas restringem o contexto de ocorrência dos pronomes pseudo-reflexivos. Verificaram-se, inicialmente, quais classes semânticas apresentaram um volume de construções analíticas suficientes para que a hipótese pudesse ser testada. Como se viu, somente as classes dos predicadores psicológicos e físicos exibiram um volume considerável de construções perifrásticas e, portanto, a hipótese foi testada nessas duas classes. Na classe dos predicadores físicos, observou-se um volume

maior de construções ergativas do que na classe dos predicadores psicológicos, mas, como se viu na seção 3.7 da primeira parte da análise, a maior parte dessas construções ergativas foi ilustrada por apenas cinco itens lexicais. Além disso, conforme o que se apresentou na seção 3.1 da terceira parte da análise, apenas 3 (27%) predicadores que apresentaram construções ergativas exibiram construções analíticas. Destaque-se também que 1 predicador físico não-ergativo, que exibiu contexto para o pronome pseudo-reflexivo, apresentou também uma construção analítica correspondente. Dessa forma, a análise dos predicadores físicos não permite manter a hipótese. Constatou-se que somente na classe dos predicadores psicológicos as construções analíticas restringem o contexto do pronome pseudo-reflexivo, pois, analisando os predicadores que exibiram o contexto do pronome pseudo-reflexivo, observou-se que o volume de construções analíticas foi superior ao volume de construções sintéticas que exibiram o contexto desse pronome (construções ergativas e sintéticas que apresentaram o contexto do pronome em questão), destacou-se que muitos predicadores psicológicos potencialmente causativo-ergativos apresentaram exclusivamente formas analíticas, isto é, não apresentaram as formas verbais dicionarizadas e/ou em uso em que pronome pseudo-reflexivo poderia estar presente. Portanto, temos indícios de que a hipótese se mantém para os predicadores psicológicos. Deve-se salientar, contudo, que como o apagamento do pronome ocorre também nas classes que não apresentaram formas analíticas (ou um índice insignificante) e mesmo na classe dos predicadores físicos que apresentaram formas analíticas, a hipótese não se manteve, conclui-se que a hipótese de que a redução do contexto favorece o apagamento do pronome fica enfraquecida.

Passemos, então, à avaliação das hipóteses que guiam a pesquisa.

Defendia-se, na hipótese 1, que os predicadores experienciais privilegiariam as construções em que o experienciador se estruturasse na função sintática de sujeito. Essa hipótese mostrou-se adequada, pois, como vimos, os predicadores de todas as classes semânticas analisadas privilegiaram as construções ExpS. A classe dos predicadores de percepção não exibiram construções ExpO; os predicadores epistêmicos apresentaram 98% de construções ExpS; os predicadores psicológicos exibiram 93% de construções em que o experienciador se estruturou na posição de sujeito; os predicadores físicos ilustraram 15% de construções ExpO.

As hipóteses 2 e 3 sustentavam, respectivamente, que nas estruturas em que o experienciador exercesse a função sintática de sujeito, as construções perifrásticas seriam favorecidas e nas estruturas em que o experienciador exercesse a função de sintática de objeto, as construções sintéticas seriam favorecidas. Observando os dados do *corpus* de Santa

Luzia, constatou-se, no entanto, que os predicadores experienciais analisados apresentaram como estrutura preferencial as construções sintéticas, independentemente da função do experienciador. Isto é, nas construções ExpS e ExpO as construções sintéticas são favorecidas. Destaque-se, contudo, que, nas classes dos predicadores epistêmicos, psicológicos e físicos, nas construções ExpO, as construções sintéticas são favorecidas (cf. as seções 3.3, 3.4 e 3.5 referentes à primeira parte da análise). Além disso, observou-se que, nas classes semânticas analisadas, as formas analíticas emergem em maior volume nas estruturas ExpS.

No que concerne à hipótese 4, observou-se que os dados de Santa Luzia confirmam os dados de Veado (1980), Nunes (1990) e Rocha (1999) de que há uma tendência de apagamento dos pronomes, pois o apagamento foi praticamente categórico no *corpus* analisado.

Em relação à hipótese 5, que afirmava que os itens lexicais apresentariam um comportamento idiossincrático, tanto na análise das construções pronominais, quanto na análise da distribuição sintática do experienciador e da realização morfológica dos predicadores, vimos que os itens lexicais apresentaram comportamentos idiossincráticos em todas as etapas da análise. Observou-se que os predicadores *estudar* e *ensinar*, pertencentes à classe dos predicadores epistêmicos, apresentaram construções ExpO, apesar de os demais itens dessa classe apresentaram exclusivamente o experienciador na posição de sujeito. O predicador *estudar* exibiu uma construção causativa, que não é prevista por análises intuitivas e pelos dicionários e o predicador *ensinar* apresenta exclusivamente o experienciador na posição de objeto. Quanto às construções pronominais, propôs-se que as poucas ocorrências do pronome podem ser analisadas como resíduo de um processo de mudança lingüística que se espraia por difusão lexical, pois o predicador *lembrar*, considerado freqüente, foi o responsável por três dos quatro casos de presença do pronome e o predicador *importar*, pouco freqüente, ilustrou um caso de presença do clítico.

Motivam futuras pesquisas algumas questões que se mostraram relevantes, a saber:

- a) Observamos que o apagamento do pronome é praticamente categórico nas faixas etárias e nos grupos sociais estudados na cidade de Santa Luzia, mas, como se consideraram apenas informantes com o 1º grau incompleto, de forma a evitar que falantes com grau de contato freqüente com Belo Horizonte integrassem a amostra, é necessário realizar uma pesquisa com informantes mais escolarizados para que se possa saber se estamos diante de uma mudança em progresso.

- b) Constatou-se que os dados da cidade do Serro e de Santa Luzia são semelhantes. Considerou-se a hipótese de que essa semelhança se deva ao fato de as duas cidades terem sido criadas em decorrência da incursão dos bandeirantes em Minas Gerais. Seria interessante que novas pesquisas observassem a variável *se* nas cidades que foram criadas pelos bandeirantes ou em função de suas incursões pelo território. Além disso, vimos que nas duas cidades foram selecionados informantes com baixa escolaridade, assim, novas pesquisas poderão averiguar se essa semelhança se deve à história das cidades ou à escolaridade dos informantes.
- c) A presente pesquisa mostra indícios de que a atuação do fator item lexical se sobrepõe à dos fatores semânticos e sintático-morfológicos. Novas pesquisas, que considerem a análise desses fatores, poderão confirmar esses resultados.
- d) A proposta de papéis temáticos de Cançado (2002, 2005), adotada nesta pesquisa, mostrou-se importante, pois, como vimos, as classes semânticas que apresentam a mesma rede temática comportam-se de forma semelhante. Seria interessante que pesquisas futuras refinassem a análise da rede temática dos predicadores experienciais analisados nesta pesquisa, considerando o traço *controle* que não foi controlado.

Esperamos que esta pesquisa contribua para os estudos da variação lingüística nas diferentes regiões de Minas Gerais e que as questões propostas acima inspirem novas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- BYBEE, J. L. *Phonology and language use*. Cambridge: University Press, 2001.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. História e estrutura da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CANÇADO, M. *Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma Semântica Representacional*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
- _____. Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro. *Revista de Estudo da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.5, p. 89-114, 1996.
- _____. Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: verbos psicológicos. *Revista Gel*, 2002.
- _____. Posições argumentais e propriedades semânticas. *Revista Delta*. São Paulo, v.21, nº1, Jan./Jun 2005.
- CEGALLA, Domingos P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 37. ed. São Paulo: Nacional, 1994.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory: Linguistic Variation and its Social Significance*. Blackwell: Oxford UK & Cambridge USA, 1995.
- CIRÍACO, Larissa Santos. *A alternância causativo/ergativa no PB : restrições e propriedades semânticas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça. Projeto: *Pelas trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG/FAPEMIG, 2002.

DOGLIANI, Evelyne. *Relação sintaxe-semântica: uso e frequência dos itens lexicais*. Comunicação apresentada durante o III Congresso Internacional da Abralín, Rio de Janeiro, UFRJ, 13-15 de março de 2003.

_____. *A relação forma-sentido entre os verbos psicológicos no falar do Serro*. Comunicação apresentada na SEVFALE IV. Belo Horizonte, Faculdade de Letras, UFMG, 2004.

_____. *Relação sintaxe-semântica: uso e frequência das principais estruturas dos verbos psicológicos*. *Revista de Estudo da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.15, p. 17-38, 2007.

_____. *Avaliando o modelo da difusão lexical em processos sintáticos: as construções ergativas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ UFMG, 2008. Relatório.

DOLABELLA, Japhet. *Santa Luzia nasceu do rio...* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984.

FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria Civilização Brasileira. [1941?].

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, Press, 1972.

_____. Field methods of the project on linguistic change and variation. In: BAUGH, J. & SHERZER (eds) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Volume 2. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001.

MADUREIRA, Evelyne Dogliani. *Difusão lexical e mudanças sintáticas: os verbos psicológicos*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

- _____.Variação nas construções pronominais dos verbos psicológicos: uma decorrência de diferentes percursos históricos. In: COHEN, Maria Antonieta A. M.; RAMOS, Jânia M. (Org.). *Dialeto mineiro e o outras falas: estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, p. 109-130, 2002.
- MEGALE, Heitor. *Filologia Bandeirante: estudos I*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000.
- MENDES, Soélis T. do Prado. Que língua falavam os bandeirantes na região das Minas Gerais? In: MEGALE, Heitor. *Filologia Bandeirante: estudos I*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000.
- MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.
- MICHAELLIS, H.; WEISFZFLG, Walter. *Michaellis: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- NUNES, Jairo Morais. *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se passivador e indeterminador*. 1990. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
- OLIVEIRA, Marco Antonio de. Sobre Os reflexos sociais da mudança em progresso. *Ensaios de lingüística*, v. 7, n. 1, p. 71-89, 1982.
- _____. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudo da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, ano 1, v.1, p. 31-44, 1992.
- PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- ROCHA, Ângela de Fátima. *Clíticos reflexivos*. 1999. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.
- SILVA, Antônio de Morais. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1949.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sócio-lingüística*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

TRÊS séculos de história. *Leia agora*, Santa Luzia. p. 7, março de 2007.

VEADO, Rosa Maria Assis. *Comportamento lingüístico do dialeto rural – MG*. 1980. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

VIEGAS, Maria do Carmo. O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais. *Revista de estudos da linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, ano 4, v. 3, n. 3, 101-123, jul./dez. 1995.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábula Editorial, 2006. (Tradução de: *Empirical foundations for a theory of language change*)

WHITAKER-FRANCHI, Regina Céli Morais. As construções ergativas: um estudo semântico e sintático. 1989. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Campinas: IEL.